



INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO AMAZONAS
CAMPUS MANAUS CENTRO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

RILDA SIMONE MAIA DA SILVA

ESTÁGIO CURRICULAR E SUA CONTRIBUIÇÃO NA CONSTRUÇÃO DA
IDENTIDADE PROFISSIONAL DOS ESTUDANTES DA EDUCAÇÃO TÉCNICA DE
NÍVEL MÉDIO

Manaus - AM

2019

RILDA SIMONE MAIA DA SILVA

**ESTÁGIO CURRICULAR E SUA CONTRIBUIÇÃO NA CONSTRUÇÃO DA
IDENTIDADE PROFISSIONAL DOS ESTUDANTES DA EDUCAÇÃO TÉCNICA DE
NÍVEL MÉDIO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica, ofertado pelo Campus Manaus Centro do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestra em Educação Profissional e Tecnológica.

Orientadora: Profa Dra Deuzilene Marques Salazar

Manaus - AM

2019

S581e Silva, Rilda Simone Maia da.
Estágio curricular e sua contribuição na construção da identidade
profissional dos estudantes da educação técnica de nível médio. / Rilda
Simone Maia da Silva. – 2019.
161 p. : il.

Dissertação (Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica). –
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas,
Campus Manaus Centro, 2019.

Orientadora: Profa. Dra. Deuzilene Marques Salazar.

1. Educação profissional. 2. Identidade profissional. 3. Estágio
curricular. I. Salazar, Deuzilene Marques. (Orient.) II. Instituto Federal de
Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas III. Título.

CDD 378.013



Ministério da Educação
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas
Campus Manaus Centro
Diretoria de Pesquisa e Pós-Graduação
Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica



RILDA SIMONE MAIA DA SILVA

ESTÁGIO CURRICULAR E SUA CONTRIBUIÇÃO NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE PROFISSIONAL DOS ESTUDANTES DA EDUCAÇÃO TÉCNICA DE NÍVEL MÉDIO

Dissertação apresentada ao Programa de Pósgraduação em Educação Profissional e Tecnológica ProfPT, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas – IFAM, campus Manaus Centro, como requisito para obtenção do Título de Mestra em Educação Profissional e Tecnológica, sob orientação da Prof^a. Dra. Deuzilene Marques Salazar.

Linha de Pesquisa: Gestão e Organização do Espaço Pedagógico em Educação Profissional e Tecnológica

Aprovado em 06 de junho de 2019.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof^a. Dra. euzilene Marques Salazar — Orientadora
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas - IFAM

Prof^a. Dra. Maria Francisca Moraes de Lima
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas - IFAM

Prof^a. Dra. Nádia Maciel Falcão — Membro Externo
Universidade Federal do Amazonas - UFAM



Ministério da Educação
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas
Campus Manaus Centro
Diretoria de Pesquisa e Pós-Graduação
Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica



RILDA SIMONE MAIA DA SILVA

MEU ESTÁGIO

Produto Educacional apresentado ao Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica - ProfPT, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas — IFAM, Campus Manaus Centro, como requisito para obtenção do Título de Mestra em Educação Profissional e Tecnológica, sob orientação da Prof^a. Dra. Deuzilene Marques Salazar.

Linha de Pesquisa: Gestão e Organização do Espaço Pedagógico em Educação Profissional e Tecnológica

Validado em 06 de junho 2019.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof^a. Dra. Deuzilene Marques Salazar — Orientadora
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas - IFAM

Prof^a. Dra. Maria Francisca Morais de Lima
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas - IFAM

Prof^a. Dra. Nádia Maciel Falcao — Membro Externo
Universidade Federal do Amazonas - UFAM

À minha mãe Raimunda Maia da Silva (In Memoriam),
pelo legado que deixou e por tudo o que representa:
para mim,
para a família Maia da Silva,
para a Comunidade Cipoal,
para a Paróquia São José, e
para a educação no Planalto Santareno...

Seus ensinamentos e seu exemplo serão sempre o
meu alicerce!

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela existência.

Ao meu esposo, por compartilhar a vida e os sonhos comigo.

Ao meu pai e meus irmãos, pelo carinho, cuidado e incontáveis ajudas.

Aos cunhados, sogros e sobrinhos, pelo carinho e incentivo.

Aos amigos, pelo afeto e apoio.

Aos colegas de turma, especialmente “Os Considerados”, pela parceria e amizade.

À minha orientadora, Professora Deuzilene, pelos incentivos e ensinamentos cheios de doçura e profissionalismo.

Aos alunos e servidores das EETEPAS Itaituba e Oriximiná, pelo acolhimento e contribuições.

Ao PROFEPT/IFAM e aos professores, pela oportunidade de crescimento acadêmico e profissional.

A todos que ajudaram de alguma forma na concretização desse projeto pessoal.

RESUMO

O estágio curricular supervisionado constitui-se como um dos elementos do processo educativo e formativo nos cursos da educação profissional técnica de nível médio por integrar os saberes do trabalho, da ciência e da cultura. O estudo, como projeto da linha de pesquisa Gestão e Organização dos Espaços Pedagógicos da Educação Profissional e Tecnológica, objetivou analisar o estágio curricular supervisionado na EPTNM e sua contribuição na construção da identidade profissional dos estudantes. Os estudos de Vasquez (2007), Buriolla (1999), Pimenta e Lima (2017), Zabalza (2014), Marx (1996; 2012), Antunes (2010), Netto e Braz (2004), Saviani (2006, 2007), Frigotto (2005), Ramos (2004, 2009), Dubar (2005, 2006), Hall (1998), Kaufmann (2004) fundamentaram a discussão teórica e metodológica. A investigação assume a abordagem qualitativa e envolveu os alunos do Curso Técnico em Agropecuária, o coordenador de integração de estágio e o professor orientador-supervisor da EETEPa Itaituba. A pesquisa documental e de campo com os instrumentos grupo focal e entrevista semiestruturada subsidiaram a geração dos dados. A análise de conteúdo (BARDIN, 2011) contribuiu na interpretação dos dados e na discussão dos resultados. Os resultados apontam que o estágio enquanto ato educativo e institucional favorece a imersão profissional e contribui para o processo de construção identitária dos estudantes, num movimento de autoconhecimento e resignificação que lhes permite reconhecer ou projetar a sua identidade profissional. Também se desenvolveu um aplicativo para dispositivos móveis, denominado Meu Estágio, com o objetivo de auxiliar o processo formativo do estágio curricular supervisionado e a construção da identidade profissional dos estudantes. O estágio curricular supervisionado contribui para a construção da identidade profissional balizado pelo trabalho como princípio educativo.

Palavras-Chave: Estágio curricular supervisionado. Identidade profissional. Educação profissional técnica de nível médio.

ABSTRACT

The supervised curriculum internship constitutes one of the elements of educative and formative process in the technical training college courses, because it allows students to integrate the work, the science and culture knowledge. The study, like proposition of Management and Organization of Pedagogical Spaces of Technical and Professional Education, was aimed to analyze the supervised curriculum internship at EPTNM and their contribution in students professional identity construction. The Vasques (2007), Buriolla (1999), Pimenta e Lima (2017), Zabalza (2014), Marx (1996, 2012), Antunes (2010), Netto e Braz (2004), Saviani (2006, 2007), Frigotto (2005), Ramos (2004, 2009), Dubar (2005, 2006, 2009, 2012), Hall (1998), Kaufmann (2004), studies to justify the methodological and theoretical discussion. The investigation assumes the qualitative approach and involved the farming technical course students; the internship and integration coordinator and the supervisor-advisor teacher of the Itaituba EETEPA. The documental and field research, with the focus group half structured interview have based the data acquisition. The content analysis (BARDIN, 2011) have contributed to the data interpretation and the results discussion. The results point that the internship like institutional and educative act favors the professional immersion and contribute to the students identity constructions process in self knowledge and resignify movement that allow to recognize or to plan their professional identity. Besides that, we developed a mobile application named "Meu Estágio", aiming to help in formative process of supervised curriculum internship and to contribute to students professional identity construction. The supervised curriculum internship contributes to the professional identity construction marked by work as an educational principle.

Keywords: Supervised curriculum internship. Professional identity. Technical and professional education at high school.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Distribuição da Rede EETEPA nas áreas de integração do Estado do Pará.....	44
Figura 2 - Concepções de estágio curricular supervisionado na EETEPA ITAITUBA...	50
Figura 3 - Movimento da pesquisa	63
Figura 4 - Delineamento dos encontros de grupo focal.....	67
Figura 5 - Etapas da Análise de Conteúdo do Estudo.....	71
Figura 6 - Etapas de desenvolvimento do aplicativo educacional Meu Estágio	74
Figura 7 - Dimensões e categorias emergentes.....	77
Figura 8 - Logotipo do aplicativo	102
Figura 9 - Imagem das telas cadastro de perfil individual e novo cadastro	104
Figura 10 - Imagem da tela menu inicial	105
Figura 11 - Imagens da tela de abertura	106
Figura 12 - Imagem da tela institucional.....	107
Figura 13 - Imagem da tela documentos.....	107
Figura 14 - Imagem das telas: diário e relatório geral	108
Figura 15 - Imagem da tela fique ligado	109
Figura 16 - Imagem da tela biblioteca virtual.....	110
Figura 17 - Imagem das telas chat individual e coletivo	111
Figura 18 - Imagem da tela sobre	111
Figura 19 - Interface administrativa	113

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Estudos sobre o estágio na educação técnica de nível médio	16
Quadro 2 - Critérios de avaliação do estagiário na EETEPA	57
Quadro 3 - Relação dos documentos analisados no âmbito nacional.....	64
Quadro 4 - Relação dos documentos analisados no âmbito estadual e local	65
Quadro 5 - Roteiro de perguntas do grupo focal	67
Quadro 6 - Identificação dos estudantes.....	69
Quadro 7 - Roteiro de perguntas da entrevista e seus objetivos.....	70
Quadro 8 - Identificação dos servidores.....	70
Quadro 9 - Entendimento dos participantes sobre o estágio	78
Quadro 10 - Relação escola e campo de estágio.....	82
Quadro 11 - Entendimento de estágio como imersão profissional	88
Quadro 12 - Percepção da identidade para si.....	92
Quadro 13 - Percepção da identidade pelos outros	95
Quadro 14 - Percepção da projeção identitária profissional pela negociação	98
Quadro 15 - Ferramentas mais utilizadas pelos participantes.....	118
Quadro 16 - Contribuições do aplicativo segundo os usuários	119
Quadro 17 - Sugestões dos usuários para melhoria do aplicativo	119

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas

ACT - Acordo de Cooperação Técnica

APP - Aplicativo

BDTD - Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações

CNE - Conselho Nacional de Educação

CEB - Câmara de Educação Básica

CNCT – Catálogo Nacional de Cursos Técnicos

COEP - Coordenação de Educação Profissional

COEP - Coordenadoria de Educação Profissional

DEMP - Diretoria de Ensino Médio

EETEPA ITAITUBA - Escola Estadual de Educação Profissional e Tecnológica de Itaituba

EPTNM - Educação Profissional Técnica de Nível Médio

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IFAM - Instituto Federal do Amazonas

IFSC – Instituto Federal de Santa Catarina

LDB - Lei de Diretrizes e Bases

MEC - Ministério da Educação

OSETTP - Organização Social Escola de Trabalho e Produção do Pará

PC - Plano de Curso

PROFEPT - Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica

REDE EETEPA - Rede de Escolas de Ensino Técnico do Estado do Pará

PROEJA - Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos

SAEN - Secretaria Adjunta de Ensino

SEDUC - Secretaria de Educação

SETEC - Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica

TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 O ESTÁGIO NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL TÉCNICA DE NÍVEL MÉDIO: INTERFACE ENTRE TRABALHO E IDENTIDADE PROFISSIONAL	200
2.1 O trabalho como princípio educativo no processo de estágio	222
2.2 A construção da identidade profissional no estágio	333
3 ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO NA EETEPA ITAITUBA.....	433
3.1 Diretrizes e funcionamento da Rede EETEPA	433
3.2 Concepções teóricas e metodológicas do estágio na EETEPA Itaituba.....	4747
4 PERCURSO METODOLÓGICO DA INVESTIGAÇÃO E DA CONSTRUÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL.....	600
4.1 Caracterização do universo da pesquisa.....	611
4.2 Geração e análise dos dados: movimento da pesquisa	633
4.3 Processo de desenvolvimento do produto educacional	72
5 ESTÁGIO E IDENTIDADE PROFISSIONAL NA PERCEPÇÃO DOS SUJEITOS PARTICIPANTES.....	777
5.1 Estágio como ação pedagógica e institucional.....	788
5.2 Estágio como espaço de construção da identidade profissional	866
6 CONHECENDO O APLICATIVO EDUCACIONAL <i>MEU ESTÁGIO</i>	1000
6.1 Por que utilizar o <i>App Meu Estágio</i> ?	1000
6.2 O logotipo.....	1011
6.3 Informações técnicas	1033
6.4 Entendendo as ferramentas	1044
6.5 O processo de alimentação do produto.....	1122
6.6 A validação do aplicativo	1133
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	121
REFERÊNCIAS.....	125
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO DE AVALIAÇÃO DO APLICATIVO.....	1311
APÊNDICE B – MEU ESTÁGIO – APLICATIVO EDUCACIONAL	13434

1 INTRODUÇÃO

O estágio curricular supervisionado se constitui como importante componente curricular na formação dos estudantes dos cursos da Educação Profissional Técnica de Nível Médio (EPTNM), com amplo potencial integrador de diversas aprendizagens. Trata-se de uma atividade teórica e prática que propicia a imersão do estudante no mundo do trabalho dentro de um processo de formação que entenda o trabalho como princípio educativo. Nesse movimento, o estágio constitui-se um importante espaço para a construção da identidade profissional dos estudantes.

Para investigar o estágio no contexto da EPTNM é necessário compreender os seus princípios básicos e sua forma de organização conforme a legislação brasileira.

Nesse sentido, destacamos alguns princípios norteadores que são definidos pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para a EPTNM, são eles: a relação e articulação entre a formação desenvolvida no ensino médio e a preparação para o exercício das profissões técnicas, a indissociabilidade entre teoria e prática no processo de ensino-aprendizagem, o trabalho como princípio educativo, a articulação entre educação básica e educação profissional e a indissociabilidade entre educação e prática social (BRASIL, 2012). Todos esses princípios indicam a preocupação com a formação humana integral do estudante por meio da articulação de diversos aspectos.

A EPTNM é oferecida nas formas articulada e subsequente, conforme definição da LDB nº 9.394/1996 a partir da alteração da Lei nº 11.741 de 2008.

Sobre o estágio desenvolvido nos cursos da EPTNM, ele pode ser assumido pelas instituições como obrigatório ou não obrigatório, conforme determinação da Lei Nº 11.788/2008. O que determina a obrigatoriedade ou não, segundo a lei, é o disposto nas diretrizes curriculares da etapa, modalidade e área de ensino e o projeto pedagógico do curso. A referida lei entende o estágio como um ato educativo supervisionado. Essa concepção, também, é reforçada pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para a EPTNM ao orientar que a organização curricular dos cursos deve explicitar o estágio profissional supervisionado, em termos de prática

profissional em situação real de trabalho, sendo que este deve ser assumido como ato educativo da instituição educacional (BRASIL, 2012).

Para além do ponto de vista legal, compreendemos o estágio curricular supervisionado como uma atividade formadora capaz de proporcionar uma vivência de emancipação do estudante, na perspectiva da práxis educativa.

Essa concepção entende o trabalho como central da existência humana e, portanto, influenciador e determinante de todos os aspectos da vida humana, inclusive no processo de formação identitária dos indivíduos. Nesse sentido, a identidade profissional é construída no processo de socialização do indivíduo com diferentes pessoas, contextos e instituições e estabelece uma percepção de si mesmo e uma percepção que os outros têm dele, o que podemos interpretar como um processo de visualização do “eu no mundo”.

Defendemos, portanto, que o estágio pode desenvolver uma construção identitária por meio da percepção das capacidades e realização de desejos do estudante, além de entender a forma como suas competências e sua possível carreira profissional são identificadas ou avaliadas pelos outros. Desse modo, a construção da identidade é um processo dinâmico de interação entre a individualidade e a relação com o outro, decorrente da história de vida do indivíduo, de acordo com as interações estabelecidas ao longo de sua trajetória.

Nessa perspectiva, o objeto dessa pesquisa é o estágio curricular supervisionado desenvolvido no âmbito da Educação Profissional Técnica de Nível Médio e o problema que a direciona é: como o estágio curricular supervisionado pode contribuir para a construção da identidade profissional dos estudantes da EPTNM?

A investigação foi realizada no âmbito da Escola Estadual de Educação Tecnológica de Itaituba (EETEPA ITAITUBA) e o universo da pesquisa envolveu os alunos do Curso Técnico em Agropecuária, da forma subsequente, que estavam em campo de estágio no período da pesquisa, além dos servidores da escola que atuam diretamente na condução do estágio, são eles: o coordenador de integração de estágio e o professor orientador-supervisor.

Entende-se que a discussão sobre o estágio curricular supervisionado e sua contribuição para a identidade profissional do estudante é relevante do ponto de vista social, acadêmico e pessoal.

Do ponto de vista social se justifica pela necessidade de buscarmos caminhos diferentes para compreender a complexidade em que está imersa, hoje, a educação brasileira e, especificamente, a educação profissional técnica de nível médio e escolhemos entendê-la a partir do estágio curricular supervisionado, por percebermos ser esse um momento privilegiado no processo de formação estudantil, por possibilitar a imersão nos contextos de trabalho e se constituir como um espaço de construção da identidade profissional.

Hoje, vivenciamos um contexto de transformações no processo produtivo que influencia a relação do trabalhador com seu trabalho, já que, de forma crescente, se produz mais, em menos tempo, e com um número cada vez mais reduzido de trabalhadores. A sociedade atual reflete de forma inconfundível as mudanças e transformações de todos os aspectos (social, econômico, ambiental, cultural e individual) que tem caracterizado o mundo contemporâneo (DIAS PEDRO, 2011).

Todas essas mudanças num tão reduzido espaço de tempo afeta, diretamente, os estudantes em seu processo de formação escolar e profissional e torna-se um aspecto relevante para investigação, pois aponta para um renovado interesse pela questão das trajetórias e identidades profissionais.

Assim, entendemos que esse não é o tipo de sociedade e o ideal de educação que almejamos. Portanto, compreendemos que ampliar a discussão sobre a relação entre educação e trabalho sob a ótica do estágio supervisionado no ensino médio integrado na perspectiva da construção da identidade profissional é propiciar meios para que a comunidade entenda as situações postas e busque formas de resistência.

Do ponto de vista acadêmico, essa pesquisa se justifica pela escassez de estudos sobre o estágio supervisionado na educação profissional técnica de nível médio. Em consulta as bases de dados *Scielo* e Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), encontramos um total de 15 (quinze) estudos que discutem a temática, conforme detalhado no quadro 1.

Quadro 1 – Estudos sobre o estágio na educação técnica de nível médio

Palavras-chave	SCIELO	BDTD/ DISSERTAÇÕES	BDTD/ TESES
Ensino técnico e estágio	0	4	1
Educação técnica de nível médio e estágio	0	6	0
Ensino médio e estágio	0	1	0
Educação profissional e estágio	1	2	0

Fonte: Elaborado pela autora a partir da consulta as bases de dados *Scielo* e BDTD, 2019.

Apresentamos a seguir uma síntese dos estudos que consideramos relevantes dentre os trabalhos pesquisados.

Encontramos a Tese de Almeida (2008) cujo título é “O estudante do ensino médio e técnico e a precarização do trabalho: perspectivas e adaptação: um estudo de caso de jovens estagiários”, desenvolvida no âmbito da Universidade Estadual de Campinas. O objetivo dessa tese é apreender o processo de inserção do estudante de ensino médio e da escola técnica no mercado de trabalho por meio de estágios socioculturais.

Identificamos a dissertação de Santos (2009) intitulada “A realidade do estágio supervisionado no ensino profissionalizante de nível médio: um estudo sobre o curso de Técnico Agrícola, da Escola Agrotécnica Federal de Colorado do Oeste-RO”, ligada ao programa de mestrado da Universidade de Brasília. A investigação discorre sobre a realidade do Estágio Supervisionado no Ensino Profissionalizante de nível médio, especificamente, no curso Técnico Agrícola, com Habilitação em Agropecuária e suas implicações na formação profissional do aluno.

Fino (2007) em sua pesquisa intitulada “Estágio supervisionado do técnico em nutrição e dietética em instituições hospitalares: a ótica dos estagiários” desenvolvida na Universidade Federal de São Paulo faz uma análise da contribuição do estágio supervisionado, em Instituições Hospitalares, na formação profissional do técnico em Nutrição e Dietética, na ótica dos estagiários.

Os estudos de Ribeiro (2011) com o título “Ensino Médio Integrado: o estágio como um dos elementos articuladores da educação geral e profissional”, do programa de Mestrado em Educação da Universidade Federal do Maranhão, investigou o estágio como um dos elementos articuladores do ensino médio técnico integrado à formação profissional no âmbito do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Maranhão IFMA, Campus São Luís Monte Castelo.

Identificamos em Dutra (2009) na dissertação de mestrado “Entre a escola e a fábrica: o papel do estágio na formação de técnicos em transformação de termoplásticos no IFSUL - Campus Sapucaia do Sul” desenvolvida na Universidade Federal do Rio Grande do Sul que objeto de estudos foi a prática de estágios na educação profissional, buscando conhecer seus aspectos e sua contribuição na constituição do técnico industrial de nível médio.

Na dissertação de Mestrado de Ferreira (2007) cujo título é “Estágios para alunos de ensino médio: análise da relação entre uma escola pública e uma ONG na cidade de São Paulo”, do Programa de Mestrado em Educação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo o autor investiga a relação entre uma ETE (Escola Técnica Estadual) de São Paulo e uma ONG (Organização Não Governamental) no que se refere ao encaminhamento de alunos do Ensino Médio para estagiar no mercado de trabalho.

Identificamos, ainda, os estudos de Pereira (2008) com o título “O estágio supervisionado na formação dos alunos do Colégio Agrícola Senador Carlos Gomes de Oliveira/SC: a relação entre o discurso e a prática”, cuja dissertação teve por objetivos identificar o significado que os alunos do Colégio Agrícola Senador Carlos Gomes de Oliveira (CASCGO) têm a respeito do estágio supervisionado; diagnosticar a influência do estágio na formação do aluno e as perspectivas da disciplina práticas profissionais em relação ao estágio.

E por fim, verificamos a dissertação de mestrado de Mendonça (1981) com o título “A avaliação de estágio no ensino de 2º. Grau”, cujo objetivo visa sugerir formas adicionais de controle do trabalho escolar, no ensino de 2º grau profissionalizante.

Detectamos nessa busca que a quantidade de estudos sobre o estágio na educação profissional técnica de nível médio é inexpressiva diante da sua importância. Percebe-se que essa constatação aumenta a importância dessa discussão no meio acadêmico, haja vista que a realização de estágio curricular supervisionado é uma realidade nos cursos de EPTNM em todo o país e mais, especificamente, na Rede ETEPA.

Tendo em vista a importância do estágio supervisionado para a formação profissional, as contradições que envolvem a temática, a necessidade de avançar no seu conhecimento e a escassez de estudos sobre o fenômeno é que entendemos ser importante investigá-lo.

E por fim, essa discussão tem grande importância do ponto de vista pessoal, pois temos um envolvimento profissional e uma identificação pessoal com a temática do ensino médio na educação do estado do Pará. Atuamos como servidora pública na secretaria de educação do Estado do Pará (SEDUC-PARÁ) há dez anos, no exercício do cargo de especialista em educação. No decorrer deste período, o

trabalho por sete anos, em uma escola pública de ensino médio acendeu a preocupação com o processo formativo dos estudantes na escola básica.

Hoje, após três anos atuando em uma unidade administrativa regional da SEDUC PARÁ, temos condições de analisar essa formação em nível de sistema de ensino, no sentido de perceber como as decisões educacionais são percebidas e executadas pelas escolas.

Desse modo, impulsionados pelas justificativas que tornam essa investigação relevante no seu âmbito social, acadêmico e pessoal, consideramos importante enfatizar as intenções que a envolvem. Nesse sentido, o objetivo geral dessa pesquisa é Compreender o estágio na Educação Profissional Técnica de Nível Médio e sua contribuição para a construção da identidade profissional dos estudantes.

Pretendemos alcançar essa intenção maior, por meio de quatro objetivos específicos. São eles: discutir o estágio curricular supervisionado na EPTNM na interface entre trabalho e identidade profissional; identificar os objetivos e as concepções teórico-metodológicas do estágio curricular supervisionado na EETEPA Itaituba; analisar o processo formativo no estágio curricular supervisionado e elaborar um produto educacional que auxilie os processos de estágio e contribua para a construção da identidade profissional dos estudantes.

Assim, essa dissertação está organizada em cinco seções que buscam discutir a temática a partir dos objetivos propostos. Na primeira seção fazemos uma discussão sobre o estágio na educação profissional técnica de nível médio na interface entre o trabalho e identidade profissional.

Na segunda, identificamos as concepções teóricas e metodológicas do estágio curricular supervisionado desenvolvido na EETEPA Itaituba a partir de documentos norteadores do estágio em âmbito nacional, estadual e local.

Na terceira seção apresentamos o percurso metodológico da investigação e, na quarta, fazemos a análise da relação entre estágio e identidade profissional na percepção dos sujeitos participantes. Na última seção, mostramos produto educacional desenvolvido durante o processo de investigação e o processo de validação.

2 O ESTÁGIO NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL TÉCNICA DE NÍVEL MÉDIO: INTERFACE ENTRE TRABALHO E IDENTIDADE PROFISSIONAL

O estágio curricular supervisionado constitui-se como atividade formativa dentro dos cursos da EPTNM, capaz de propiciar a imersão no mundo do trabalho e da profissão e de promover a integração entre os saberes teóricos e práticos. Desse modo, precisa ser pensado e organizado para atender os propósitos educacionais a que se destina, no intuito de oportunizar ao aluno um aperfeiçoamento técnico, cultural, científico e humano.

Para melhor situar o leitor sobre a discussão do tema em debate, considera-se importante fazer uma breve retrospectiva da legislação de estágio no Brasil, destacando as mudanças desde a primeira legislação até a atual. O estágio foi oficializado para os cursos técnicos no Brasil, a partir de 29/09/67 atrelado ao âmbito do trabalho, com a emissão da Portaria nº 1.002 pelo Ministério do Trabalho e Previdência Social (SANTOS, 2009). No âmbito educacional, a Lei nº 5.692/71 define que as habilitações profissionais devem ser realizadas em regime de cooperação com as empresas. A lei limita-se a dizer que o estágio não acarreta vínculo empregatício, mesmo que se remunere o aluno estagiário e que as obrigações serão especificadas entre a empresa e o estabelecimento de ensino. (SANTOS, 2009). A Lei nº 6.494/77, que dispõe sobre o estágio de estudantes de ensino superior, ensino profissionalizante do 2º Grau e supletivo, orienta que

Os estágios devem propiciar a complementação do ensino e da aprendizagem a serem planejados, executados, acompanhados e avaliados em conformidade com os currículos, programas e calendários escolares a fim de se constituírem em instrumentos de integração, em termos de treinamento prático, de aperfeiçoamento técnico-cultural, científico e de relacionamento humano (BRASIL, 1977, p. 1).

Com a Lei nº 6.494/77 é que se delinea mais claramente o objetivo do estágio nas instituições brasileiras. Ela foi revista após trinta anos de sua implementação, sendo revogada pela Lei nº 11.788/08 de 25/09/08. A atual Lei do Estágio define:

Estágio é ato educativo escolar supervisionado, desenvolvido no ambiente de trabalho, que visa à preparação para o trabalho produtivo de educandos que estejam frequentando o ensino regular em instituições de educação superior, de educação profissional, de ensino médio, da educação especial e dos anos finais do ensino fundamental, na modalidade profissional da

educação de jovens e adultos. (...) O estágio faz parte do projeto pedagógico do curso, além de integrar o itinerário formativo do educando. (...) O estágio visa ao aprendizado de competências próprias da atividade profissional e à contextualização curricular, objetivando o desenvolvimento do educando para a vida cidadã e para o trabalho (BRASIL, 2008, p. 1).

A Lei 9.394/96, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, em vigência, em seu artigo 82 delega aos sistemas de ensino o estabelecimento de normas para a realização do estágio sob sua jurisdição. A Resolução CNE/CEB nº 01 de 21/01/04, com base no prescrito do referido artigo da LDB propõe diretrizes para a organização de estágio de alunos da educação profissional e de ensino médio, inclusive nas modalidades de educação especial e de educação de jovens e adultos. Considera que toda atividade de estágio será sempre curricular e supervisionada, assumida, intencionalmente, pela instituição de ensino.

A Resolução CNE/CEB nº 06 de 20/09/12 orienta que as instituições de educação profissional técnica de nível médio devem explicitar o estágio profissional supervisionado em sua organização curricular, compreendido como uma prática profissional em situação real de trabalho e assumido como ato educativo da instituição educacional, quando for prevista a sua realização. Essa normativa define alguns critérios para sua estruturação.

O estágio profissional supervisionado, quando necessário em função da natureza do itinerário formativo, ou exigido pela natureza da ocupação, pode ser incluído no plano de curso como obrigatório ou voluntário, sendo realizado em empresas e outras organizações públicas e privadas, à luz da Lei nº 11.788/2008 e conforme Diretrizes específicas editadas pelo Conselho Nacional de Educação.(...) A carga horária destinada à realização de atividades de estágio profissional supervisionado deve ser adicionada à carga horária mínima estabelecida pelo Conselho Nacional de Educação ou prevista no Catálogo Nacional de Cursos Técnicos para a duração do respectivo curso técnico de nível médio ou correspondente qualificação ou especialização profissional (BRASIL, 2012, p. 6).

De modo geral, nota-se que as regulamentações de estágio entendem que toda a atividade de estágio será curricular, supervisionada e de competência, e assumida, intencionalmente, pela instituição de ensino, sendo, compreendido, como um procedimento didático e um ato educativo. Nesse sentido, o estágio deve integrar a proposta pedagógica e os instrumentos de planejamento curricular do curso, sendo planejado, executado, acompanhado e avaliado conforme os objetivos propostos. Deve ser compreendido como um meio que contribui para o processo de

construção da identidade profissional enquanto instrumento de integração dos aspectos técnico, cultural, científico e humano.

Desse modo, entendemos que o estágio supervisionado deve estar no centro das discussões de pessoas e instituições, diretamente, envolvidas na formação profissional e tecnológica dos estudantes, pois pode articular a teoria e a prática profissional, configurando-se como lócus, onde a identidade profissional do aluno é gerada, construída e referida. É desenvolvido por meio da vivência das ações que devem ser reflexivas e críticas e, por isso, deve ser planejado de forma gradativa e sistemática (BURIOLLA, 1999).

Compreendemos que os sistemas de ensino e as escolas devem planejar, executar, acompanhar e avaliar o estágio supervisionado desenvolvido nas instituições de maneira a proporcionar aos estudantes um processo de formação que se proponha a integrar os diferentes aspectos que envolvem o mundo do trabalho, de maneira que este educando possa entrelaçar os conhecimentos do trabalho, da ciência e da cultura; também, consiga compreender os conhecimentos técnicos de sua profissão instrumentalizados pelos conhecimentos científicos. Um estágio que contribua, essencialmente, para a construção da identidade profissional do estudante.

No decorrer das leituras sobre estágio curricular supervisionado, identificamos duas categorias que, a nosso ver, merecem aprofundamento na discussão sobre a formação do futuro profissional. Essas categorias são: trabalho e identidade profissional. No decorrer deste capítulo contextualizamos o trabalho como princípio educativo no processo de estágio e delineamos o entendimento do estágio como um espaço na construção da identidade profissional.

2.1 O trabalho como princípio educativo no processo de estágio

Ao longo do tempo, o homem precisou criar formas para sobreviver e satisfazer as suas necessidades, para tanto, precisou intervir na natureza para garantir a sua existência.

Diferente dos animais, que se adaptaram à natureza, o homem agiu sobre ela, transformando-a, já que homens e animais se diferenciam, fundamentalmente, pela produção de sua existência, ou seja, o homem, ao se contrapor ao animal, produz a sua vida material através do trabalho, os animais se mantêm vivos caçando

seus alimentos, impulsionados, simplesmente, pelos instintos, enquanto os homens adquirem seus alimentos, realizam uma atividade orientada a um fim, ou seja, de forma planejada, capacidade essa não encontrada nos animais.

Marx (1996) pressupõe o trabalho numa forma em que pertence, unicamente, ao homem. Segundo o autor, uma aranha executa operações semelhantes as do tecelão, assim como, a abelha na construção de favos de sua colmeia, mas o que diferencia o arquiteto da abelha é que ele construiu o favo em sua cabeça, antes de construí-lo em cera. Dessa forma, o resultado do processo de trabalho já existia na imaginação do trabalhador, no campo das ideias.

Assim, entende-se que o aspecto diferencial do ser humano em relação aos outros animais, a sua característica essencial, é o trabalho, que não é uma atividade de sobrevivência instintiva, mas pelo contrário, é uma atividade planejada, e a ação do trabalho é a maneira com que reflete o seu modo de vida e, ao mesmo tempo, reflete o que são, dependendo das condições materiais dessa produção, além das condições em que trabalha.

O homem, ao atuar sobre a natureza, trabalhando, a modifica e, ao mesmo tempo, também se modifica, constitui-se como homem e se identifica com o seu trabalho, pois se considera uma atividade, exclusivamente, humana.

Antes de tudo, o trabalho é um processo entre o homem e a natureza, um processo em que o homem, por sua própria ação, media, regula e controla seu metabolismo com a natureza. Ele mesmo se defronta com a matéria natural como uma força natural. Ele põe em movimento as forças naturais pertencentes à sua corporalidade, braços e pernas, cabeça e mão, a fim de apropriar-se da matéria natural numa forma útil para sua própria vida (MARX, 1996, p. 297).

Dessa forma, o trabalho é aqui entendido como a ação do homem sobre a natureza, adaptando-a e transformando-a para satisfazer as necessidades humanas. O homem modifica a natureza e, também, se modifica: a natureza é seu meio de produção e sua matéria prima, da qual retira sua vida como trabalhador, no que se refere à questão física e social. Nesse sentido, matéria prima é o objeto que já foi tratado, arrancado de seu meio, por exemplo, a madeira que é retirada da floresta. O meio de produção é o que se coloca entre o homem e o objeto de trabalho, e é, também, o meio de trabalho. O objeto do qual o trabalhador se apropria, diretamente, como por exemplo, as ferramentas, é o seu meio de trabalho.

Esses meios são mediadores do grau de desenvolvimento de mão de obra e são indicadores das condições de trabalho. Existe, ainda, a mediação que não entra, diretamente, no processo e que já contem em si um trabalho, como é o caso das estradas, os prédios como local de trabalho, dentre outros. O meio e objeto aparecem como meios de produção.

Então, podemos dizer que a condição de trabalho do homem pode ser determinada pelas ferramentas que o homem usa para trabalhar, o local em que atua e a matéria prima que utiliza. Nesse contexto, a produção de bens realiza-se através do processo de trabalho que envolve os seguintes elementos: a) os meios de trabalho: tudo o que se vale o homem para trabalhar (instrumentos, ferramentas, instalações, etc.); b) os objetos de trabalho: tudo aquilo sobre o qual incide o trabalho humano (matérias naturais brutas ou já modificadas pela ação do trabalho); c) força de trabalho: energia humana utilizada para transformar os objetos de trabalho em bens úteis para a satisfação das necessidades. O conjunto desses elementos denomina-se forças produtivas (NETTO; BRAZ, 2004).

Esse tipo de trabalho em que o homem utiliza aquilo que produz, é intitulado por Marx (1996) como trabalho concreto. O trabalho concreto é aquele em que o homem se reconhece, no qual ele determina sua identidade e consome o que produziu, gerando, assim, valor de uso. É um trabalho que tem um sentido de utilidade, de relação de intercâmbio entre os homens e a natureza, condição para a produção de coisas, socialmente, úteis e necessárias, o trabalho em sua dimensão qualitativa (ANTUNES, 2010). Porém, quando a força de trabalho é dominada por outro homem, o trabalho muda de caráter, a força de trabalho não pertence mais ao trabalhador, tornando-se mercadoria ao ser comprada. A esse processo Marx (1996) denomina de trabalho abstrato, pois o homem passa a desconhecer o processo e o produto e fica alienado da produção.

[...] Ao desaparecer o caráter útil dos produtos de trabalho, desaparece o caráter útil dos trabalhos nele representados, e desaparecem, também, portanto, as diferentes formas concretas desses trabalhos, que deixam de diferenciar-se um do outro para reduzir-se um uma totalidade a igual trabalho humano, a trabalho humano abstrato (MARX, 1996, p.167).

Esse modo é baseado na força produtiva, no trabalho e nos meios de trabalho, incluindo as relações que o trabalho estabelece. Essas relações de trabalho determinam o estado social. O trabalho não é apenas uma atividade

específica de homens em sociedade, mas também, o processo histórico pelo qual surgiu o ser desses homens, o ser social. Pela mediação do trabalho, a sociedade se constituiu como tal e mediante o trabalho os homens produziram-se a si mesmo, tornando-se, para além de seres naturais, seres sociais (NETTO; BRAZ, 2004).

O homem para realizar o seu trabalho, insere-se em relações sociais, e essas é que determinam a sua consciência. O começo da consciência é marcado pelo fato de o homem entender sua necessidade de relação com o outro e se desenvolver com o aumento da produtividade, das necessidades e, também, da evolução do aumento populacional (MARX, 2012).

Nesse sentido, as relações de produção são relações que o homem estabelece entre si para produzir e distribuir produtos. Nem todos os homens cumprem o mesmo papel, nem todos ocupam o mesmo lugar na produção e é, por isso, que é importante salientar que os modos de produção estão, intimamente, ligados ao desenvolvimento da sociedade e com a vida dos indivíduos, portanto, a cada modo de produção diferente, existe também uma maneira de organizar a sociedade em seus diversos aspectos político, econômico, educacional, cultural, entre outros.

Ao longo da história, diferentes sociedades, relativamente às suas forças produtivas, mantiveram, também, distintas relações de produção. No sistema de produção escravista, os senhores eram donos da terra, dos instrumentos e dos próprios escravos; no sistema de produção feudal, os senhores eram os proprietários da terra, sendo os servos donos de algumas ferramentas e meios de produção secundária; no capitalismo, a burguesia detém os meios de produção, restando à classe trabalhadora vender sua força de trabalho. No capitalismo todo produto é mercadoria, sendo que os capitalistas compram a força de trabalho dos proletários pagando a estes produtores, uma remuneração em dinheiro (NETTO; BRAZ, 2004).

No processo histórico, o trabalho sofre uma mudança, pois começa a ocorrer a exploração do homem sobre o homem, ou seja, a partir desse momento existe, de um lado, um indivíduo que pensa e planeja o trabalho e o concebe em sua totalidade e, em contrapartida, do outro lado, passa haver um indivíduo que executa esse plano pré-estabelecido e imposto, de forma que lhe resta apenas desenvolver a atividade braçal, sem ter conhecimento geral da atividade determinada. Essa é a divisão do trabalho manual e trabalho intelectual.

Desse modo, constatamos que a divisão do trabalho propriamente dita é a divisão entre trabalho manual e trabalho intelectual. Assim, existe a constatação de que a divisão de trabalho e propriedade são coisas idênticas, sendo a escravidão a primeira forma de propriedade, além de já existir a posse sobre a força de trabalho do outro. Essa força, então, passou a ser considerada com uma mercadoria de que se podia dispor no mercado, pois o homem começou a vendê-la a outro homem, detentor dos meios de produção.

Assim, percebemos que o trabalho, ao longo da história, perdeu o seu conceito humanizado e passou a adquirir novos contornos que o tornam penoso, alienante. A divisão do trabalho começa a acontecer quando há a exploração do trabalhador, dividindo-se o trabalho manual do trabalho intelectual, e esse processo é exatamente o que acontece no sistema capitalista. O padrão de acumulação taylorista/fordista é o maior exemplo da divisão do trabalho, pois introduziu a fragmentação nos mecanismos de trabalho, levando em conta a racionalização do tempo e o estudo de cada movimento dos funcionários, o que proporcionaria o aumento da produção em menor tempo, além da separação entre gerência, supervisão e o trabalho mais braçal.

Esse padrão depois foi substituído por um novo regime de acumulação, o toyotismo¹, sendo motivado por um novo processo de reestruturação capitalista, com uma nova organização política e ideológica: o neoliberalismo, que vem, fortemente, marcado pela privatização do Estado, pela desregulamentação dos direitos trabalhistas, bem como pela decomposição do setor produtivo estatal. No toyotismo, os trabalhadores precisam ser polivalentes, com a capacidade de executar várias funções e para isso é necessário se exigir novos saberes para esse trabalho com outras competências, como a capacidade de abstração, autonomia e iniciativa.

A expansão do toyotismo cria as bases para o que se denominou de modelo de acumulação flexível que, hoje, está em processo de expansão. Esse regime prevê a flexibilidade dos processos de trabalho, de consumo e mercado e aumenta o setor de serviços. Para dar conta das demandas do processo de produção, utiliza a estratégia de terceirização, subcontratação, trabalho intermitente. É um sistema de trabalho que se sustenta na inovação tecnológica, com o aumento intenso dos processos de automação e, portanto, se consolida como um modelo mais lucrativo

¹ Para aprofundamento dos temas toyotismo e neoliberalismo ver Antunes, 2010 e Frigotto, 2006.

para o capitalismo do século XXI, principalmente por aumentar a exploração da classe trabalhadora.

Antunes (2010) enfatiza que o toyotismo se expande a partir da necessidade de satisfazer pequenos e variados pedidos e, dessa forma, resolve o problema da superprodução, decorrente do sistema de produção fordista. Como, a partir desse modelo, a produção é feita conforme a demanda é necessário criar estratégias para fomentar essa demanda. O resultado desse trabalho é o aumento do fetichismo² da mercadoria que significa atribuir à mercadoria um valor que está além do valor de seu uso. Desse modo, como serão produzidos em maior demanda, os bens informacionais, de entretenimento, dentre outros, há um reforço da ideia de que cada mercadoria só tem valor a partir do fetichismo.

Esse novo padrão de acumulação, também, incentiva o operário a participar de projetos de produtos com suas sugestões, o que ainda é uma nova maneira de se apropriar das forças de trabalho sem custos. Desse modo, o trabalhador sente-se convencido de que faz parte do gerenciamento da empresa e passa a defendê-la de todas as formas.

Apesar dessas mudanças, o operário continua a ser desqualificado de fato, pois o trabalhador se mantém privado do conhecimento a respeito de todo o processo de produção. Todavia, o indivíduo não se vê nessa condição de desqualificação, pois, agora, ele pode realizar várias tarefas diferentes, operando múltiplas máquinas e desempenhando muitas funções, ao mesmo tempo. O resultado social desse processo de reestruturação é o enfraquecimento das forças sindicais organizadas. Os sindicatos deixam de pautar os seus objetivos na emancipação humana e passam a assumir o papel de negociadores da garantia dos direitos dos trabalhadores (ANTUNES, 2010).

É necessário encontrar um novo sentido para o trabalho, além do capital, buscar um trabalho autônomo, autodeterminado e produtor de coisas úteis dando a vida um novo sentido, além de resgatar o sentido de humanidade social que o mundo atual vem fazendo desmoronar e essa busca perpassa pela histórica relação entre trabalho e educação.

Ao nos reportamos ao processo histórico da relação entre trabalho e educação, percebemos que essa relação vai sendo desconstruída ao longo do tempo.

² Para aprofundamento do termo fetichismo, ver Antunes, 2010.

Vale destacar que a divisão dos homens em classe veio provocar uma cisão da unidade da educação, antes identificada com o próprio sentido do trabalho. Vejamos a análise desenvolvida por Saviani (2007): nas comunidades primitivas, sob o modo de produção comunal, as pessoas aprendiam na medida em que viviam. Elas aprendiam umas com as outras, na lida com a natureza, no modo de garantir e produzir, coletivamente, a sua existência, educando, também, as novas gerações, ou seja, era possível perceber que o trabalho e a educação coincidiam com a própria vida.

Com o desenvolvimento da produção, teve início a divisão de trabalho e das classes sociais, como consequência da apropriação privada da terra. Surge, então, a classe dos proprietários e dos não proprietários. Estes últimos, subjugados a manterem o próprio sustento e, também, o dos proprietários. Esse período foi caracterizado pelo modo de produção escravista. Em consequência, a educação foi dividida: de um lado, a educação dos homens livres, não proprietários, com tempo ocioso para a formação intelectual e, do outro, a educação destinada aos escravos, incorporada ao próprio processo de trabalho. Nesse contexto, surge a escola com o objetivo de atender às pessoas com tempo livre e passou a ser considerada a única forma de educação, efetivando-se a divisão entre educação e trabalho.

Com a ruptura do modo de produção escravista, a ordem feudal passa a ser protagonizada pela igreja católica com forte marca da educação confessional, cujas escolas eram destinadas às atividades físicas, para a formação de guerreiros. A centralidade da atividade econômica está no campo em detrimento da cidade que é composta por pequenos vilarejos dependentes do campo. O trabalho escravo é substituído pelo trabalho servil e a educação continua dividida entre a formação da classe dominante e a educação do povo no próprio processo de trabalho.

As atividades comerciais intensificam-se enquanto relações de troca, de mercado e avançam para a concretização da indústria. Desse processo, constitui-se o modo de produção capitalista, marcada por algumas características históricas.

[...] inverte-se a relação e é o campo que se subordina à cidade; é a agricultura que se subordina à indústria. Por isso, na sociedade capitalista, a agricultura tende a assumir cada vez mais a forma da indústria, tende a se mecanizar e adotar formas industriais e a se desenvolver segundo determinados insumos, insumos esses que são produzidos segundo a forma industrial (SAVIANI, 2003, p. 4).

Nessa sociedade de mercado cujo centro do processo produtivo passa do campo para a cidade e da agricultura para a indústria, deu-se visibilidade ao processo de conversão da ciência, compreendida como potência espiritual, que é transformada em potência material, ou seja, a maquinaria é o trabalho intelectual convertido em potência material (SAVIANI, 2007).

Com esse avanço, consolidou-se a chamada Revolução Industrial, que trouxe novas exigências sociais e produtivas, dentre elas, a necessidade da educação escolar, da vida letrada. Tornou-se, então, a escola a forma generalizada e dominante de educação com a responsabilidade de preparar os trabalhadores por meio de um currículo básico de formação geral.

No entanto, pelas exigências específicas da produção, foi necessário adequar um tipo de qualificação que atendesse, especificamente, essa demanda, para isso criaram-se, então, alguns cursos profissionais nas empresas e, também, no próprio sistema de ensino, cuja base era a escola elementar direcionada para a produção, assim, aos trabalhadores bastava, portanto essa formação.

Sob a égide do sistema capitalista, a dualidade entre educação geral e educação profissional é intensificada. À classe burguesa, estava destinada a formação intelectual, indispensável aos dirigentes e ao povo a formação profissional, destinada à instrumentalização para o processo produtivo.

A reestruturação do sistema capitalista, a partir do século XX, foi marcada pela introdução do modelo taylorista/fordista nas fábricas e depois substituída pelo padrão de acumulação flexível em decorrência de uma forte crise do capital. Essa transição induz a consolidação de projetos ou políticas que são determinadas pela necessidade do capital intervir na formação do trabalhador sob a perspectiva dos novos paradigmas e, assim, cabe à escola instituir uma formação fundamentada em competências e habilidades que atenda às demandas do mercado de trabalho. Nesse contexto, surge a Teoria do Capital Humano³, os conceitos de qualidade total, competências e empregabilidade, constituindo-se num credo ideológico que afirma a visão individualista e falseadora da efetiva realidade (FRIGOTTO, 2006).

Dentro dessa perspectiva, a educação é entendida como fator de produção, definida através de valores e critérios do mercado. Nestes termos, a educação

³ A Teoria do Capital Humano propaga que uma maior escolarização contribui diretamente para a melhoria da qualidade de vida dos indivíduos em função de um aumento de renda diretamente, da sua melhor qualificação para o desempenho no mercado de trabalho. Para aprofundamento da Teoria do Capital Humano ver Frigotto (2006).

passa a ser avaliada de acordo com os parâmetros da relação custo-benefício, reforçando a ideologia do mérito individual. A educação assume, na agenda neoliberal, o papel de preparar os alunos para competir e atender as novas exigências e demandas do mercado de trabalho, reforçando a crença de que se os alunos fracassarem a culpa é deles mesmos e não da escola.

Nessa lógica mercadológica, também, se evidencia as noções de competência e empregabilidade como essenciais para a inserção do trabalhador no mercado de trabalho, uma vez que, em decorrência da introdução da ciência e da tecnologia nos processos produtivos e sociais, houve necessidade de um trabalhador polivalente, capaz de desenvolver competências cognitivas, técnicas e relacionais. Sob essa perspectiva, a educação tem o papel de desenvolver habilidades e conhecimentos, valores e atitudes de gestão de qualidade, definidas em função da lógica do mercado, com o objetivo de formar um indivíduo com competências que lhe assegurem empregabilidade.

Nestes termos, nota-se que os processos educativos possuem uma estreita relação com o meio social no qual se efetivam e sofrem as consequências da intensificação do processo de divisão do trabalho, particularmente, da divisão entre trabalho manual e trabalho intelectual. No entanto, a educação pode ter um papel fundamental na luta contra esses interesses hegemônicos.

Não se trata de revolucionar a sociedade pela educação, mas sim de lutar pela ampliação ao máximo de todas as potencialidades de ensino e de aprendizagem dos conteúdos científicos, artísticos e filosóficos, ou seja, a mudança educacional depende de uma revolução nas relações sociais, porém, mesmo diante dos obstáculos impostos pelos antagonismos de classes, a nova educação deve ser estimulada ao máximo como um embrião de uma escola do futuro (GOMES et al, 2011).

Compreendendo-se que a emancipação do trabalho da subsunção a que está submetido no momento atual, exige um amplo processo de enfrentamento ao capital e à forma como este organiza as relações sociais, o que exige a ação de um sujeito que haja de forma coletiva, suficientemente, forte para fazer frente à imensa força do capital enquanto lógica de organização das relações sociais de produção (MÉSZÁROS, 2005).

E é nessa perspectiva que entendemos que o processo de estágio nos cursos da educação profissional técnica de nível médio deve ser pensado dentro de uma ideia de formação que conceba o trabalho como princípio educativo.

A noção do trabalho como princípio educativo refere-se, diretamente, ao “centro pedagógico da escola do futuro”, como alerta Manacorda (1991, p. 66) que, ainda segundo o autor, em Marx significa a união necessária entre instrução intelectual e trabalho produtivo. Ou seja, refere-se a uma proposta pedagógica para o ensino. É por este motivo central que a concepção do trabalho, como princípio educativo, toma por base o trabalho, socialmente, útil (FREITAS, 1995), pois o que irá diferenciar as proposições pedagógicas da escola capitalista da proposta da educação omnilateral⁴ é a organização do trabalho pedagógico, que se refere diretamente à centralidade da categoria trabalho.

Assim, o ponto fundamental para a compreensão do princípio educativo do trabalho fundamenta-se na assertiva marxista de que o trabalho humaniza o homem, no entanto, este também é fonte de alienação, pois é influenciado pelas relações marcadas pela hegemonia da burguesia, em que se encontra subordinado ao capital. Portanto, significa compreender o trabalho em dois sentidos: ontológico e histórico.

No sentido ontológico, o trabalho se revela como a própria essência do homem. Nestes termos, se a existência humana tem de ser produzida pelos próprios homens, sendo, pois, um produto do trabalho, isso significa que o homem não nasce homem, ele forma-se homem (SAVIANI, 2007). Assim, se é necessário o ser humano aprender a garantir a sua essência e aprender a produzir a sua vida, então, se compreende que a produção do homem é um processo educativo.

No sentido histórico, o trabalho assume a forma de trabalho assalariado ou fator econômico dentro do sistema capitalista e, portanto, assume a forma de categoria econômica e prática produtiva. Desse modo, pelo primeiro sentido, o trabalho é princípio educativo, à medida que proporciona a compreensão do processo histórico de produção científica e tecnológica, e pelo segundo sentido, o

⁴ A formação omnilateral compreende as dimensões fundamentais da vida que estruturam a prática social. Essas dimensões são o trabalho, a ciência e a cultura. O trabalho compreendido como realização humana inerente ao ser (sentido ontológico) e como prática econômica (sentido histórico associado ao respectivo modo de produção); a ciência compreendida como os conhecimentos produzidos pela humanidade que possibilita o contraditório avanço produtivo; e a cultura, que corresponde aos valores éticos e estéticos que orientam as normas de conduta de uma sociedade. (RAMOS, 2009, p.3)

trabalho é princípio educativo na medida em que coloca exigências específicas para o processo educativo, visando à participação direta dos membros da sociedade no trabalho socialmente produtivo (RAMOS, 2004).

A defesa de uma formação escolar que entenda o trabalho como centralidade da existência humana exige pensar em práticas formativas que sejam direcionadas pelo preceito dos sentidos ontológico e histórico do trabalho e, portanto, se encaminhem para a efetivação de vivências emancipadoras nas atividades escolares. É nessa direção que situamos o estágio curricular supervisionado desenvolvido nos cursos de formação profissional.

O estágio é um ato educativo e, portanto, permite uma aprendizagem teórico-prática no processo de formação. No entanto, muitos estudantes, ainda, associam o estágio à “parte prática” do curso, ou, ainda, dizem que “na prática, a teoria é outra”, esse entendimento acaba produzindo posturas dicotômicas, que tratam teoria e prática de forma isolada (PIMENTA; LIMA, 2017). É preciso pensar o estágio no sentido da práxis educativa.

Segundo Vasquez (2007) a práxis é uma atividade teórica e prática que transforma a natureza e a sociedade: prática, na medida em que a teoria, como guia da ação, orienta a atividade humana; e teórica, na medida em que esta ação é consciente. De acordo com o autor, a práxis no sentido que lhe atribui Marx não se confunde com a prática, estritamente, utilitária, voltada para resultados imediatos, para ele, a práxis supera essa visão imediata e ingênua ao acentuar, criticamente, os condicionantes sociais, econômicos, ideológicos e históricos que resultam da ação do homem.

Nesse sentido, o estágio precisa proporcionar aos estudantes a imersão crítica na realidade em que estão inseridos, para que possam compreender o mundo do trabalho em sua complexidade numa perspectiva emancipadora, caso contrário, não passará de uma atividade de cumprimento de carga horária dentro da obrigatoriedade curricular, ou, de uma atividade “prática” do curso como mencionamos anteriormente.

Assim, o estágio curricular supervisionado direcionado pela concepção de trabalho como princípio educativo pode possibilitar uma formação escolar emancipatória do estudante e, nesse movimento, constitui-se um espaço na construção da sua identidade profissional, tema que aprofundamos no tópico a seguir.

2.2 A construção da identidade profissional no estágio

O entendimento do trabalho como princípio educativo traz consigo a ideia de uma formação escolar baseada na compreensão do trabalho como centralidade da existência humana, e, portanto, evidencia a necessidade de se pensar em práticas formativas direcionadas pelo preceito dos sentidos ontológico (enquanto essência humana) e histórico (alienante na sociedade capitalista) do trabalho que encaminhem os estudantes para vivências emancipadoras.

O estágio curricular supervisionado, por ser curricular, constitui-se como uma atividade formadora com potencial de imersão crítica dos estudantes na realidade ao proporcionar o contato com o mundo do trabalho e a compreensão da sua complexidade.

Nessa imersão no mundo do trabalho, propiciada pelo estágio, o estudante vivencia o movimento de construção da sua identidade profissional e, embora na condição de aprendiz, tem acesso e interage com diversas situações reais que envolvem o mundo do trabalho. Nesse tópico, apresentaremos os fundamentos do processo de construção identitária, considerando-a como um processo de sucessivas socializações, e o estágio, como espaço de formação, que intervém nas dinâmicas identitárias dos alunos estagiários.

A identidade profissional do indivíduo é formada no decorrer de sua trajetória pessoal e profissional. As experiências vivenciadas nos diferentes ambientes de socialização do indivíduo influenciam a maneira como constrói e reconstrói a sua identidade, no entanto, é no processo de sua formação acadêmica e profissional que são consolidadas as opções e intenções da profissão que pretende atuar.

O estágio, por excelência, é um lugar de reflexão sobre a construção e fortalecimento da identidade, pois nele poderão ser tecidos os fundamentos e bases identitárias do profissional, uma vez que este é o lócus onde a identidade profissional é gerada, construída e fortalecida (BURIOLLA, 1999).

Ao mesmo tempo, configura-se como um momento de formação no qual se privilegiam dois aspectos básicos e interligados: o contato com o cenário profissional real e a função de encontro. Os estudantes saem das aulas para se encontrarem com a realidade de um ambiente profissional real, e essa experiência possibilita outros múltiplos encontros que podem ser: o contato com outros estudantes, com a instituição, com os profissionais, com a profissão, com clientes, com ideias prévias,

preconceitos e expectativas, com a teoria e consigo mesmo (ZABALZA, 2014). Essa vivência socializadora permite ao estagiário imergir mais profundamente na cultura da profissão e nas relações ali estabelecidas e, dessa forma, contribui para a construção e fortalecimento da sua identidade profissional.

Para essa discussão consideramos necessário esclarecer os conceitos de identidade e identidade profissional, e por isso nos próximos parágrafos iremos situar historicamente a sua evolução e apresentar as características elementos que a constituem.

A definição de identidade parece divergir entre alguns autores, não havendo um conceito amplamente aceito no universo científico. Hall (1998)⁵ em seus estudos sobre identidade cultural na pós-modernidade diz que esse conceito é complexo, pouco desenvolvido e mal compreendido na ciência social. Já Kaufmann⁶ (2004) relata que em estudos nos quais a identidade é tema central, parece que a definição já é consenso e não há preocupação em defini-la. Para esse autor, a ausência de uma definição, amplamente aceita para esse termo se dá tanto no universo científico como no uso cotidiano, significando sempre a mesma coisa, quando na verdade trata de fenômenos extremamente diversos.

Historicamente, o termo identidade é utilizado por diversas áreas como a Psicologia, a Filosofia e a Sociologia em sentidos diferentes. O termo identificação foi um conceito importante, apresentado nos estudos de Freud, antes do termo identidade ser visto como objeto de estudo e serviu como parâmetro para criação de definições posteriores. Segundo Kaufmann (2004), o modo como Freud define esse conceito permite entender o indivíduo como um processo contínuo e mutável, aberto ao seu ambiente social. A identificação é uma verdadeira apropriação, que vai além da ideia de uma simples imitação.

Mead⁷, sociólogo norte-americano, é visto como referência para o desenvolvimento de estudos identitários. Esse autor traz a ideia de que o indivíduo é

⁵ Stuart Hall, em seus estudos identitários, apresenta a ideia que apresentamos diferentes identidades culturais, de acordo com as diferentes culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas, nacionais. O seu estudo é focalizado na formação da identidade cultural nacional.

⁶ Esse autor traça um histórico sobre estudos identitários e propõe “a invenção de si” como uma teoria para a identidade. Tem por base a identidade individual articulada com o quadro de identificação social do indivíduo.

⁷ George Herbert Mead tem destaque por sua obra póstuma *Self, Mind and Society* (1934). Seus estudos mostram o modo como o sujeito estabelece suas primeiras interações com o meio social ao seu redor e o modo como ele se constrói enquanto sujeito a partir dessas interações.

um extenso sistema de interações internas em ação sobre um ambiente social, marcado por um determinado contexto histórico (KAUFMANN, 2004). Segundo ele, a construção do *self*, ou seja, da identidade social, faz parte do processo de socialização do indivíduo que acontece por meio da interação com os outros (DUBAR, 2005).

No campo das ciências humanas, o conceito de identidade foi introduzido pelo psicanalista Erik Erikson, pela metade do século XX. O autor trata da identidade construída e propõe que o sujeito forma a identidade ao final do período da adolescência, com base nas experiências vivenciadas até aquela fase, conforme o aparecimento de um compromisso com alguma ideologia ou ocupação. Se isso não acontecer, ou seja, se o indivíduo não tiver desenvolvido esse compromisso com alguma ocupação ou ideologia, pode se considerar que ele tem uma identidade difusa (ASNAR-FARIAS; SCHOEN-FERREIRA, 2007).

Dentro dos estudos da Psicologia Social, o subjetivismo era considerado como determinante para a compreensão da identidade. A partir da década de 1960 e 1970, o tema identidade começa a se tornar objeto de estudo da Sociologia, iniciando um rompimento com a exclusividade do subjetivismo como única explicação dos processos identitários. Passa a se considerar que a identidade é também condicionada pelo meio social em que o indivíduo se insere. Essa perspectiva trata a construção da identidade como consequência de um processo interno de negociação entre a subjetividade e a objetividade do indivíduo (KAUFMANN, 2004).

Dentre os sociólogos que se dedicaram a estudos sobre identidade relacionando-a com o trabalho e formação profissional, destaca-se Claude Dubar, que propõe a definição de identidade como um processo dual, desenvolvido por meio da articulação entre aspectos subjetivos e objetivos, dentro do movimento de socialização do indivíduo (DUBAR, 2005). Mais adiante aprofundaremos as ideias desse autor, pela posição de referência que ocupa nos estudos sobre a identidade profissional dentro da perspectiva enfatizada nessa pesquisa.

Em continuidade ao entendimento histórico do termo identidade, Stuart Hall (1998), principal representante da perspectiva cultural, traça um percurso histórico da concepção de formação identitária no desenvolvimento de diferentes correntes de pensamento, e identifica três segmentos: o iluminismo, o sujeito sociológico e a pós-modernidade.

No iluminismo, o sujeito “moderno” era visto como um ser dotado de razão, decisão consciência e ação. Para essa corrente, a racionalidade é vista como centro essencial da identidade de uma pessoa e essa identidade é vista como imutável. Por outro lado, a corrente de pensamento que entende o homem como sujeito sociológico propõe que a identidade do indivíduo é formada pelas relações que estabelece com o meio social. A identidade passa a ser vista como mutável e é superada a visão de identidade única, essencial. Já para a pós-modernidade, o sujeito está inserido em um meio social constituído por divisões e antagonismos que fazem com que ele assuma diferentes posições e torne-se um ser fragmentado. Assim, o sujeito possui não uma única, mas várias identidades para si, que podem mutáveis, contraditórias ou não resolvidas.

Segundo o autor, a transformação da concepção moderno-sociológica de sujeito para a concepção pós-moderna, decorreu dos avanços nas ciências biológicas e sociais nos séculos XIX e XX que demonstraram a superficialidade da noção de indivíduo unificado (HALL, 1998).

Também Dubar (2006) situa o estudo da formação identitária em duas correntes de pensamento que, segundo o autor, agrupam várias correntes de pensamento, são elas a essencialista e a nominalista. Na corrente essencialista existe a crença nas essências, nas realidades que são consideradas ao mesmo tempo imutáveis e originais. Por outro lado, a corrente nominalista ou existencialista, contrária a anterior, entende que não há essências eternas, tudo é passível de mudanças. Assim, para o autor, os nomes são modos de identificação que se modificam de acordo com o contexto histórico, caracterizando determinados períodos (DUBAR, 2006).

Esse breve contexto histórico da definição do termo identidade, situado dentro das diferentes formas de pensamento, leva a compreensão da necessidade de ampliar nosso conhecimento sobre identidade a partir do entendimento de suas características, para que esse movimento possa subsidiar nossas ações investigativas, em consonância com os propósitos desta pesquisa.

Em sua análise sociológica, Dubar (2005, p. 136) define identidade como o “resultado, a um só tempo estável e provisório, individual e coletivo, subjetivo e objetivo, biográfico e estrutural, dos diversos processos de socialização que, conjuntamente, constroem os indivíduos e definem as instituições”. Com essa definição o autor destaca o cerne da sua teoria com a proposição de que existe uma

articulação entre dois processos identitários heterogêneos: a identidade biográfica e a identidade relacional. Essa dualidade se constitui como a principal característica da identidade. Vamos entender melhor.

O indivíduo está inserido em um contexto social, pelo qual é influenciado e, ao mesmo tempo, influencia, por meio das interações sociais que estabelece (relação entre eu e o outro). Como resultado desse processo de interação, a identidade apresenta uma dupla face: *identidade para si*, reivindicada pelo próprio sujeito e marcada por uma temporalidade e *identidade para os outros*, atribuídas pelos outros, no interior de um espaço social e num dado contexto histórico (DUBAR, 2006).

A identidade é formada pela dualidade entre a identidade para si e a identidade para o outro. O primeiro processo identitário (identidade para si) é visto como um processo biográfico por ser formado por meio das trajetórias dos indivíduos e pelas suas experiências de vida, já o segundo (identidade para os outros) é compreendido como um processo relacional, constituído pelas relações sociais do indivíduo com o seu meio, e marcado pelas características de seu grupo de pertença: tribo, grupo étnico, nação, classe social, entre outros (DUBAR, 2006). Desse modo, o processo biográfico é tido como a dimensão individual da identidade e o processo relacional é referenciado como a dimensão social.

Dubar (2005), em estudos de cunho filosófico, traz algumas assertivas quanto ao modo como a construção identitária foi pensada. Essas considerações podem auxiliar na compreensão dos modos de articulação desses processos. Em um primeiro momento, a identidade foi considerada como resultado de um “conhecimento recíproco: conhecimento do fato de que a identidade do eu só é possível graças a identidade do outro que me reconhece, identidade essa dependente do meu próprio reconhecimento” (HEGEL, 1973 apud DUBAR, 2005, p. 81).

Desse modo, a identidade seria um produto de um processo conflituoso que implica práticas sociais, relações objetivas e representações subjetivas (DUBAR, 2005) o que nos permite compreender que a construção identitária está associada à articulação estabelecida entre a identidade que o sujeito atribui a si mesmo e a identidade que é atribuída a ele pelos outros.

Assim, ao tratar da articulação entre esses dois processos identitários heterogêneos, Dubar (2005) define duas categorias socialmente disponíveis

entendidas como mecanismos de identificação. São elas os atos de pertencimento e os atos de atribuição. O autor denomina *atos de pertencimento* os que expressam que tipo de homem ou mulher você quer ser, ou seja, a identidade para si. A ele está associado o processo biográfico (maneira de o sujeito ver a si mesmo) com as ações que realiza para reforçar a visão que tem de si mesmo. Já o *ato de atribuição* é associado às ações, realizadas por outros (instituições e agentes diretamente envolvidos com o sujeito) que ajudam o sujeito a entender a visão que os outros têm dele, por exemplo, que tipo de homem ou mulher o sujeito é. Essa visão está relacionada ao processo relacional (maneira como o sujeito considera ser visto pelos outros) e ocorre no processo de rotulagem⁸ é nomeada por Goffman (1963 apud DUBAR, 2005) como identidade social virtual.

Nesse sentido, a abordagem sociológica de Dubar enfatiza que pode ocorrer, simultaneamente, uma relativa autonomia e uma necessária articulação entre esses dois processos identitários. Nesse confronto podem surgir desacordos, de maneira que a forma do sujeito ver a si mesmo (processo biográfico) não estabelece uma conformidade com a forma que ele percebe ser visto pelo outro (processo relacional).

Para que esse conflito seja redefinido, deve ocorrer o que Dubar (2005) denomina de negociação identitária, constituída como um processo comunicativo complexo, irreduzível e uma rotulagem autoritária de identidades predefinidas com base nas trajetórias individuais, ou seja, é necessário que haja um processo interno de negociação identitária a fim de se definir se prevalece a maneira como o sujeito vê a si mesmo ou a maneira como ele percebe ser visto pelos outros.

Esse processo interno de negociação ocorre a partir de estratégias identitária, a saber: transação objetiva e transação subjetiva. A primeira consiste em moldar a identidade para si à identidade para o outro, onde prevalece a maneira como o sujeito entende ser visto pelos outros. A segunda (transação subjetiva) consiste em assimilar a identidade atribuída pelo outro à identidade para si. Predomina, nessa estratégia, a maneira com o sujeito vê a si mesmo.

Essa dualidade que transita pela formação identitária se estende às diversas identidades, incluindo a identidade profissional, já que todas são construídas e reconstruídas a partir das interações sociais em que o sujeito participa.

⁸ Consiste no julgamento do sujeito pelos outros, a partir da subjetividade que ele exterioriza.

Assim pode-se mencionar que o sujeito é detentor de diversas identidades, tais como: identidade étnica, sexual, de classe social a que os pais pertencem, dentre outras. O nosso enfoque trata da identidade social profissional, lembrando que essa identidade também é influenciada pelas demais, considerando a relação que se estabeleceu entre formação e construção identitária.

Para Dubar (2005), a saída do sistema escolar e entrada no mercado de trabalho estão entre os acontecimentos mais importantes para a construção de uma identidade social autônoma do sujeito. Esse movimento em relação ao mercado de trabalho não se resume à escolha de uma profissão ou à obtenção de um diploma. Trata-se da construção pessoal de uma estratégia identitária que põe em jogo, a apreciação de suas capacidades e a realização dos desejos do sujeito. É a partir da forma como o sujeito lida com essa transição que os outros identificam suas competências, seu status e sua carreira possível. Nesse movimento, o sujeito constrói para si seu projeto, suas aspirações e sua identidade profissional de base, vista não somente como uma identidade de si no trabalho, mas como uma projeção de si no futuro, como resultado de incertezas, de instabilidade o emprego que constituem o mercado de trabalho.

Nesse sentido, Dubar (2005) explica que para realizar a construção biográfica de uma identidade profissional, os indivíduos devem imergir no trabalho, participar das relações nele estabelecidas, por meio das atividades coletivas das organizações e intervir no que ele chama de jogo dos atores.

No que se refere à construção da identidade profissional de acordo com o processo relacional, o reconhecimento identitário de um indivíduo não depende apenas do ambiente em que ele atua, mas da natureza das relações de poder neste espaço, do lugar que o indivíduo ocupa e do seu grupo de pertença. Sendo assim, o ambiente de reconhecimento das identidades é concebido como inseparável dos espaços de legitimação das competências e saberes e associados à identidade.

Por isso, consideramos o estágio como o espaço privilegiado para a construção identitária profissional, uma vez que, como já afirmamos anteriormente propicia o relacionamento com diversos aspectos do mundo do trabalho, inclusive o encontro consigo mesmo, num processo contínuo de autoconhecimento.

Assim, compreendemos que a maneira como construímos nossa identidade profissional, ou seja, a forma como percebemos a nós mesmos, se desenvolve por meio da nossa própria interpretação do que as outras instâncias da vida social

(família, escola, trabalho, entre outras) expressam sobre nós. Enquanto que a identidade atribuída a nós pelos outros, a forma como os outros nos percebem, nos reconhecem, se desenvolve a partir das suas percepções realizadas em momentos e espaços bem determinados, ou seja, mediante imagens, saberes e competências que apresentamos em momentos diversos.

É importante destacar que, segundo Dubar (2005), a identidade social começou a ser relacionada ao emprego e à formação profissional no final dos anos 1960, consoante com a exigência da formação como condição para obtenção de um emprego.

Esse enfoque é relevante diante do que o autor aponta como crise das identidades profissionais ao relacioná-la com três formas de crise: a crise do trabalho, crise do emprego e a crise das relações de classe. Considera que a destruição criadora do capitalismo engendra novas formas de produção, de produtos e de formação que visam a vantagem competitiva de empresas no mercado, conduzindo à destruição criativa do trabalho, do emprego e das relações de classe atingindo vida cotidiana dos indivíduos.

O trabalho tornou-se uma ação em que o indivíduo tem que resolver problemas e não mais executar tarefas pré-estabelecidas. Nessa análise sociológica da crise é necessário ultrapassar a dimensão concreta de emprego e entrar nas esferas das relações de classe, de poder e conflito no trabalho.

A identidade profissional é um dos aspectos das várias identidades que cada indivíduo possui e pode ser estudada em função das suas características explícitas pelo grupo, pelos reflexos sociais e pelos valores e crenças que levaram à constatação da existência de uma sociedade e existem no imaginário de seus membros (CASTELLS, 2001). Nesse sentido, para compreender a construção da identidade profissional é necessário entender os processos de socialização dos indivíduos.

A socialização pode ser entendida como a aquisição de um código simbólico que resulta de transações entre o indivíduo e a sociedade. Pressupõe que a socialização não seja apenas a transmissão de valores, regras e normas, mas também que o indivíduo desenvolva uma representação do mundo (DUBAR, 2005).

O termo socialização pode ser visto de acordo com três abordagens: a psicológica, a sociológica e a antropológica. Os psicólogos dão enfoque no desenvolvimento das características do comportamento social e nos processos

pelos quais esses comportamentos são aprendidos. Os sociólogos concentram-se na representação das ideias e as suas relações dos grupos específicos. Consideram que a socialização inclui a incorporação gradual pelo indivíduo das crenças e dos costumes de um grupo ou da sociedade. E os antropólogos estudam a socialização por meio da observação direta das práticas de educação das crianças e em pequenas comunidades (DIAS PEDRO, 2011).

Segundo Dubar (2005), a socialização profissional pode ser concebida simultaneamente como uma iniciação à cultura profissional e como uma conversão do indivíduo a uma nova concepção do eu no mundo, ou seja, uma nova identidade. Esta nova identidade profissional é o resultado de processos de socialização cada vez mais diversos que se encontram em constante movimento de ruptura e continuidade. Esse teórico define socialização com um processo descontínuo de construção coletiva de condutas sociais que integra três aspectos complementares: o cognitivo, que se traduz em regras; o afetivo, que se exprime em valores; e o expressivo, simbolizando-se em signos.

Considera a socialização como o processo pelo qual um ser humano desenvolve as suas formas de estar no mundo e de se relacionar com as pessoas e com o meio que está ao seu redor. Entende que a socialização tem um caráter dinâmico que constrói, reconstrói e desconstrói as identidades (DUBAR, 2005).

Desse modo, podemos entender que as identidades profissionais não são estáticas, pelo contrário, são dinâmicas, vão sendo construídas pelo indivíduo no decorrer de sua história de vida, de acordo com as interações estabelecidas ao longo de sua trajetória, resultando em uma constante interação entre a individualidade de cada uma e a relação com os outros. Uma unidade dentro da diversidade e, portanto, pode ser influenciado ao mesmo tempo em que influencia as significações ao seu redor, é um processo constante de construção.

Nesse processo dinâmico que se estabelece nas relações do eu com os outros e do eu com o mundo do trabalho é que aqui reafirmamos a importância de reconhecer o estágio como espaço que contribui para a construção da identidade profissional do estudante, pois esse ato educativo, ao promover a presença do aluno no cotidiano de trabalho, abre espaço para a realidade e para a vida e o trabalho do profissional. Também abre possibilidades para que o estagiário se reconheça nesse espaço na medida em que interage com todas as demandas pertencentes ao mundo do trabalho.

Esse processo possibilita a reflexão e a análise crítica das diversas representações sociais historicamente construídas e praticadas na profissão e será no confronto com as representações e as demandas sociais que a identidade construída durante o processo será reconhecida (PIMENTA; LIMA, 2017).

Portanto, entendemos que quanto maior for a possibilidade de socialização do estagiário nas relações estabelecidas com o ambiente real de trabalho maior será a chance de que o estudante se reconheça enquanto profissional e faça conexões com outras experiências que também são importantes para a sua formação identitária como as vivências do curso de formação, dos demais componentes curriculares e de outras experiências vividas dentro e fora do ambiente escolar.

Por meio das considerações abordadas no decorrer desse capítulo, sobre o trabalho e a identidade profissional, visualizamos o estágio curricular supervisionado na interface entre o trabalho e a identidade profissional.

Vimos que o estágio é a atividade formadora que propicia ao estudante a imersão no mundo do trabalho em toda a sua complexidade. Se o objetivo é fazer com que essa vivência seja emancipadora, é necessário partir de uma concepção que situe o trabalho como centralidade da existência humana. Entendido dessa forma, o trabalho influencia todos os aspectos da vida humana, inclusive o processo de formação identitária dos indivíduos.

Nessa linha de pensamento, a identidade profissional é construída à medida que o ser humano se relaciona com diferentes contextos e instituições e estabelece uma percepção de si mesmo e uma percepção que os outros têm dele. Compreendemos, portanto, que na imersão do mundo do trabalho, na cultura profissional, propiciada pelo estágio, o estudante poderá desenvolver uma construção identitária por meio da visualização de suas capacidades e a realização de seus desejos. Além disso, poderá ter uma percepção da sua identidade relacional, à medida que entende a forma como suas competências e sua possível carreira profissional são identificadas ou avaliadas pelos outros.

Nesse movimento de interação dinâmica: entre a sua própria individualidade e sua relação com os outros, o estudante poderá construir o seu projeto de vida e desenvolver as suas aspirações, poderá ainda, nesse de formativo, construir, desconstruir e reconstruir a sua identidade.

3 ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO NA EETEPA ITAITUBA

Neste capítulo discutiremos sobre o estágio curricular supervisionado desenvolvido na EETEPA Itaituba na busca por identificar os objetivos e concepções teóricas e metodológicas desse ato educativo. Utilizaremos a pesquisa documental para fazer a análise dos documentos norteadores do estágio na instituição, a saber: Manual de Estágio e o Plano de Curso de Técnico em Agropecuária bem como as diretrizes legais que os embasam.

Dividimos este capítulo em duas partes: a primeira pretende esclarecer as diretrizes e funcionamento da Rede EETEPA na qual a escola de Itaituba faz parte. Esse tópico é importante para que o leitor compreenda o contexto do estágio regulamentado por normas comuns a todas as escolas participantes da Rede; e a segunda parte busca identificar as concepções teóricas e metodológicas subjacentes às definições e sistemática de estágio definidas pelos documentos reguladores.

3.1 Diretrizes e funcionamento da Rede EETEPA

A Rede de Escolas de Educação Tecnológica do Estado do Pará foi criada em 2008 em substituição à matriz gerencial OSETPP (Organização Social Escola de Trabalho e Produção do Pará) por meio da Portaria Nº 042/2008 emitida pela Secretaria Adjunta de Ensino (SAEN) que teve como objetivo ofertar a educação profissional dentro de uma concepção integrada de ensino médio (FERREIRA, 2011).

Atualmente a EETEPA constitui-se de vinte e quatro (24) unidades de ensino, denominadas de escolas tecnológicas, localizadas em dezesseis (16) municípios do Estado do Pará, incluindo a capital. O Estado está dividido economicamente e socialmente em doze Regiões de Integração⁹ e destas, apenas oito são contempladas com escolas da Rede. As Regiões de Xingu, Araguaia, Lago do Tucuruí e Carajás não possuem nenhuma unidade tecnológica.

⁹ As Regiões de Integração são uma subdivisão do Estado do Pará que congrega diversos municípios de uma área geográfica com similaridades econômicas e sociais e é utilizada para fins de planejamento, monitoramento e avaliação das ações desenvolvidas.

Do total das vinte e quatro escolas tecnológicas, quinze são localizadas em interiores distintos do estado paraense e nove estão concentradas na capital Belém. No mapa abaixo é possível visualizar a distribuição das escolas dentro das regiões de integração do estado.

Figura 1 - Distribuição da Rede EETEPA nas áreas de integração do Estado do Pará



Fonte: <http://www.seduc.pa.gov.br/site/eetepa/modal?ptg=4761>. Acesso em: 06 dez. 2017.

Como vemos no mapa, ainda existem poucas escolas tecnológicas no estado. De um total de 144 municípios¹⁰ que constituem o Estado do Pará, apenas 16 possuem unidades da Rede, isso significa dizer que apenas 11% dos municípios são contemplados. Percebemos ainda que existe uma concentração de escolas na capital e região metropolitana que totalizam 11 escolas e representam 45% do total das unidades existentes. Essa concentração pode até ser justificada pelo contingente populacional que habita essa região¹¹, no entanto não pode explicar o descaso com as demais regiões. Essa discussão obviamente não faz parte dos objetivos dessa pesquisa, no entanto não podemos deixar de mencionar a ausência

¹⁰ Disponível em <https://www.cidade-brasil.com.br/estado-para.html>

¹¹ A população do Estado foi estimada pelo Censo 2010 em 7.581.051, desta reside na capital o total de 1 393 399 habitantes no último censo, o que aponta a densidade demográfica de 1 315,26 habitantes por km² no território do município. Disponível em <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa/belem/panorama>

do estado no cumprimento de sua responsabilidade social no sentido de democratizar as políticas públicas, especialmente nas áreas mais necessitadas.

No contexto de sua criação, a Rede EETEPA passou a ser gerida pela Secretaria de Estado de Educação – SEDUC/PA, por meio da Diretoria de Ensino Médio e Profissional (DEMP) e sob a responsabilidade da sua Coordenação de Educação Profissional (COEP). Para a SEDUC/PA, essa mudança significou o compromisso de criar dentro da Secretaria de Educação as condições para comportar a educação profissional, desde aspectos mais simples como documentos escolares, até financiamento, passando por lotação, definição de quadros específicos para a educação profissional via concurso público e uma série de outras rotinas que asseguram sua especificidade (PARÁ, SEDUC, SAEN, DEMP, 2008).

Com esse reordenamento, foram definidas as propostas educacionais que norteiam a Rede de Escolas Tecnológicas, elas surgiram dentro de um contexto nacional, a partir da promulgação do Decreto nº 5.154/04 (BRASIL, 2004), que regulamentou a educação profissional e reacendeu a intenção de que essa modalidade de ensino fosse integrada à educação básica, indicando que deve ser fundamentada em princípios científicos, tecnológicos, artísticos e culturais, necessários para o desenvolvimento humano (PARÁ, SEDUC, SAEN, DEMP, 2008). Os fundamentos dessa política pública para a educação profissional estão expressos nos seguintes aspectos legais, de financiamento, concepções pedagógicas e gestão:

a) Legais: (Decreto nº. 5.154/04; o Decreto nº. 6.302/2007; o Parecer CNE/CBE nº 39/2004, Resolução 01/2005; Plano de Desenvolvimento da Educação – PDE, Documento Base para “Educação profissional técnica de nível médio integrada ao Ensino Médio”; Projeto de modificação da LDB (tramitando no congresso); **b) Financiamento:** entre outras ações o programa Brasil Profissionalizado (Decreto nº. 6.302/2007), proposição do regime de colaboração mútua entre as esferas governamentais e recursos de outros ministérios; **c) Concepção pedagógica e formação de professores:** segundo o Documento Base (BRASIL, 2007) o Ensino Integrado apresenta o trabalho, ciência, tecnologia e cultura como categorias indissociáveis da formação humana integral; o trabalho e a pesquisa como princípios educativos e a relação parte-totalidade em sua proposta curricular; indicação de formação diferenciada de professores para quadro efetivo nos CEFETs e universidades; e **d) Gestão:** articulada do MEC em relação a outros ministérios que tenham vínculo com as questões tratadas; entre as secretarias do próprio MEC; a rede federal de EP com papel articulador no regime de colaboração mútua nas esferas federal, estadual e municipal, o envolvimento dos movimentos sociais, economias locais e sociedade civil (PARÁ, SEDUC, SAEN, DEMP, 2008).

A partir dessas perspectivas educacionais, a orientação para a educação profissional na Rede de Escolas Tecnológicas é a educação politécnica, entendendo-a como equivalente à educação tecnológica (e isso justifica o nome Escola Tecnológica) e os princípios orientadores para a concretização de uma proposta integradora são: integração entre ciência, trabalho, cultura e desporto; democracia; educação como direito; trabalho como princípio educativo; inclusão e diversidade; gestão democrática; qualificação e valorização dos trabalhadores da educação; autonomia e qualidade social (PARÁ, SEDUC, SAEN, DEMP, 2008).

Consideramos importante aqui destacar que, apesar da nomenclatura Rede de Escolas Tecnológicas do Estado do Pará definida na Portaria 042/2008 e da justificativa expressa no documento da DEMP citada no parágrafo anterior, nos documentos oficiais da secretaria de educação, da diretoria e da coordenação responsável pela gerência das escolas, a nomenclatura que prevalece é EETEPA – Escolas de *Ensino Técnico* do Estado do Pará.

Essa observação de imediato pode não parecer importante, mas se buscarmos fundamentação para as expressões: “técnico” e “tecnologia” poderemos entender que a última compreende um sentido mais abrangente, sendo explicada como uma habilidade humana de compreender a técnica¹² (BAZZO, 2014) e nesse sentido pode revelar uma certa incompreensão sobre os propósitos postos nos documentos norteadores ou mesmo nas práticas educativas da organização.

Quanto aos cursos ofertados pela Rede, a Portaria nº 042/2008 especifica que a EETEPA deverá funcionar com a educação profissional técnica de nível médio nas formas integrada, concomitante, subsequente e PROEJA. As formas de oferta de acordo com a LDB nº 9.394/1996, incluída pela Lei nº 11.741, de 2008 são: a forma articulada e subsequente. A forma articulada divide-se em duas outras formas: concomitante e integrada ao ensino médio.

Na forma **integrada** a educação profissional e o ensino médio são constituídos por uma única matrícula. Na forma **concomitante**, a educação profissional é cursada paralela ao ensino médio e pode ser interna (onde o ensino médio e técnico são cursados na mesma instituição) e externa (onde os alunos

¹² Para aprofundar a discussão sobre técnica e tecnologia ler BAZZO, Walter; PEREIRA, Luiz; BAZZO, Jilvania. **Conversando sobre educação tecnológica**. Florianópolis: UFSC, 2014.

cumprem os currículos em instituições diferentes). Nos dois tipos de concomitância as matrículas são independentes. A forma **subsequente** corresponde à educação profissional de nível técnico para quem já concluiu o ensino médio.

O **PROEJA** é o Programa de Integração da Educação Profissional Técnica de Nível Médio na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos, definido pelo Decreto nº 5.840/2006 (BRASIL, 2006) e também se caracteriza como uma oferta da forma integrada específica para a educação de jovens e adultos, portanto para pessoas com mais de 18 anos que estudaram até o final do ensino fundamental. Para o PROEJA a certificação também é única.

As cargas horárias dos cursos técnicos em qualquer das formas mencionadas são definidas tomando por referência as determinações do Catálogo Nacional dos Cursos Técnicos (CNCT) elaborado pela Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica – SETEC/MEC. O CNCT define ainda o perfil, possíveis campos de atuação, indicações curriculares e de infraestrutura mínimas para cada um dos cursos técnicos distribuídos nas em áreas (SEDUC, SAEN, DEMP, 2008).

A partir dos aspectos mencionados, entendemos que a Rede EETEPA é importante dentro do cenário educacional paraense no que tange à educação profissional técnica de nível médio. Os princípios e concepções pedagógicas expressos em suas diretrizes revelam o desejo de uma educação diferente dos moldes atuais e parece ensejar a formação que prioriza o desenvolvimento humano integral, porém notamos que as escolas atendem uma parcela muito pequena da população e ainda de forma concentrada e desigual nos grandes centros, indicando a necessidade de sua ampliação.

No tópico seguinte veremos se esses mesmos ideais e princípios acima mencionados prevalecem também nas concepções do estágio desenvolvido na Rede.

3.2 Concepções teóricas e metodológicas do estágio na EETEPA Itaituba

Como vimos no tópico anterior a Rede EETEPA é formada por um conjunto de escolas geridas e normatizadas pela COEP/DEMP/SEDUC. Nesse sentido, os documentos norteadores do estágio curricular supervisionado dos cursos ofertados pelas escolas são comuns a toda Rede. Dentre esses está o *Manual de Estágio*, definido no próprio documento como um conjunto de normas e procedimentos para a

realização do estágio curricular obrigatório e supervisionado, cujo propósito é contribuir para um melhor entendimento das formas e procedimentos necessários para o cumprimento desta importante etapa da formação profissional (COEP, SEDUC, 2015.).

Nesse manual estão contidas a conceituação de estágio e as diretrizes legais que o norteiam, também a sistemática a ser desenvolvida por todos os envolvidos no processo de estágio e é por meio dele, junto com o Plano de Curso de Técnico em Agropecuária¹³ e demais normativas estaduais e nacionais que buscamos identificar os objetivos e concepções teóricas e metodológicas do estágio supervisionado na EETEPA Itaituba.

Segundo o Manual, os instrumentos legais que norteiam o estágio na Rede EETEPA são de abrangência nacional e estadual. No âmbito nacional estão a Resolução nº 6, de 20 de setembro de 2012 e a Lei do Estágio nº 11.788, de 25 de setembro de 2008; e no âmbito estadual estão a Lei Estadual nº 6.573, de 12 de agosto de 2003 e a Portaria nº 157, de 13 de junho de 2007. Todos esses dispositivos se referem ao estágio no seu texto, seja com o conteúdo na íntegra, como as leis nº 11.788 e a nº 6.573, seja mencionando o estágio em parte dele, como se constata nos outros documentos citados.

A compreensão de estágio expressa no Manual aparece elucidada da seguinte forma:

É um processo de ensinoaprendizagem que visa à prática profissional dos conhecimentos teóricos relativos à proposta curricular do curso, que busca não apenas do cumprimento do projeto pedagógico do curso ou a complementação de carga horária regular e obrigatória, mas sim a qualificação dos discentes, preparando-os para uma futura transição para o mercado de trabalho, formando indivíduos capacitados academicamente, culturalmente e socialmente (COEP, SEDUC, 2015, p.3).

Ainda para subsidiar essa compreensão, o Manual de Estágio apresenta a definição expressa na Lei Federal nº 11.788/2008. De acordo com essa normativa, o estágio é um ato educativo escolar supervisionado que deve ser desenvolvido no ambiente de trabalho e objetiva a preparação para o trabalho produtivo de educandos que estejam frequentando o ensino regular em diferentes instituições e níveis de ensino, tais como: educação superior, educação profissional de ensino

¹³ Adotamos durante o texto o termo “Plano de Curso” conforme utilizado pela SEDUC/PARÁ.

médio, educação especial ou cursando os anos finais do ensino fundamental na modalidade profissional da educação de jovens e adultos (BRASIL, 2008).

Ao complementar esse conceito o documento esclarece quais são as finalidades do estágio, explicitando da seguinte forma:

Tem como finalidade proporcionar aos discentes um aprendizado com a realidade, propiciando a complementação do ensino e da aprendizagem; uma visão abrangente e crítica da profissão para a qual está se preparando e aplicar os conhecimentos adquiridos na Escola à vivência prática (COEP, SEDUC, 2015, p. 3).

No Manual de Estágio, também, está expresso os objetivos, conforme excerto retirado do documento que diz:

Objetiva propiciar a complementação do processo ensinoaprendizagem, integrando o conteúdo curricular do curso, em termos de treinamento prático, de aperfeiçoamento técnico-cultural, científico e formação profissional dos discentes, através, prioritariamente, de parcerias entre instituições públicas e privadas junto a Secretaria de Estado de Educação – SEDUC/PA através da celebração de Acordo de Cooperação Técnica – ACT (COEP, SEDUC, 2015, p. 2).

Por outro lado, o Plano de Curso de Técnico em Agropecuária expressa o entendimento do estágio como “conjunto de atividades de formação, realizadas sob a supervisão de docentes da instituição formadora, e acompanhado por profissionais, em que o estudante experimenta situações de efetivo exercício profissional” (PARÁ, SEDUC, EETEPA ITAITUBA, 2016, p. 170). No Plano, também, estão determinados os seguintes objetivos:

Possibilitar ao estudante o exercício da prática profissional, aliando a teoria à prática, como parte integrante de sua formação; Facilitar o ingresso do estudante no mundo do trabalho; e Promover a integração da EETEPA Itaituba com a sociedade em geral e o mundo do trabalho (PARÁ, SEDUC, EETEPA ITAITUBA, 2016, p. 170).

Agrupamos na figura a seguir as definições, objetivos e finalidades do estágio curricular supervisionado expresso nos documentos oficiais, conforme os significados atribuídos.

Figura 2 - Concepções de estágio curricular supervisionado na EETEPA ITAITUBA



Fonte: Elaboração da autora a partir dos documentos oficiais, 2019.

Constatamos que os documentos atribuem diferentes significados à definição e objetivos do estágio. Dentre esses, identificamos grande ênfase na compreensão do estágio como qualificação para o mercado de trabalho, também é entendido como processo de ensino e aprendizagem e atividade que relaciona teoria e prática; e, ainda, com menor incidência os documentos afirmam que o estágio proporciona visão crítica da profissão e permite a integração entre escola, comunidade e mundo do trabalho.

Segundo Pimenta e Lima (2017) o exercício de qualquer profissão é técnico no sentido de que é necessária a utilização de técnicas para executar as operações próprias, no entanto, as habilidades não são suficientes para a resolução dos problemas com os quais se defrontam, uma vez que a redução às técnicas não dá conta do conhecimento científico, nem da complexidade das situações do exercício da profissão. O processo educativo é mais amplo, complexo e inclui situações específicas de treino, mas não pode ser reduzido a este.

Nesse sentido, é possível identificarmos que, apesar das definições subjacentes pontuadas pelos documentos, elas aparecem subjugadas ao objetivo maior de qualificação para o mercado de trabalho, o que nos mostra que, ainda, há a prevalência de uma concepção tecnicista de formação, impregnada de uma visão

reducionista, que se ocupa de maneira predominante em qualificar o aluno para o mercado de trabalho.

Zabalza (2014) adverte que pensar que estamos fazendo formação, quando simplesmente treinamos sujeitos para que adquiram conhecimento ou desenvolvam tarefas profissionais especializadas é uma visão muito restritiva. Buriolla (1999) aponta um caminho ao orientar o estágio como uma forma de proporcionar oportunidades educativas levando à reflexão dos modos de ação profissional e de sua intencionalidade, tornando o estagiário consciente de sua ação.

Nos tópicos que apresentam a definição de estágio, tanto o Manual, quanto o Plano de Curso, enfatizam que este tem caráter curricular, obrigatório e supervisionado.

Para justificar o caráter obrigatório, o Manual menciona o segundo artigo da Lei de Estágio com a especificação do tipo de estágio que pode ser obrigatório ou não obrigatório, conforme determinação das diretrizes curriculares e do projeto pedagógico do curso. De acordo com a legislação o estágio obrigatório é aquele definido como pré-requisito nos planos de cursos para aprovação e obtenção do diploma e estágio não obrigatório é uma atividade opcional, acrescida à carga horária regular e obrigatória (BRASIL, 2008). Já o Plano de Curso esclarece que nos cursos técnicos, o estágio curricular supervisionado é realizado por meio de estágio técnico e caracteriza-se como prática profissional obrigatória (SEDUC, COEP, EETEP ITAITUBA, 2016).

Os demais termos: curricular e supervisionado não são justificados nos dois documentos, mas é possível compreendê-los a partir das definições elucidadas nos parágrafos anteriores. O termo “curricular” pode ser, facilmente, associado aos conceitos de: processo de ensinoaprendizagem, ato educativo e atividades de formação.

Pimenta e Lima (2017) fazem referência ao estágio curricular como campo de conhecimento e, portanto, voltado a uma visão ampla do processo de formação do aluno. Já o termo “supervisionado” parece ficar mais compreensível quando se leem os tópicos referentes à sistemática do estágio, onde aparecem especificados os papéis dos atores envolvidos, dentre eles, o professor orientador-supervisor e o supervisor da instituição conveniada.

Assim, o termo supervisionado parece estar associado à tarefa de supervisão realizada por esses atores. Vale ressaltar que a exigência para que o estágio seja

supervisionado aparece no capítulo três da Lei de Estágio com a determinação ter acompanhamento efetivo pelo professor orientador da instituição de ensino e por supervisor da parte concedente, cuja comprovação se dará por vistos nos relatórios de estágio e por menção de aprovação final (BRASIL, 2008).

Buriolla (1996) entende a supervisão como um processo educativo de ensinoaprendizagem relacionado ao conjunto de conhecimentos referentes à formação que se realiza na área do agir e se dá em função da prática profissional, desenvolvendo o acompanhamento prático cotidiano do aluno estagiário.

Quanto aos atores envolvidos no processo de estágio, o Manual apresenta, detalhadamente, as responsabilidades de cada elemento participante, são eles: a SEDUC, por meio da Coordenação de Educação Profissional (COEP), as instituições conveniadas, a coordenação de integração, professor orientador-supervisor da escolar, orientador-supervisor da concedente, estagiário, coordenação de curso e secretaria escolar. Aqui, especificaremos as principais atribuições da coordenação de integração, do professor orientador-supervisor da escola e do estagiário, porque é esse o público alvo da nossa pesquisa, cuja apresentação e análise da coleta de dados estão nos capítulos seguintes.

Dentre as vinte e três atribuições da coordenação de integração, função exercida na EETEPA ITAITUBA por um professor da escola, destacamos as seguintes:

responsabilizar-se pela prospecção em empresas ou instituições com vistas à celebração de novos convênios e manter contato com as mesmas para garantir vagas para atender as necessidades dos alunos; acompanhar o planejamento do estágio feito pelo professor supervisor-orientador e a coordenação de curso; orientar todos os atores envolvidos no processo de estágio com vistas a dirimir dúvidas e elucidar procedimentos; fazer cumprir as diretrizes do estágio conforme orientações da COEP/SEDUC e planos de curso; promover ações educacionais em conjunto com as coordenações de curso e seus respectivos professores supervisores-orientadores, objetivando garantir uma formação continuada sobre a disciplina Estágio Supervisionado; analisar, juntamente com o professor supervisor-orientador o instrumento de avaliação do estagiário pelo supervisor-orientador da empresa e a avaliação realizada pelo aluno; e elaborar e alimentar, juntamente com a Coordenação de Curso, um programa de acompanhamento de egressos (COEP, SEDUC, 2015, p. 4).

Percebemos que, de modo geral, esse profissional é responsável por articular os processos administrativos e pedagógicos do estágio, fazendo um importante elo entre todos os atores envolvidos nesse processo.

Quanto ao professor orientador-supervisor da escola, cujo critério para exercer a função é a formação na área específica do curso¹⁴, as principais atribuições definidas pelo Manual são:

Orientar os alunos sobre normas gerais do estágio;
Articular e/ou realizar atividades educacionais direcionadas ao Estágio, tais como palestras, oficinas, workshop, dentre outras; acompanhar o desenvolvimento das atividades em todas as suas fases na escola e na unidade de concedente;
Avaliar as instalações da parte concedente do estágio e sua adequação à formação cultural e profissional do educando;
Elaborar, juntamente com o Supervisor-Orientador de estágio da concedente e o Coordenador de Curso, os Planos de Atividades de Estágio;
Zelar pelo cumprimento do Termo de Compromisso e Plano de Atividades de Estágio, reorientando o estagiário quando for necessário de modo a garantir a efetivação de suas normas e/ou diretrizes;
Avaliar individualmente o estagiário e receber o relatório de estágio atribuindo-lhe nota, conceito e menção, aprovando ou não o estágio;
Cumprir todas as atribuições advindas da Lei Federal nº 11.788/2008 e legislações pertinentes que são de sua competência;
Responsabilizar-se juntamente com a Coordenação de Integração na busca de novas empresas/instituições para celebração de novos convênios;
Interagir com o Supervisor-Orientador de estágio da Concedente visando o acompanhamento do desempenho do estagiário (COEP, SEDUC, 2015, p, 5).

Observamos que as responsabilidades do professor orientador-supervisor de estágio da escola envolvem, prioritariamente, as dimensões pedagógico-curriculares, mas não o isentam de responsabilidades administrativas junto à coordenação de integração e a unidade concedente.

Também, destacamos que o Manual enfatiza o cumprimento das atribuições delegadas pela Lei Federal de Estágio, no entanto, não identificamos nenhuma parte da citada Lei que faça referência a tais responsabilidades, assim como, não encontramos na Resolução nº 6/2012 e nas normativas estaduais norteadoras do estágio.

O Plano de Curso, no entanto, faz menção a algumas atividades que deverão ser realizadas, a saber: encontros semanais com o estagiário, contatos com o supervisor técnico e visita ao local do estágio, sendo necessária no mínimo uma visita a cada 15 (quinze) dias para cada estudante orientado (SEDUC, COEP, EETEPA ITAITUBA, 2016).

¹⁴ Esta é uma exigência da Lei de Estágio determinada no inciso três do artigo sete: a instituição de ensino deverá indicar professor orientador, da área a ser desenvolvida no estágio, como responsável pelo acompanhamento e avaliação das atividades do estagiário (BRASIL, 2008).

Ao aluno estagiário são reservadas responsabilidades que envolvem questões de natureza técnica como a entrega do relatório final e dos demais instrumentos avaliativos e aspectos comportamentais que abrangem o cumprimento das normativas (termo de compromisso, plano de atividades, cadastro), o cultivo de conduta ética e moral e a procura por aconselhamento em demandas referentes ao estágio. Seguem abaixo todas as atribuições delegadas pelo Manual:

Zelar pelo cumprimento fiel e integral das cláusulas contidas no Termo de Compromisso;
Executar o Plano de Atividades conforme aprovado pela Coordenação do Curso e/ou Professor Supervisor-Orientador bem como aos direcionamentos propostos pelo Supervisor-Orientador da Concedente;
Solicitar sempre o aconselhamento do Professor Supervisor-Orientador nas questões referentes ao estágio;
Concluir o estágio, entregando Relatório de Estágio e todos os demais instrumentais de estágio definidos pelas EETEPAS;
Comportar-se sob a égide dos princípios éticos e morais nas instalações da Concedente, com foco nas atividades a serem desenvolvidas, zelando pelos bens materiais e institucionais, bem como enobrecendo o nome da Escola; caso contrário, o estagiário será advertido e poderá ser desligado do estágio;
O estagiário que não obtiver aprovação no estágio supervisionado deverá repeti-lo, para posteriormente obter diploma, considerando o período máximo de conclusão do Curso;
É de responsabilidade do aluno manter atualizado seus dados cadastrais junto à Secretaria Escolar e a Coordenação de Integração, bem como buscar informações referentes ao seu processo de estágio;
O aluno deverá responsabilizar-se por renovar semestralmente sua matrícula junto à Secretaria Escolar, visando à manutenção de vínculo com a escola até a integralização do curso (COEP, SEDUC, 2015, p. 7).

Observamos que existe uma preocupação no sentido de que o aluno estagiário cumpra todos os requisitos formais e comportamentais do estágio e, neste último ponto, é acrescentada a advertência de possível desligamento, caso não seja cumprido.

Constatamos a ausência de aspectos que façam referência à aprendizagem como reflexão, processo criativo, autonomia do estudante durante a vivência do estágio, esses itens poderiam revelar a intenção em se educar alunos tomando como base os princípios da formação humana integral e do trabalho educativo, pressupostos, estes, presentes tanto nos princípios da educação profissional e tecnológicas evidenciados nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional Técnica de Nível Médio, quanto no Documento Base da SEDUC/PA.

No que se entende como atividade de estágio ou aproveitamento para essas atividades, o Manual (COEP, SEDUC, 2015) apresenta quatro possibilidades:

- a) estágio realizado por meio de empresa conveniada com a SEDUC/PA;
- b) atividades desenvolvidas em projetos socioculturais ou de iniciação científica previstas no plano de curso e no projeto político pedagógico;
- c) atividades integradoras realizadas pelos estudantes, ao longo do curso, com exceção das obrigatórias, que se relacionem com sua área específica de atuação e não ultrapassem quarenta por cento da carga horária total do estágio. Essas atividades podem ser: participação em eventos locais e nacionais, em cursos de aperfeiçoamento ou em disciplinas eletivas;
- d) ações executadas pelo aluno trabalhador, desde que pertinentes à área de habilitação do curso e mediante avaliação e validação do professor orientador-supervisor de estágio que estejam dentro das seguintes categorias: aluno empregado, com emprego registrado em carteira profissional ou através de contrato de prestação de serviços; aluno menor aprendiz¹⁵ ou de outros programas oficiais de aprendizagem, com vínculo, devidamente, comprovado; aluno autônomo ou proprietário que seja conluente e maior de 18 anos.

Para que o estágio do aluno trabalhador seja validado é necessário que essa condição esteja prevista no plano de curso, no projeto político pedagógico da instituição e não haver nenhuma condicionalidade do cumprimento do estágio para o exercício da profissão pelas legislações vigentes ou conselhos regulamentadores.

Nessa questão, o Plano de Curso destaca apenas duas possibilidades: a do estágio realizado na instituição conveniada e a do aluno trabalhador e, nessa última condição, esclarece que poderá ser verificada a possibilidade de aproveitamento profissional de parte da carga horária destinada ao estágio aos alunos maiores de 18 anos, mediante comprovação de exercício profissional em área pertinente (SEDUC, COEP, EETEP/ITAIPAVA, 2016).

Quanto à escolha das empresas e instituições, o Manual define que o estágio deverá ser realizado, exclusivamente, em instituições públicas ou privadas que sejam conveniadas à SEDUC/PA, através de celebração de Acordo de Cooperação Técnica – ACT. O convênio é viabilizado pela escola por meio do contato direto com a instituição para providências da documentação necessária a formalização da parceria, após, é feito o encaminhamento para a COEP/SEDUC que é responsável por avaliar o processo e, se aprovado, encaminhar para publicação no Diário Oficial

¹⁵ Expressão utilizada pela instituição conforme expresso no Manual de Estágio.

do Estado. Com o convênio firmado, os alunos podem ser encaminhados para o início do estágio (COEP, SEDUC, 2015).

Quanto ao período e atividades a serem desenvolvidas pelos alunos do Curso Técnico em Agropecuária na forma subsequente, o Plano de Curso determina que o estágio deva ocorrer a partir da terceira fase do curso, cuja duração é prevista para ser concluída no prazo de 2 (dois) anos. As atividades programadas para o estágio devem manter uma correspondência com os conhecimentos teórico-práticos adquiridos pelo aluno no decorrer do curso (SEDUC, COEP, EETEPA ITAITUBA, 2016).

Nesse intuito, o documento esclarece que o currículo para o referido curso foi pensado e organizado de modo a garantir o desenvolvimento das competências requeridas pela Resolução CNE/CEB 06/2012 no sentido de envolver tanto uma formação técnica como também uma formação social, articulando teoria e prática às demandas da região amazônica e mais, especificamente, às demandas locais e regionais.

Na justificativa sobre a importância do Curso Técnico em Agropecuária para a região, o texto do documento apresenta uma análise sobre a carência de formação específica para o setor agropecuário e afirma que uma das maiores dificuldades é a falta de assistência técnica, mostrando a necessidade da qualificação de profissionais da agropecuária para atuação em todos os âmbitos, desde o planejamento estratégico e execução até o beneficiamento da produção. Desse modo, o curso visa promover a formação de profissionais voltados para a produção agropecuária, com propósito de diversificação da produção agrícola, permitindo a subsistência do produtor rural e oportunizando a geração de emprego e renda aos trabalhadores da região (SEDUC, COEP, EETEPA ITAITUBA, 2016).

Assim, o Plano de Curso prevê que o profissional concluinte do Curso Técnico em Agropecuária oferecido pela EETEPA Itaituba deve apresentar um perfil que o habilite a desempenhar as seguintes atividades.

Realizar atividades nas áreas de agricultura e pecuária no que diz respeito a produção, processamento e comercialização de produtos de origem animal e vegetal;
Analisar as características econômicas, sociais e ambientais, visando a particularidade de cada atividade;
A exploração e manejo do solo de acordo com suas características químicas e físicas;

As alternativas de otimização dos fatores climáticos e seus efeitos no crescimento e desenvolvimento vegetativo das plantas e crescimento dos animais;
 A propagação em cultivos abertos ou protegidos, em viveiros e em casas de vegetação;
 Planejar e acompanhar a colheita e a pós-colheita de produtos agropecuários;
 Desenvolver atividades ligadas a produção animal visando os campos de produção animal em manejo da reprodução, nutricional e sanitário;
 Implantar e gerenciar sistemas de controle de qualidade na produção agropecuária;
 Projetar e aplicar inovações nos processos de montagem, monitoramento e gestão de empreendimentos rurais;
 Elaborar relatórios ligados à área de agropecuária;
 Conhecer a Legislação vigente (SEDUC, COEP, EETEPA ITAITUBA, 2016).

E por fim, nas questões referentes à avaliação do estagiário identificamos dois aspectos definidos pelo Manual: qualitativos e quantitativos. Nos aspectos qualitativos, o documento explicita que deverá ser feito a partir do entendimento do professor supervisor-orientador, quanto ao desempenho observado no aluno nas premissas de conhecimento e desenvolvimento técnicos apresentados durante o período de estágio, perpassando pela avaliação que a concedente manifestou e, principalmente, pela coerência descrita pelo aluno em seu relatório final, autoavaliação e frequência; já nos termos quantitativos, a avaliação seguirá os mesmos parâmetros previstos no Plano de Curso, ou seja, nota, conceito e menção, sendo considerado aprovado o aluno que alcançar a nota sete (COEP, SEDUC, 2015).

Notamos que nas duas formas, cabe ao professor supervisor-orientador a decisão final sobre o processo avaliativo do aluno, valendo-se, este, dos instrumentos definidos pela Coordenação de Educação Profissional, tais como: ficha de avaliação do estagiário pela instituição concedente, ficha de autoavaliação do estagiário, roteiro de avaliação do relatório final e ficha de controle e frequência do estagiário.

Organizamos no quadro 2 os critérios de avaliação de cada instrumento avaliativo.

Quadro 2 - Critérios de avaliação do estagiário na EETEPA

Instrumentos avaliativos de estágio			
	Avaliação pela concedente	Autoavaliação do estagiário	Frequência do estagiário

<ul style="list-style-type: none"> • Organização e desempenho das atividades de estágio; • Conhecimento teórico; • Postura profissional; • Observações e sugestões da instituição quanto ao estagiário e ao processo de estágio. 	<ul style="list-style-type: none"> • Relações interpessoais, • Aspectos pessoais; • Aspectos técnicos – profissionais; • Aproveitamento e contribuição para formação profissional; • Observação ou sugestão sobre o próprio estágio 	<ul style="list-style-type: none"> • Normas da ABNT; • Elementos pré-textuais; • Elementos textuais; • Elementos pós-textuais. 	<ul style="list-style-type: none"> • Data de início e término; • Atividades; • Assinatura do estagiário; • Visto do supervisor.
--	--	--	---

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos instrumentais avaliativos de estágio da Rede EETEPA (COEP, SEDUC, 2015)

Constatamos no quadro 1 que os critérios avaliativos são relacionados a questões operacionais condizentes com as normas estabelecidas para o cumprimento do estágio. Também, é possível notar certa preocupação com a aprendizagem técnica e a formação pessoal e profissional do estagiário. E, ainda, se percebe abertura para avaliação sobre o processo de estágio tanto pela empresa como o aluno.

Buriolla (1999) destaca a importância do processo avaliativo, indicando que este é um momento privilegiado de criticidade, criatividade coletiva por meio do qual, além de se verificar se os objetivos propostos foram ou não alcançados, também, se exerce um esforço de superação dialética dos pontos de estrangulamento da ação.

Para Lima e Aroeira (2011) os momentos avaliativos dos supervisores contribuem para que os estagiários descubram e desenvolvam posturas pessoais e profissionais autorreflexivas sobre a prática. Esse é, portanto, um momento imprescindível para a aprendizagem e a construção da formação profissional do estagiário.

De modo geral, entendemos que os documentos norteadores do estágio curricular supervisionado da EETEPA Itaituba revelam a predominância da concepção tecnicista de educação, enfatizada na definição e objetivos do estágio, mas, principalmente, nas orientações metodológicas normatizadas, que atribuem responsabilidades, em sua maioria, puramente, operacionais aos diferentes atores, e parece não abrir espaço para reflexão e envolvimento nos processos decisórios. Também, nos aspectos avaliativos prevalecem os aspectos operacionais com poucas oportunidades de criticidade.

Constatamos, portanto, que as concepções do estágio normatizadas nos documentos parecem não coincidir com os ideais de educação propagados pelas diretrizes da própria rede de escolas e com os princípios norteadores da educação profissional e tecnológica no Brasil, cujas bases são imbuídas pela concepção de formação humana integral do estudante numa perspectiva que enxergue o trabalho como construção humana emancipadora.

4 PERCURSO METODOLÓGICO DA INVESTIGAÇÃO E DA CONSTRUÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL

No percurso da investigação foi necessário especificar qual abordagem, instrumentos procedimentais, modelo de organização e análise dos dados adotou-se para a pesquisa, sendo que estas escolhas foram fundamentadas sempre no intuito de responder aos objetivos a serem alcançados. Nesse sentido, delineamos como abordagem metodológica a pesquisa qualitativa, partindo do pressuposto de que se constituiu como a mais adequada para essa finalidade, uma vez que se configura como pesquisa no campo social e educacional, portanto, rica em contradições sociais.

Associamos a essa compreensão, os estudos de Chizzotti (2017) quando se argumenta que as ciências humanas e sociais se dedicaram em mostrar a complexidade e as contradições de fenômenos singulares, a inconstância e a originalidade criadora das relações interpessoais e sociais, desse modo, essas ciências valorizaram aspectos qualitativos dos fenômenos e expuseram a complexidade da vida humana ao se empenharem na análise dos significados que os indivíduos dão às suas ações no ambiente em que constroem suas vidas e suas relações. Entendemos, portanto, que a abordagem qualitativa contribui para a compreensão do fenômeno estágio curricular supervisionado e toda a complexidade das relações que o envolvem.

Minayo (2011) caracteriza a pesquisa de cunho qualitativo em três etapas: a fase exploratória, o trabalho de campo e a análise e tratamento do material empírico e documental. Buscamos nos guiar por essas etapas no decorrer da investigação, por compreendermos que foram apropriadas para os aspectos norteadores da pesquisa em questão.

Nos tópicos seguintes, apresentamos a caracterização do universo da pesquisa, detalhando o movimento da investigação, com destaque para os procedimentos de obtenção e análise de dados e descrevemos as etapas do produto educacional construído no decorrer da investigação.

4.1 Caracterização do universo da pesquisa

A investigação foi realizada no âmbito da Escola Estadual de Educação Tecnológica de Itaituba que traz em seu título o nome da cidade, onde está situada, no Estado do Pará. É, portanto, uma escola típica do interior da Amazônia brasileira, localizada às margens da Rodovia Transamazônica, distante 06 (seis) quilômetros da área urbana do município.

A EETEPA ITAITUBA foi criada mediante a necessidade de se desenvolver uma proposta educacional técnica e inclusiva para efetivar uma nova política de sustentabilidade econômica para região, respeitando as diferenças étnicas sociais, culturais, políticas e econômicas (COEP, SEDUC, 2015).

A escola teve sua inauguração no dia 19 de fevereiro de 2004 com o nome Escola de Trabalho e Produção do Pará (ETPP), e era gerida pela Organização Social Escola de Trabalho e Produção do Pará (OSETPP), que recebia os recursos da Secretaria de Estado de Educação (SEDUC) para financiar as atividades desenvolvidas pelas Escolas Técnicas em todo o Estado do Pará¹⁶.

A partir de 2008, mediante a Portaria nº 042/2008 da SAEN/SEDUC que criou a Rede de Escolas de Educação Tecnológica do Estado do Pará – EETEPA¹⁷, a escola passou a ser administrada pela Secretaria de Estado de Educação (SEDUC), recebendo, assim, nova nomenclatura: Escola Estadual de Educação Tecnológica do Estado do Pará – EETEPA ITAITUBA, por meio da Portaria nº 038/2008, que autorizou a escola a funcionar com os cursos de educação profissional técnica em nível médio nas formas integrada, concomitante, subsequente e PROEJA.

Atualmente, a escola atende 190 alunos matriculados no ano de 2019 nos seguintes cursos: Técnico em Manutenção e Suporte em Informática e Técnico em Agropecuária nas formas integrada e subsequente; e Técnico em Segurança no Trabalho na forma subsequente, num total de cinco turmas que funcionam nos turnos matutino, vespertino e noturno.

O quadro de servidores é constituído por 32 profissionais, sendo 18 docentes, 05 lotados em funções administrativas, 02 em cargos pedagógicos e 07 em cargos

¹⁶ Informações disponíveis em <http://www.seduc.pa.gov.br/site/eetepa/modal?ptg=6387>. Acesso em 15 de janeiro de 2019.

¹⁷ É importante destacar que a Rede EETEPA foi criada no contexto nacional de implantação do Decreto Nº 6302/2007 que criou o Programa Brasil Profissionalizado – PBP.

operacionais (vigia, agente de limpeza, merendeira, porteiro). Quanto à formação acadêmica, 25 destes servidores possuem nível superior e 07 tem nível fundamental ou médio. Todos os docentes possuem graduação em nível superior e 10 são especialistas. No que se refere ao vínculo empregatício institucional, 20 servidores são efetivos no cargo ocupado e 12 têm vínculo temporário¹⁸, sendo que 5 destes são docentes.

Conforme o Projeto Político Pedagógico da EETEPA ITAITUBA, a missão da escola é desenvolver educação de qualidade humanizada, integrando conhecimentos científicos e tecnológicos, estimulando o desenvolvimento sustentável da região, proporcionando a educação profissional de jovens e adultos trabalhadores, capacitando-os para o exercício da cidadania e sua inserção no mundo do trabalho e a visão é solidificar a Escola Estadual de Educação Profissional e Tecnológica do município de Itaituba como centro de excelência em educação profissional através do ensino, pesquisa e extensão na região e nos municípios circunvizinhos (EETEPA ITAITUBA, 2016).

O universo dessa pesquisa envolveu os alunos do Curso Técnico em Agropecuária; o coordenador de integração de estágio e o professor orientador-supervisor. Na EETEPA ITAITUBA estão matriculados 52 alunos no Curso de Agropecuária, sendo 40 alunos na forma integrada, com funcionamento no turno da tarde e 12 alunos matriculados na forma subsequente, no turno da noite.

No período de realização dessa pesquisa apenas 09 (nove) estavam em campo de estágio e, desses, apenas 06(seis) compareceram aos encontros de grupo focal, apesar dos sujeitos terem, previamente, concordado em participar e assinado o TCLE. Sendo assim, o número total de sujeitos da pesquisa foi de 8 (oito) participantes, sendo 6 (seis) estudantes e 2 (dois) servidores.

A seleção dos estudantes se deu mediante dois critérios: estar regularmente matriculado na disciplina Estágio Curricular Supervisionado no Curso Técnico em Agropecuária, na forma subsequente, com ingresso em 2018 e estar realizando o estágio no período de fevereiro a abril de 2019. Os critérios de exclusão foram: estar afastado, temporariamente, das atividades escolares por motivo de doenças ou situações similares. A seleção dos servidores se deu por um critério: estar em

¹⁸ Os professores temporários permanecem no quadro de pessoal no período máximo de dois anos, conforme contrato assinado junto à secretaria de educação, podendo ser recontratados após intercorrido o período de um ano de encerramento do contrato.

exercício na EETEPA ITAITUBA em um dos seguintes cargos ligados ao acompanhamento de estágio na EETEPA: coordenador de integração e professor orientador-supervisor de estágio.

Todos os participantes da pesquisa assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), documento que assegura os direitos do participante ao mesmo tempo em que se constitui uma declaração de compromisso da pesquisadora com as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos.

4.2 Geração e análise dos dados: movimento da pesquisa

Para alcançar os propósitos da investigação utilizamos procedimentos e técnicas para obter e gerar dados conforme a natureza que fundamenta a pesquisa de cunho qualitativo (ALVES MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 2004). Assim, para a geração de dados realizamos a revisão da literatura e a pesquisa de campo e para a análise fizemos uso da metodologia da análise de conteúdo, conforme Bardin (2011). A figura 3 traz uma representação do movimento da pesquisa e, em seguida, o detalhamento de cada etapa.

Figura 3 – Movimento da pesquisa



Fonte: Elaborado pela autora, 2018

Partimos, primeiramente, da revisão da literatura, pois ela permite a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderíamos pesquisar diretamente (GIL, 2010). Assim, fizemos o levantamento da publicação de

artigos na base de dados *Scielo* e da divulgação de teses e dissertações na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações Brasileiras, identificando estudos referentes à temática em estudo no âmbito da educação profissional e tecnológica.

Após esse levantamento, iniciamos a construção do referencial teórico, apoiando-se em autores como Vasquez (2007), Buriolla (1999), Pimenta e Lima (2017), Zabalza (2014), Marx (1996, 2012), Manacorda (1991), Antunes (2010), Netto e Braz (2004), Saviani (2003, 2007), Frigotto (2010), Ramos (2004, 2009), Dubar (2005, 2006), Hall (1998), Kaufmann (2004), dentre outros.

Nesse percurso metodológico. Também, adotamos a pesquisa documental por se constituir uma valiosa técnica de abordagem de dados qualitativos, complementando informações obtidas por outras técnicas e desvelando aspectos novos de um tema ou problema (LUDKE; ANDRÉ, 1986). Ela permite a utilização de diversos materiais dentre os quais leis e regulamentos, normas, pareceres, cartas, memorandos, diários pessoais, autobiografias, jornais, revistas, discursos, roteiros de programas de rádio e televisão e, até livros, estatísticas e arquivos escolares (LUDKE; ANDRÉ, 2012).

Assim, os documentos de âmbito nacional, consultados no decorrer da pesquisa estão identificados no quadro 3.

Quadro 3 – Relação dos documentos analisados no âmbito nacional

Documentos	Descrição
Lei nº 9.394, de 26 de dezembro de 1996	<i>Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.</i>
Lei nº 11.741, de 16 de julho de 2008	<i>Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para redimensionar, institucionalizar e integrar as ações da educação profissional técnica de nível médio, da educação de jovens e adultos e da educação profissional e tecnológica;</i>
Decreto nº 5.154 de 23 de julho de 2004	<i>Regulamenta o § 2º do art. 36 e os arts. 39 a 41 da Lei Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996;</i>
Decreto nº 5.840, de 13 de julho de 2006	<i>Institui, no âmbito federal, o Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos - PROEJA, e dá outras providências;</i>
Resolução nº 6, de 20 de Setembro de 2012	<i>Define Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional Técnica de Nível Médio;</i>
Lei nº 11.788, de 25 de Setembro de 2008	<i>Dispõe sobre o estágio de estudantes; altera a redação do art. 428 da Consolidação das Leis do Trabalho – CLT, aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, e a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996; revoga as Leis nºs 6.494, de 7 de dezembro de 1977, e 8.859, de</i>

	<i>23 de março de 1994, o parágrafo único do art. 82 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, e o art. 6º da Medida Provisória nº 2.164-41, de 24 de agosto de 2001; e dá outras providências;</i>
--	---

Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

Também foram analisados os seguintes documentos no âmbito estadual e local, conforme quadro 4.

Quadro 4 – Relação dos documentos analisados no âmbito estadual e local

Documentos	Descrição
Lei Estadual nº 6.573/2003, de 12 de Agosto de 2003	<i>Dispõe sobre o estágio de estudantes de estabelecimentos de ensino superior, de ensino médio, de educação profissional de nível médio e superior e de educação especial nos órgãos da administração direta, das autarquias e das fundações do Estado do Pará.</i>
Portaria nº 157/2007, de 13 de Junho de 2007	<i>Regulamenta a oferta de estágios para estudantes do Ensino Médio das Escolas Estaduais do Estado do Pará;</i>
Portaria nº 067, de 23 de julho de 2010	<i>Altera o parágrafo único do art. 1º, da 157/2007-GS, de 13 de junho de 2007.</i>
Portaria nº 042/2008, de 11 de julho de 2008	<i>Resolve criar a Rede de Escolas de Educação Tecnológica do Pará – EETEPA.</i>
Portaria nº 038/2008, de 11 de julho de 2008	<i>Resolve criar a Escola Estadual de Educação Profissional e Tecnológica de Itaituba – EETEPA ITAITUBA.</i>
Documento base: O ensino médio integrado no Pará como política pública. DEMP/SAEN/SEDUC. Belém-PA, 2008;	Documento norteador para implantação do ensino médio integrado no Estado do Pará.
Manual de estágio, COEP/DEMP/SAEM/SEDUC PARÁ, 2016;	Documento orientador do estágio na Rede EETEPA
Plano de Curso: Curso Técnico de Nível Médio em Agropecuária. EETEPA ITAITUBA, 2016;	Documento norteador do Curso Técnico de Nível Médio em Agropecuária da EETEPA ITAITUBA.

Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

E para completar o ciclo da coleta de dados realizamos a pesquisa de campo no qual acontece a coleta de informações sobre fatos, diretamente, (enquanto ocorrem) ou indiretamente, por meio de relato de alguém (MOROZ; GIANFALDONI, 2006, p. 18). Utilizamos as técnicas de grupo focal e entrevista, sendo que a primeira foi desenvolvida com os alunos e a segunda com os servidores participantes da investigação. Especificamos a seguir cada uma delas.

Quanto à utilização do grupo focal, entendemos que é a técnica mais adequada para alcançar os objetivos de uma pesquisa de cunho social como esta, pois se espera obter perspectivas diferentes de uma mesma questão.

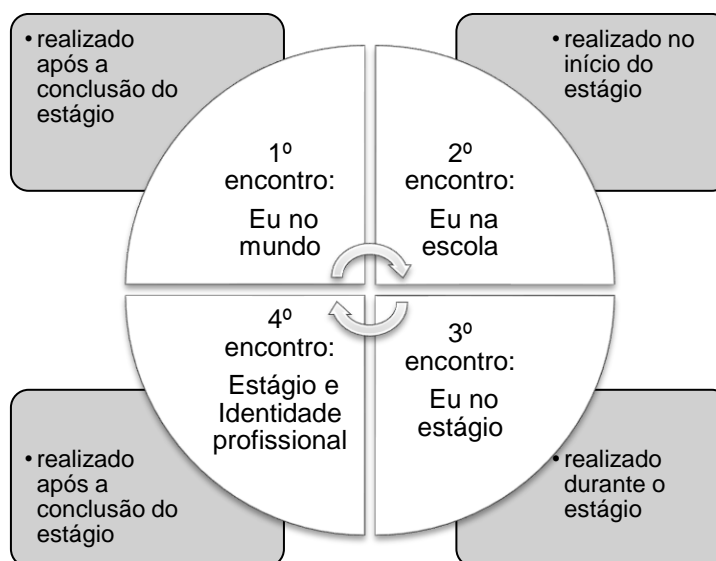
O trabalho com grupos focais permite compreender processos de construção da realidade por determinados grupos sociais, compreender práticas cotidianas, ações e reações a fatos e eventos, comportamentos e atitudes, constituindo-se uma técnica importante para o conhecimento das representações, percepções, crenças, hábitos, valores, restrições, preconceitos, linguagens e simbologias prevalentes no trato de uma dada questão por pessoas que compartilham alguns traços em comum, relevantes para o estudo do problema visado (GATTI, 2005, p. 11).

Assim, em busca de conhecer a multiplicidade de pontos de vista dos estudantes sobre o estágio na educação profissional técnica de nível médio, desenvolveu-se a técnica de grupo focal com os alunos do Curso Técnico em Agropecuária que estavam em campo de estágio no período desta investigação, conforme critérios de inclusão já explicitados no tópico anterior.

Com relação à quantidade de estudantes para compor o grupo focal, nos apoiamos em Gatti (2005) quando afirma que o grupo focal não pode ser com um quantitativo grande de participantes, mas também, não pode ser, excessivamente, pequeno, ficando sua dimensão, preferencialmente, entre seis a doze participantes. Com essa quantidade é possível abordar questões em maior profundidade por meio da interação grupal, uma vez que grupos maiores limitam a participação, a possibilidade de troca de ideias e, também, os registros. Desta forma, trabalhamos com um grupo de seis estudantes que representavam as duas instituições conveniadas aptas para receber estagiários no percurso da investigação.

O grupo focal foi organizado em quatro encontros que ocorreram no decorrer do desenvolvimento do estágio pelos discentes e após o seu término, no intuito de promover um acompanhamento mais próximo e sistemático dos estagiários tentando captar o máximo de informações e representações possíveis dos pesquisados sobre o objeto em questão. A figura 4 ilustra com o delineamento das temáticas e período dos encontros.

Figura 4 – Delineamento dos encontros de grupo focal



Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

Conforme a figura 4, os encontros foram desenvolvidos em diferentes momentos do estágio e organizados por temáticas, para melhor direcionar o envolvimento dos participantes e a coleta de informações. Assim, cada encontro foi realizado de acordo com um roteiro prévio de perguntas ligadas ao tema do dia, conforme especificado no quadro 5.

Quadro 5 – Roteiro de perguntas do grupo focal

Temática e objetivos	Roteiro de perguntas
Tema: Eu no mundo Objetivo: -Identificar aspectos da identidade biográfica e relacional	1- Quem é você? Como você se vê nesse mundo? 2-Quais aspectos você considera que marcaram sua história de vida? 3-Quais seus sonhos? Quais caminhos você enxerga para realizar esses sonhos?
Tema: Eu na escola Objetivos: -Identificar aspectos da identidade biográfica e relacional	1- O que representa/significa a escola pra você? 2-Relate um fato marcante que você vivenciou na escola e diga por que considera marcante; 3 -O que marca mais a vida das pessoas na escola? 4 -Qual a contribuição da escola EETEPA para a sua formação?
Tema: Eu no estágio Objetivos: -Identificar concepções de estágio -Identificar contribuições do estágio -Identificar aspectos da identidade biográfica e relacional	1 - Qual a sua compreensão sobre o estágio curricular supervisionado? 2 – Quais experiências foram marcantes para você no decorrer do estágio? Relate algumas delas 3 – Como você percebe a relação entre a escola e o estágio? 4 – Como você gostaria que o estágio fosse realizado?

	5- Como você acha que os outros veem o estagiário? Como você acha que você foi visto durante o estágio?
<p>Tema: Estágio e Identidade profissional</p> <p>Objetivos</p> <ul style="list-style-type: none"> -Identificar contribuições do estágio; -Identificar aspectos da negociação identitária; -Avaliar o Aplicativo Meu Estágio 	<p>1 - Quais as contribuições que o estágio trouxe para o seu processo de formação profissional?</p> <p>2 - Que tipo de profissional você desejaria ser?</p> <p>3-Quais recursos você utilizou do aplicativo Meu Estágio?</p> <p>4 – Quais as principais contribuições que o uso do aplicativo trouxe para o desenvolvimento do estágio?</p> <p>5 – Como você avalia as ferramentas do aplicativo?</p> <p>6 – Quais as suas sugestões para melhoria do aplicativo?</p>

Fonte: Elaborado pela autora, 2019

Durante as discussões esses tópicos se inter-relacionaram, pois falavam do mesmo objeto: a identidade profissional no estágio. Outras questões surgiram no decorrer da discussão do grupo, o que possibilitou um olhar mais amplo sobre as perspectivas apresentadas pelos estudantes.

Por se tratarem de tópicos que abordavam aspectos pessoais, sociais e profissionais houve facilidade para que as questões fossem tratadas, naturalmente, durante os encontros. No entanto, no primeiro encontro, houve momentos em que os alunos se emocionaram ao relatarem ou ao ouvirem os relatos sobre as experiências pessoais em sua trajetória de vida. Nessas situações, deu-se o tempo necessário para que o grupo se restabelecesse e a garantia do sigilo das informações pela pesquisadora para que não houvesse constrangimento dos envolvidos.

Cada encontro teve a duração média de 50 (cinquenta) minutos e foi realizado em diferentes espaços físicos da escola (sala da coordenação, sala dos professores e sala de aula), conforme indicação da gestão escolar, tomando-se o cuidado para manter o bem estar e privacidade dos participantes e o sigilo das informações. Os encontros foram agendados, previamente, com a coordenação e os alunos, atendendo a disponibilidade de tempo dos participantes e da pesquisadora.

Com a devida autorização, as falas foram gravadas em áudio e, posteriormente, transcritas e, tendo em vista, preservar a identidade dos sujeitos, eles foram identificados como: E1, E2, E3, E4, E5 e E6, sendo que a codificação “E” equivale a estudante e a numeração cardinal corresponde à quantidade dos pesquisados. É possível verificar no quadro 6 a idade e gênero de cada estudante.

Quadro 6 – Identificação dos estudantes

Estudante	Idade	Gênero
E1	32	Feminino
E2	30	Masculino
E3	19	Feminino
E4	18	Feminino
E5	18	Feminino
E6	40	Feminino

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados da pesquisa, 2019

Constatamos no quadro 5 que o grupo de estudantes é constituído de forma, predominante, pelo gênero feminino, havendo a presença de apenas 1 (um) aluno do gênero masculino. Também, é relevante destacar a diferença de faixa etária, que compreende estudantes entre 18 (dezoito) e 40 (quarenta) anos, revelando um público muito diverso.

No que se refere à técnica da entrevista consideramos um importante instrumento de coleta de dados, pois é entendida como uma conversa com finalidade e se caracteriza pela sua forma de organização (MINAYO, 2011, p. 64) e optamos em realizar a do tipo semiestruturada, realizada a partir de um esquema básico, porém não aplicado, rigidamente, permitindo que sejam feitas as necessárias adaptações pelo entrevistador (LUDKE; ANDRÉ, 1986) e por conter essas características, consideramos como vantajosa para os propósitos desta investigação.

Realizamos a entrevista com dois servidores da escola que atuam, diretamente, no processo de estágio: a coordenadora de integração e o professor orientador-supervisor de estágio. Assim, como na técnica anterior, tivemos a preocupação em fazer o agendamento prévio do dia, horário e local, conforme conveniência e acordo entre os entrevistados e a pesquisadora e, dessa forma, as entrevistas foram realizadas no espaço físico da escola, zelando-se pela privacidade dos participantes e sigilo das informações. Ressaltamos, também, a importância de alguns cuidados como o número de questões e a elaboração de perguntas claras que contemplem o objetivo a ser alcançado no estudo.

As entrevistas ocorreram de acordo com um roteiro prévio e foram feitas conforme os objetivos da pesquisa, conforme explicitado no quadro 7.

Quadro 7 – Roteiro de perguntas da entrevista e seus objetivos

Objetivo	Pergunta
Identificar os entrevistados	1- Qual o cargo que ocupa na EETEPA? 2- Há quanto tempo está no cargo?
Identificar a concepção de estágio	1- Qual a sua compreensão sobre o estágio curricular supervisionado na educação profissional técnica de nível médio? 2- A partir de sua vivência na EETEPA, que significado o estágio assume para: a) O aluno que o realiza? b) Para você, na condição de (citar cargo que ocupa)
Identificar efetividade do processo formativo, de planejamento e comunicação entre os atores	1- Indique os atores do processo de estágio 2- Quais são as contribuições dos atores? 3- Como eles se inter-relacionam? 4- Como você avalia o estágio que é desenvolvido (dificuldades, aprendizagem, etc) e como deveria ser?
Identificar contribuições do estágio	Quais as contribuições do estágio para a formação da identidade profissional dos estudantes?

Fonte: Elaborado pela autora, 2019

Além das perguntas elencadas no roteiro, sentiu-se a necessidade de acrescentar outras questões que surgiram no decorrer da coleta e percebemos ser necessárias para melhor compreensão do fenômeno em estudo. Elas foram, devidamente, autorizadas pelos participantes para gravação em áudio e transcrição, conforme Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Para o tratamento da informação foi realizada a categorização dos dados, visando à preservação da identidade dos participantes e, assim, cada entrevistado foi identificado por um código, da seguinte forma: S1 e S2, representando o servidor um e o servidor dois. O quadro 8 descreve a identificação dos servidores.

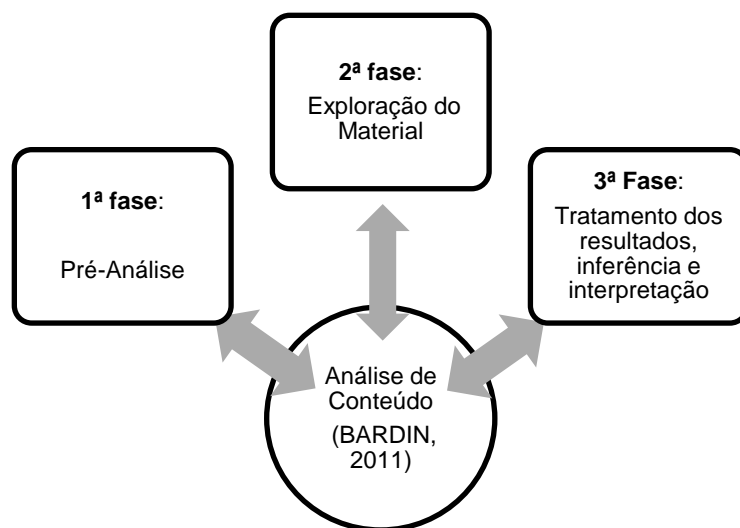
Quadro 8 – Identificação dos servidores

Servidor	Tempo de trabalho na EETEPA	Tempo de trabalho no cargo atual
S1	6 anos	8 meses
S2	1 ano e 8 meses	1 ano e 8 meses

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados da pesquisa, 2019

Para a sistematização e análise dos dados obtidos no decorrer da investigação encontramos em Bardin (2011) o aporte necessário para guiar esse percurso e, assim, optamos por seguir a ferramenta analítica da análise de conteúdo. As etapas e características estão esboçadas na figura 5.

Figura 5 - Etapas da Análise de Conteúdo



Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

Para a autora, a análise de conteúdo, enquanto método torna-se um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens (BARDIN, 2011).

Desta forma, na etapa da pré-análise fizemos a organização das informações a serem analisadas no intuito de torná-las operacionalizáveis. Na fase da exploração do material organizamos os dados agregados em unidades e codificamos, imprimindo uma lógica própria na separação das informações. E, por fim, na última etapa, de tratamento dos resultados, inferência e interpretação fizemos a triangulação das informações à luz da teoria que discute o assunto, do que os dados mostram e a posição do pesquisador diante desses resultados.

De acordo com a autora, a análise de conteúdo oscila entre dois polos do rigor da objetividade e da fecundidade da subjetividade e provoca a atração pelo escondido e o não aparente retido por qualquer mensagem (BARDIN, 2011). Neste sentido, seguir as fases propostas por ela no decurso da pesquisa foi muito importante, pois possibilitou a riqueza de interpretações e inferências, propiciando uma construção analítica condizente com a complexidade do fenômeno do estágio na educação profissional técnica de nível médio.

4.3 Processo de desenvolvimento do produto educacional

Ao analisar o estágio curricular supervisionado e sua contribuição para a identidade profissional dos estudantes desenvolvemos um produto educacional que atendesse ao objetivo da pesquisa, bem como, atendesse as exigências para uma investigação na área de ensino. Por se tratar de um estudo desenvolvido no âmbito de um mestrado profissional, é orientação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) que no currículo do programa esteja incluída a elaboração de estratégias e recursos instrucionais inovadores a serem implementados em ambientes educativos (BRASIL, 2013).

Káplun (2003) esclarece que um material educativo não é apenas um objeto que possibilita o acesso a informação, mas sim, algo que facilita ou apoia o envolvimento numa experiência de aprendizagem que pode proporcionar mudança e enriquecimento em vários sentidos.

Ancorados nesse fundamento, criamos no decorrer dessa pesquisa um instrumento que poderá ser utilizado por diversas instituições de ensino durante a vivência de estágio dos estudantes. Trata-se de um aplicativo para dispositivos móveis cujas funcionalidades poderão ser executadas, tanto em aparelhos celulares *smartphone*, quanto em *tablets* e, denominamos esse produto de “aplicativo educacional Meu Estágio”. Ele foi desenvolvido com o objetivo de auxiliar no processo formativo do estágio curricular supervisionado com vistas a contribuir na construção da identidade profissional dos estudantes.

Para o desenvolvimento do aplicativo educacional Meu Estágio encontrou em Káplun (2003) aporte conceitual e metodológico que ajudaram a guiar o processo criativo desse produto. Ao tratar do processo de criação de um material ou mensagem educacional o autor propõe três eixos que podem conduzir essa jornada, são eles: conceitual, pedagógico e comunicacional.

O eixo conceitual é o próprio processo investigativo do tema em estudo e se desdobra em dois tipos: o temático e o conceitual, ambos propiciam o aprofundamento da problemática, ajudando a definir conceitos, teorias e questionamentos que resultarão na escolha do conteúdo a ser abordado no produto.

O eixo pedagógico conduz o produto a ser realmente educacional, pois é nesse eixo que determinamos o ponto de partida e sugerimos o caminho a ser percorrido no processo de aprendizagem, essa etapa da construção do produto

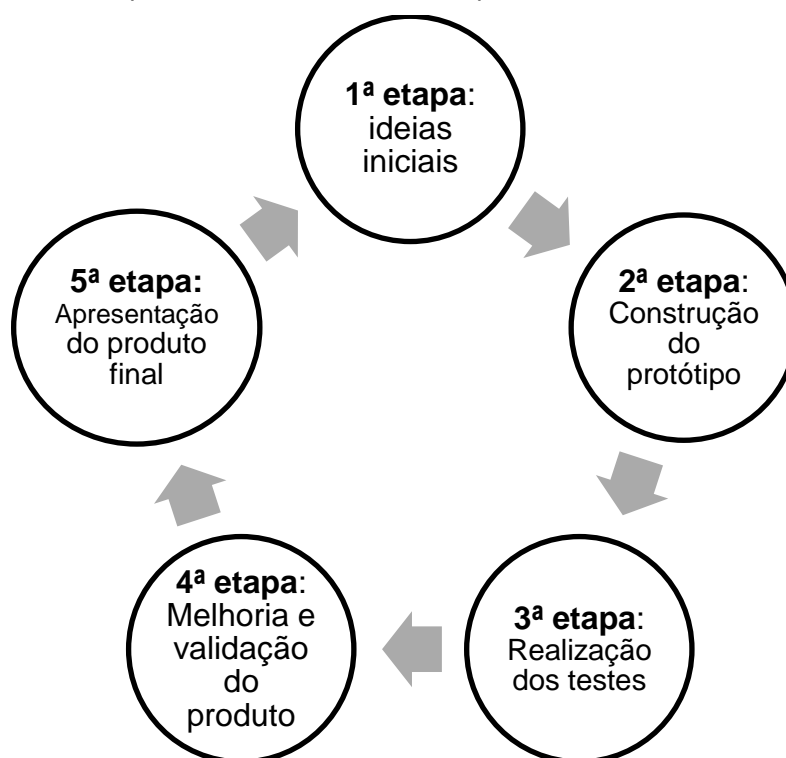
poderá confirmar a problemática detectada no eixo conceitual ou propor uma nova problemática; pois podem surgir novas problemáticas, levando a uma revisão do sentido inicial ou, até mesmo, do próprio eixo conceitual e, também, propor novos itinerários pedagógicos.

Já o eixo comunicacional é definido por Káplun (2003) como o modo concreto de percorrer o material e a definição do veículo no qual percorreremos, ou seja, é a proposição da maneira tangível de relacionamento com o usuário e o entendimento da proposta do produto educacional. Este eixo se constitui como uma fase desafiadora uma vez que requer comunicação e criatividade para romper com modelos e padrões engessados.

Percebemos que esses três eixos se interligam e perpassam todo o processo de criação e desenvolvimento do produto educacional, pois identificamos em nosso processo criativo que, por exemplo, toda vez que buscávamos decidir entre a inclusão de uma ou outra ferramenta no aplicativo precisávamos reportar ao eixo conceitual ou o pedagógico para confirmar se a ferramenta estava ancorada nos propósitos do aplicativo ou, por outro lado, por diversas vezes fomos desafiados a propor ideias de dispositivos que fundamentassem as nossas concepções formativas.

Assim, apresentamos na figura 6 as etapas que envolvem o processo de criação e desenvolvimento do aplicativo educacional Meu Estágio, seguida pela descrição de cada uma delas.

Figura 6 – Etapas de desenvolvimento do aplicativo educacional Meu Estágio



Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

1ª etapa: ideias iniciais: Nessa etapa foram geradas as primeiras ideias sobre o produto por meio das seguintes ações: leituras para fundamentação teórica, consulta a outros produtos educacionais, aprofundamento sobre as características do público-alvo e do universo da pesquisa, busca por recursos didáticos (textos, poesias, charges, músicas, etc) que fossem coerentes com as concepções formativas que fundamentam o produto e definição das ferramentas a serem incluídas.

2ª etapa: Construção do protótipo: Para o cumprimento dessa etapa firmamos parceria com uma empresa de desenvolvimento de software especializada em aplicativos para dispositivos móveis. Explicamos ao responsável os objetivos e finalidades do produto, bem como, as ideias iniciais sobre as ferramentas que pensávamos incluir, a partir dessa conversa desenhamos um *template* para orientar o desenvolvedor. Nesse processo, também, escutamos a opinião técnica do profissional sobre as funcionalidades que seriam viáveis ou não de serem executadas.

Enquanto o especialista trabalhava no desenvolvimento técnico do produto a pesquisadora preparava o material didático para “alimentar” as ferramentas do aplicativo, tais como: documentos institucionais, documentos norteadores do estágio, links para acesso a vagas de empregos locais, regionais e nacionais, links para acesso gratuito a bibliotecas virtuais, textos, músicas, charges, dentre outros.

Após essa seleção, repassamos todo o material para o desenvolvedor a fim de que fossem incluídos nas ferramentas. E para finalizar, essa etapa, aprendemos com o desenvolvedor os procedimentos básicos para alimentação da tela de abertura do aplicativo, uma vez que tínhamos a intenção de cumprir essa tarefa no decorrer do estágio, conforme objetivos traçados para o produto.

3ª etapa: Realização dos testes: A testagem do produto teve a finalidade de identificar se os objetivos propostos para o mesmo foram alcançados, além de avaliar a usabilidade do aplicativo com o propósito de aperfeiçoá-lo. Dessa forma, após a construção do protótipo, ele foi disponibilizado para download na loja oficial de aplicativos para sistema operacional *android (Play Store)* por ser considerada mais acessível aos usuários.

E, assim, para garantir o uso adequado do aplicativo, fizemos um breve encontro, na escola, com os alunos e o professor de estágio, buscando explicar os objetivos e a funcionalidade de cada ferramenta, além de tentar sensibilizá-los sobre a importância da utilização. O teste foi feito pelos alunos estagiários e servidores participantes da pesquisa durante o período de realização do estágio que equivale aos meses de fevereiro a abril de 2019, num total de oito usuários.

4ª etapa: melhoria e validação do produto: Nessa fase de ajustes do produto, adaptamos o método proposto por Leite (2018) que se constitui na proposição de eixos temáticos com descritores avaliativos. Em seus estudos, sobre avaliação de produtos educacionais em mestrados profissionais na área de ensino, a autora aponta três critérios importantes para avaliação de materiais textuais produzidos para professores, são eles: ser produzidos e avaliados de forma coletiva, considerando as especificidades do público-alvo a que se destinam; ser elaborado a partir de metodologia que contemple aspectos comunicacionais, pedagógicos, teóricos e críticos; e ser validados a partir de eixos e descritores específicos (LEITE, 2018). Assim, elaboramos eixos temáticos e descritores que contemplaram aspectos avaliativos específicos para um aplicativo educacional e mais, especificamente, para os propósitos desse produto.

Foram considerados quatro grandes eixos, sendo eles: 1 - orientações sobre o desenvolvimento do estágio; 2 - contribuição para a construção da identidade profissional do estudante; 3 - comunicação entre alunos e professor de estágio; e 4- experiência de usabilidade do aplicativo.

Esses itens foram destacados nos dois procedimentos avaliativos que utilizamos: um encontro de grupo focal e um questionário organizado em Escala de Likert. O grupo focal foi desenvolvido com os alunos e o questionário foi aplicado a todos os usuários. Após os resultados obtidos, fizemos os ajustes no produto.

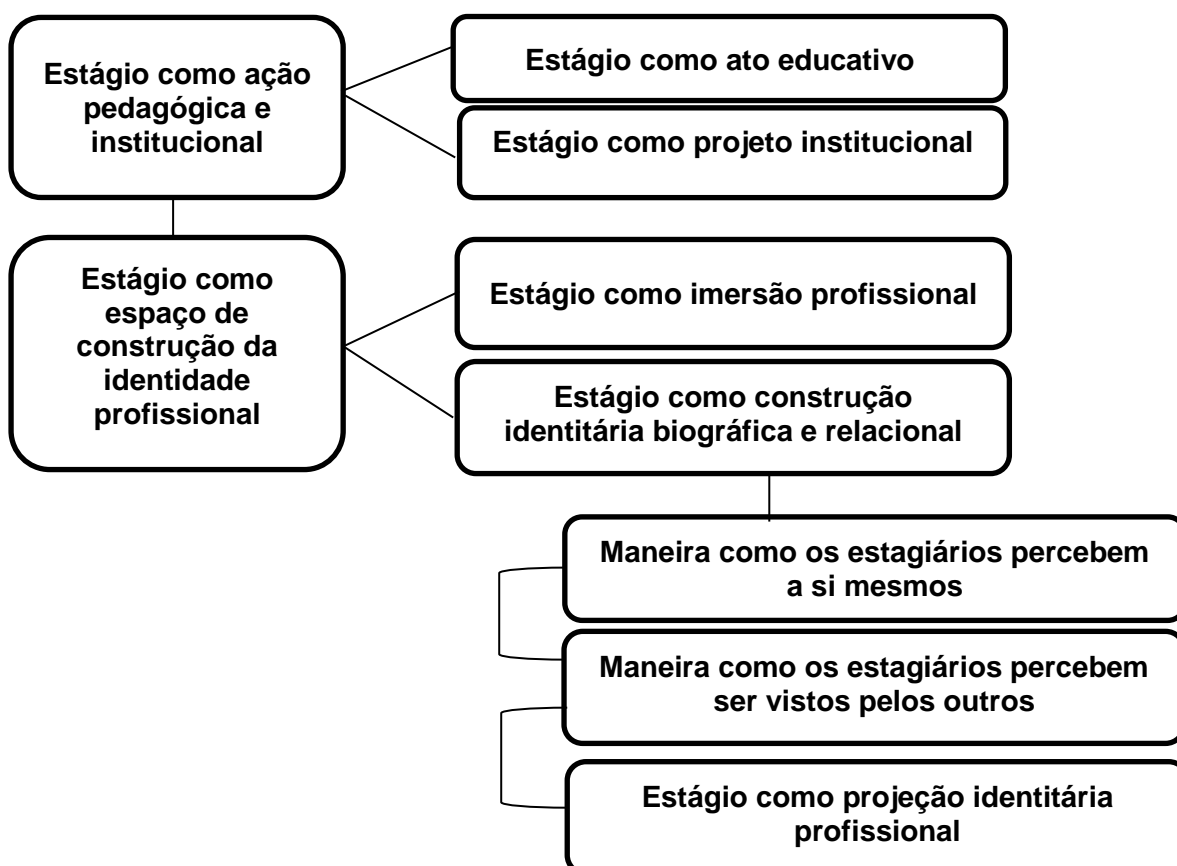
5ª etapa: Apresentação do produto final: Após os ajustes feitos no produto fizemos a consolidação do produto final. Nessa etapa, elaboramos um tutorial contendo apresentação, objetivos, princípios norteadores e descrição das funcionalidades de cada ferramenta. Por recomendação do programa de mestrado e pelo compromisso social da pesquisadora, o aplicativo educacional Meu Estágio, após os protocolos que envolvem a defesa e entrega da dissertação, estará disponível no repositório nacional de produtos educacionais para usabilidade dos que têm interesse em melhorar os processos formativos de estágio, em todo o país.

5 ESTÁGIO E IDENTIDADE PROFISSIONAL NA PERCEPÇÃO DOS SUJEITOS PARTICIPANTES

Neste capítulo apresentamos a análise dos resultados da pesquisa, organizados a partir das categorias que emergiram no decorrer da investigação, seguindo o conjunto de técnicas de análise de conteúdo, conforme modelo de Bardin (2011). As categorias temáticas se constituem em unidade de sentidos que surgiram no movimento de análise e interpretação dos dados obtidos nos encontros de grupo focal com os estudantes e nas entrevistas com os servidores responsáveis pelo estágio.

Assim, as unidades significativas relacionadas ao processo de construção identitária no estágio curricular supervisionado e à projeção da identidade profissional, no âmbito da EPTNM, presente nos discursos dos participantes da pesquisa se desdobraram em cinco categorias que foram agrupadas em duas dimensões, conforme figura 7. Abaixo discorreremos sobre cada uma delas.

Figura 7 - Dimensões e categorias emergentes



Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

5.1 Estágio como ação pedagógica e institucional

O objetivo desse tópico é apresentar os resultados e discussão da pesquisa por meio da compreensão do estágio como uma ação pedagógica e como um planejamento a ser assumido a nível institucional. Esse tópico está dividido em duas partes, conforme as categorias que emergiram na análise de dados da pesquisa. Na primeira parte, será apresentado o entendimento do estágio como ato educativo e, na segunda parte, a compreensão de estágio como projeto institucional.

5.1.1 Estágio como ato educativo

O entendimento de estágio, como ato educativo, pressupõe que este se constitui como uma ação pedagógica e, portanto, intencional que se organiza num movimento formativo de planejamento e avaliação.

Em sentido amplo, ação designa a atividade humana, ou seja, um fazer efetivo ou uma simples oposição a um estado passivo, entretanto, num sentido filosófico e sociológico a noção de ação é referida a objetivos, finalidades e meios, implicando a consciência dos sujeitos para essas escolhas, supondo certo saber e conhecimento (PIMENTA; LIMA, 2017).

Em se tratando das finalidades da educação profissional, Pacheco (2012) argumenta que não é, meramente, ensinar a fazer e preparar para o mercado de trabalho, mas é proporcionar a compreensão das dinâmicas sócia produtivas das sociedades modernas, com as suas conquistas e os seus revezes e, também, habilitar as pessoas para o exercício autônomo e crítico de profissões, sem nunca se esgotar a elas.

Nesse sentido, quando perguntamos aos participantes a respeito do seu entendimento sobre o estágio curricular supervisionado na EPTNM, a maior frequência de respostas revelou a percepção de estágio como um ato educativo, permeado pela relação entre teoria e prática, conforme exposto nas seguintes falas.

Quadro 9 – Entendimento dos participantes sobre o estágio

Dimensão: Estágio como ação pedagógica e institucional
Categoria: Estágio como ato educativo
Fragmentos das falas dos participantes
“O estágio é uma porta que se abre para o aluno, para que ele possa exercer o conhecimento adquirido dentro da sala de aula e por em prática ali fora.” (E1)

“O estágio é a extensão do que a gente está aprendendo em sala de aula. É na prática que a gente vai aprender mesmo.” (E1)
“O estágio tem nos ajudado a complementar, porque aqui a gente aprendeu e lá a gente vai exercitar o que aprendeu.” (E2)
“O estágio consegue agregar alguns valores que na sala de aula a gente não consegue ver..” (E2)
“No estágio a gente já está conseguindo ver o que a gente não vê dentro da sala de aula. O que é nos passado apenas teoricamente e na pratica é totalmente diferente, muito mais apaixonante.” (E3)
“O estágio ajuda muito a pessoa a aprender.” (E4)
“Nesse estágio eu procuro obter muito mais conhecimento.” (E6)
“a escola se preocupa não em formar somente para o fazer prático, mas que esse profissional tenha um equilíbrio para resolver as problemáticas na vivência profissional. Então o estágio, vai confrontar realmente a teoria, do que ele aprende aqui, as poucas práticas que eles vivenciaram, com a prática que ele vai ter lá no estágio.” (S1)
“O estágio é o que você pratica tudo que você viu em sala de aula ao longo dessas 240 horas.” (S2)

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados da pesquisa, 2019.

Ao analisar a definição de estágio pelos sujeitos percebemos que, ainda, é comum o entendimento de uma formação, cuja prática está dissociada da teoria, embora algumas respostas, como a dos participantes E2 e S1, apresentem uma melhor compreensão dessa relação.

Pimenta e Lima (2017) comentam que sempre foi central nos cursos de formação a identificação do estágio como a parte prática em contraposição à teoria. Em seu entendimento, o estágio não pode se resumir a uma atividade prática instrumental, como é, geralmente, identificado, para elas, o estágio é um campo do conhecimento que se produz na interação entre os cursos de formação e o campo social no qual se desenvolvem as práticas educativas.

Zabalza (2014) exemplifica que, às vezes, os períodos de estágio se reduzem a meras vivências emocionais que os estudantes recordam, com entusiasmo, pois quando se questiona sua intensidade, acabam oferecendo pouco à reestruturação de seus esquemas mentais, ao seu processo de aprendizagem. De acordo com o autor, isso costuma acontecer porque a experiência não é contrastada com a teoria, uma vez que, os estudantes experimentam sensações que acabam não relacionando com o que estudaram nas aulas ou com a literatura especializada.

Vasquez (2007) esclarece que o problema da unidade entre teoria e prática só pode ser formulado quando a prática é entendida como atividade objetiva e transformadora da realidade social, pois teoria e prática se vinculam e seus limites são relativos. Nesse sentido, o autor se refere à negação da prática como critério de verdade, que é incompatível com a visão marxista de práxis. A prática não fala por si

mesma, sua condição de fundamento da teoria ou critério de verdade não se verifica de modo direto e imediato.

A unidade entre teoria e prática demonstra a relação que se estabelece no processo de construção do conhecimento: o saber parte da realidade, mas o processo de apreensão do real é mediado por uma teoria.

Sob o ponto de vista do senso comum, a prática é prioridade absoluta e o praticismo é determinante e, desse modo, a prática é menos impregnada de ingredientes teóricos. Nesse sentido, a ênfase ao pragmatismo demonstra que a verdade fica subordinada ao interesse individual, sendo o valor de uso entendido como principal critério (VÁSQUEZ, 2007). Essa abordagem chama atenção pelo caráter utilitário que o conhecimento assume na sociedade atual, considerando as relações que se estabelecem no modo de produção capitalista.

Segundo Pimenta e Lima (2017) podemos ver em Marx que a práxis é a atitude (teórica e prática) humana de transformação da natureza e da sociedade, portanto não é suficiente conhecer e interpretar o mundo teoricamente, para além dessa tarefa, é preciso transformá-lo. Assim, a atividade teórica possibilita a indissociabilidade entre o conhecimento crítico da realidade e as finalidades políticas de transformação, mas ela não transforma a realidade, a teoria permite sentidos e significados para essa transformação que só acontece na práxis, ou seja, na ação dos sujeitos, historicamente, situados.

Sendo o estágio uma atividade educativa que se dá na concretização das relações sociais e o processo de aprendizagem dinâmico e aberto, entendemos que esse campo oferece vasta possibilidade de práxis criadora, pois se pode até prever os procedimentos que dão suporte ao estágio (carga horária, local, critérios avaliativos, etc.) e a idealização do resultado, mas não há como predefinir as relações que vão se estabelecer.

Assim, as atividades de estágio poderão oferecer condições para que o estagiário não só desenvolva e exponha a sua criatividade, mas também, possa favorecer que ele, simplesmente, assuma uma postura reprodutora e imitativa. Compreendemos que o ideal para a educação que visa à formação do cidadão emancipado é aquela que possibilita ao estudante exercer uma práxis criadora.

Por isso, entendemos que o projeto de estágio precisa estar ligado a um projeto maior de currículo e educação, que concebam a formação do ser humano em sua integralidade, tendo como eixo norteador o trabalho como princípio

educativo. Esse preceito tem claro em sua proposta que todo trabalho instrumental tem uma dimensão intelectual e vice-versa.

Como nos diz Gramsci, essa identidade orgânica é construída a partir de um princípio educativo que unifique, na pedagogia, *éthos*, *logos* e *técnos*, tanto no plano metodológico quanto no epistemológico. Isso porque, esse projeto materializa, no processo de formação humana, a interação entre trabalho, ciência e cultura, revelando um movimento permanente de inovação do mundo material e social (PACHECO, 2012).

Assim, é necessário formar-se um homem de tal modo que domine os princípios teóricos e metodológicos que explicam suas ações instrumentais, a fim de dominar o trabalho em sua dimensão de totalidade e, ao mesmo tempo, exercer sua capacidade criativa para que haja a relação entre a teoria e a prática, entre a ciência e o trabalho.

5.1.2 Estágio como projeto institucional

A partir da discussão do tópico anterior, que entende o estágio como ação educativa, emerge a necessidade de discutir a categoria de estágio como um projeto institucional, pensado por todos os envolvidos no processo educacional escolar.

O estágio é uma ponte entre a escola e o mundo do trabalho que o aluno pode atravessar com segurança já que, ainda, está em processo de aprendizagem e deve contar com a orientação de profissionais e com o suporte da instituição. Dessa forma, do ponto de vista organizacional, essa relação deve integrar em um mesmo currículo a formação plena do educando, possibilitando construções intelectuais elevadas; a apropriação de conceitos necessários para a intervenção consciente na realidade e a compreensão do processo histórico de construção do conhecimento. Com isso, queremos erigir a escola ativa e criadora, organicamente, identificada com o dinamismo social da classe trabalhadora (PACHECO, 2012).

Zabalza (2014) defende a importância de que o estágio seja, efetivamente, planejado e aponta quatro vantagens provenientes desse planejamento, tais como: a obrigação em pensar todo o processo, transformando-o em algo racional, pensado e com continuidade; a possibilidade de torná-lo público, visível e discutível; a suposição em assumir compromisso para quem o estabelece e um direito para quem

se vincular ao projeto; e possibilidade de avaliação, introduzindo ajustes e melhorias necessárias.

Nesse sentido, quando pedimos que os alunos avaliassem a relação entre a escola e campo de estágio, eles foram enfáticos em apontar a ausência de um projeto formativo que direcionasse as vivências do estágio e a ineficiência do próprio acompanhamento por parte da instituição. As falas seguintes são bastante elucidativas.

Quadro 10 – Relação escola e campo de estágio

Dimensão: Estágio como ação pedagógica e institucional
Categoria: Estágio como projeto institucional
Fragments das respostas dos alunos
“Ela cobrou, ela falou que a escola deveria ter mandado um cronograma para a empresa. Porque eles só falaram que iam mandar os estagiários para lá. Não falaram mais nada, só isso. Está bem enferrujada essa comunicação.” (E1)
“Eu acredito que a instituição tem que ser organizada, porque se a instituição está te enviando para um estágio, ela tem que te acompanhar e tem que te passar tudo aquilo que tá... pra fazer alguma mudança, tem que te passar.” (E2)
“Eles estavam fazendo projetos e a gente foi e perguntou <i>“tem alguma coisa pra gente fazer?”</i> , ela: <i>“olha, eu não posso mandar vocês fazer o que eu estou fazendo sem eu saber o que foi passado dentro da sala de aula para vocês, porque a escola deveria ter mandado pra gente pelo menos o cronograma de aula de vocês pra gente agregar na prática aqui. Então a gente está passando para vocês o nosso dia a dia.”</i> ” (E4)
“Por uma parte a gente se sentiu abandonado pela instituição. De não prestar assistência, de a gente ter dúvidas e chegar ao ponto da gente procurar ter alguma informação (...) a gente não está tendo essa reciprocidade dos alunos com a instituição.” (E5)
“Resumindo, o que eu acho é que não houve um plano de estágio para nós. Foi só extensivo, jogado, deixado solto. Foi uma coisa bem extensiva. Os estagiários extensivos. Tipo: “conseguimos a vaga e a gente vai mandar vocês para lá, vocês só tem que estar lá.” (E5)

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados da pesquisa, 2019.

As respostas dos estudantes demonstram descontentamento com a instituição e as razões apresentadas parecem se relacionar com a inexistência de um projeto formativo para o estágio em que constem as intenções e estratégias para o desenvolvimento do estágio, bem como, a definição das responsabilidades e atribuições de cada ator envolvido. Também, constatamos a queixa pela ausência de comunicação entre a escola, a empresa concedente e os próprios alunos.

Confrontamos as falas dos alunos com as respostas dadas pelos servidores sobre o processo de planejamento e acompanhamento do estágio e encontramos nelas algumas explicações que parecem justificar as insatisfações referidas.

A fala do servidor S1 revela a existência de um documento norteador do estágio na instituição e aponta a dificuldade em compreendê-lo.

Quando eu cheguei aqui eu tive muita dificuldade de conhecer o manual do estágio. Nós temos um manual onde fala das legislações, fala da importância dos acordos de cooperação, Porque pra eu encaminhar os alunos para as empresas, eu tenho que ter esse acordo de cooperação, firmado pela COEP¹⁹, publicado em diário oficial (S1).

Conforme mencionamos, no segundo capítulo, dessa dissertação, a EETEP/ITAUTUBA cumpre as normativas de um documento único para toda a Rede de Escolas Tecnológicas, denominado de Manual do Estágio. Ele se constitui num conjunto de normas e procedimentos para a realização do estágio curricular obrigatório e supervisionado, cujo propósito é contribuir para um melhor entendimento das formas e procedimentos necessários para o cumprimento desta importante etapa da formação profissional (COEP, SEDUC, s.d.). Além desse documento, a escola também baseia suas ações no PC (Plano de Curso) de cada curso ofertado, podendo por meio dele ter um maior nível de autonomia.

Como foi expresso pelo S1, o Manual de Estágio parece, inicialmente, ser um documento de difícil compreensão. Neste sentido, Zabalza (2014) indica que um bom projeto de estágio se caracteriza pelo nível de informatividade expresso em um documento de fácil leitura e compreensão e que seja transparente; e a capacidade de orientação de maneira que conduza o processo de estágio, conseguindo antecipar as possíveis dificuldades, destacar elementos centrais da experiência e orientar os estudantes sobre a forma de obter o maior aproveitamento do processo.

No caso específico dos alunos, não foi elucidada a dificuldade em compreender os documentos norteadores do estágio, mas sim, em saber da sua existência, conforme explicitado pelo estudante E5 no quadro anterior.

Percebemos que em todas as falas, os alunos apontam problemas de comunicação entre os responsáveis pelo estágio, a empresa concedente e os estudantes, inclusive estes alegaram não terem sido avisados sobre a ausência e afastamento do professor de estágio.

¹⁹ O servidor se refere à Coordenação de Educação Profissional da Seduc, conforme já foi explicitado no capítulo 2 dessa dissertação.

De acordo com o servidor S1 o momento em que o grupo de alunos pesquisados esteve em campo de estágio²⁰ coincidiu com o período de intervalo entre o encerramento de contrato temporário do professor orientador-supervisor e a lotação de um novo profissional. As falas seguintes comprovam essa explicação e apontam as dificuldades encontradas pela instituição, decorrentes dessa lacuna.

Agora eu não tenho supervisor, nos cursos, devido a lotação, eu estou com um mês sem supervisor de estágio. Eu estou fazendo este trabalho, estou fazendo a ronda. Tentando acompanhar, formalizar algumas situações que acontecem em campo de estágio (...) (S1).

[...] como eu estou sem supervisor, eu espero que eles no grupo se manifestem: “Eu estou tendo dificuldades, com isso e isso” e eles não se manifestam muitas das vezes. E mesmo tendo essa orientação, alguns não vêm nas reuniões. A gente tenta chamar e conversar e aí tem dificuldade. Porque tem empresa concedente que não são todos os dias que eu tenho visitas práticas, aí eles reclamam (S1).

As falas destacadas acima revelam as dificuldades reais da escola pública em cumprir seu papel com autonomia e qualidade. Como vimos, a ausência do professor orientador-supervisor de estágio provocou um acúmulo de tarefas para outros profissionais, que, logicamente, não tem condições, nem obrigação de cumpri-las. Essa problemática acabou prejudicando o acompanhamento e orientação dos alunos e, conseqüentemente, parece ter influenciado de forma negativa a qualidade dessa formação.

Segundo Libâneo, Oliveira e Toschi (2012) a educação de qualidade é aquela que promove o domínio dos conhecimentos e desenvolvimento de capacidades cognitivas e afetivas indispensáveis ao atendimento das necessidades individuais e sociais dos alunos, bem como, a inserção no mundo e a constituição da cidadania também como poder de participação, tendo em vista a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. É esse o sentido pleno da formação que se espera que as instituições propiciem aos alunos no processo de estágio.

No entanto, esses autores alertam que a escola pública brasileira tem passado por mudanças que envolvem um processo contraditório com aspectos positivos e negativos e citam, como exemplo, o fato de que mesmo com a democratização do acesso à escola, ampliando o acesso à escolarização de setores excluídos da sociedade, não ocorreu a ampliação dos recursos para o ensino

²⁰ Os alunos participantes da pesquisa estagiaram no período de fevereiro a abril de 2019.

obrigatório, tornando precárias as condições de funcionamento da escola e afetando a qualidade do ensino; nesse sentido, consideram a construção da escola pública brasileira um processo inacabado (LIBÂNEO; OLIVEIRA; TOSCHI, 2012).

Sabemos que essa é, sem dúvida, uma discussão muito abrangente que não nos cabe, aqui, aprofundar, mas optamos por mencioná-la dentro dessa acepção de estágio como projeto institucional para destacar que todos os aspectos do processo educativo escolar, inclusive o estágio, são, diretamente, atingidos pelos ideais perversos e excludentes do modo de produção capitalista e que a escola e todos os seus atos formativos são atingidos, diretamente.

Retomando ao aspecto apontado pelos alunos sobre a falta de comunicação entre os atores de estágio, pudemos notar o desencontro de informações entre os servidores da escola, quando questionados sobre a existência de momentos coletivos entre esses atores para planejamento das atividades de estágio.

Cabe, aqui, esclarecer que quando fizemos a entrevista com o professor orientador-supervisor de estágio o mesmo, ainda, estava assumindo o referido cargo ao passo que quando realizamos a entrevista com o coordenador de integração e o encontro de grupo focal com os alunos, o referido professor já havia encerrado as atividades profissionais, por meio do encerramento do contrato com a secretaria estadual de educação.

Seguem as respostas dos dois servidores:

Como eu estou sem supervisor, a gente está sem reunião, mas sempre que necessário, eu vinha desenvolvendo uma vez por mês, reuniões com os supervisores e coordenadores. Principalmente quando eu comecei, eu reuni com eles, vi alguns instrumentos que não eram utilizados (...) E aí eu enxerguei também muitas coisas que deveriam ser melhoradas aqui. Então eu comecei a fazer reuniões com eles e criamos um grupo (...) onde sempre mantinha contato e também diariamente" (S1).

O contato mesmo é entre o supervisor de estágio e o supervisor da empresa, mas esse contato entre coordenação de integração e coordenação pedagógica, supervisor e supervisor da empresa, não tem esse contato. Porque "tipo assim", quem fica mais relacionado, mais direcionado aos alunos é só o orientador deles lá e o supervisor aqui. Então esse "feedback", eu faço com eles. Eles querem saber as dificuldades e eu passo para eles" (S2).

Como vemos, um servidor destaca a existência de encontros de planejamento e, além disso, de momentos individuais com outros servidores para resolver questões ressurgentes, enquanto, o outro, enfatiza que esses momentos,

definitivamente, não acontecem. Cada sujeito fala a partir da sua verdade, e não nos cabe, neste momento, julgá-los. No entanto, analisamos que esse desencontro de informações revela a ausência de um efetivo planejamento institucional das atividades de estágio que, certamente, influencia nos objetivos desejados.

Libâneo, Oliveira e Toschi (2012) destacam a importância de que toda organização precisa de um plano de trabalho, indicando os objetivos e os meios de execução e, desse modo, superem a improvisação e a falta de rumo. É um processo de conhecimento e análise da realidade escolar e suas condições concretas que busca dar direção e sentido ao processo educativo.

Zabalza (2014) reflete que, como as práticas de estágio, geralmente, se desenvolvem fora da instituição escolar, é importante determinar de modo suficiente os compromissos institucionais para que essa etapa formativa se desenvolva da melhor forma possível, precisando, inclusive, de respaldo organizativo e legal. No entanto, o autor destaca que de nada adianta os aspectos formais que regulam o estágio entre os atores e instituições, se a relação entre as pessoas mais, diretamente, envolvidas no processo não funcionarem de forma fluída.

Desse modo, Zabalza (2014) determina que as boas práticas requeiram mecanismos que facilitem uma parceria equilibrada e sinérgica, de forma que diversos agentes envolvidos no processo participem dos mesmos propósitos formativos e se sintam envolvidos na geração de um ambiente de aprendizagem, em que cada um saiba o que se espera dele e qual é o seu compromisso no processo.

Nesse sentido, compreendemos que a experiência de estágio só poderá ocorrer de maneira satisfatória se existir um compromisso real por parte das pessoas e instituições que se encarregam de seu desenvolvimento.

5.2 Estágio como espaço de construção da identidade profissional

Este tópico apresenta os resultados e discussão sobre o entendimento do estágio como espaço de construção da identidade profissional. Está dividido em três partes que equivalem às categorias emergentes nessa dimensão investigada. Na primeira parte, é apresentada a concepção de estágio como imersão profissional, na segunda, o entendimento do estágio como construção identitária biográfica e relacional e, na última parte, a compreensão de estágio como projeção identitária profissional.

5.2.1 Estágio como imersão profissional

O entendimento do estágio como imersão no mundo do trabalho e de todos os aspectos que o envolvem leva o estudante ao contato direto com a profissão e lhe permite interagir com os estilos de trabalho, os perfis profissionais, as formas reais de enfrentamento dos problemas cotidianos, enfim, possibilita o envolvimento com a cultura daquela profissão e do mundo profissional como um todo.

Amicucci (2012) ressalta que, ao refletirmos sobre o estágio, devemos situá-lo no contexto da formação profissional alicerçada no projeto ético-político da profissão, o que nos leva a concebê-lo como atividade integrante do processo de formação, destacando o seu significado e as questões que emergem de suas particularidades.

Nesse sentido, o estágio, como espaço de aprendizagem profissional, configura-se como o momento de apreensão da realidade profissional em seus aspectos difusos, tensos, contraditórios, os quais possam favorecer a relação na dimensão da prática profissional e na prática social dos sujeitos (OLIVEIRA, 2003).

Zabalza (2014) destaca que uma das principais contribuições do estágio é a possibilidade de integrar-se em um cenário profissional real, conhecendo e participando, diretamente, da cultura e estilo de trabalho dos profissionais. Dessa forma, fazer o estágio significa encontrar a profissão e suas práticas, conhecer as atribuições e entender as funções dos profissionais e, nesse processo interativo, conhecer os profissionais, não, apenas, no sentido abstrato, mas as pessoas de carne e osso, constituídos por suas ideias, experiências pessoais, sua forma de vivenciar a profissão, dentre outras.

E assim, nesse contexto que envolve o aluno em suas concepções prévias sobre a profissão e as relações de ensinoaprendizagem ocorridas durante as aulas e nos campos de estágio, é que se constrói a identidade profissional desse estudante, incorporando a relação da profissão e valores históricos e sociais (BARBOSA, 2001).

Pimenta e Lima (2017), também, reforçam o preceito de imersão profissional como aprendizado da profissão ao, afirmarem que o curso, o estágio, as aprendizagens das demais disciplinas e experiências e vivências dentro e fora da instituição ajudam a construir a identidade profissional e, desse modo, o estágio, ao

promover a presença do aluno estagiário no ambiente de trabalho, abre espaço para a realidade, para a vida e o trabalho do profissional na sociedade.

As falas dos estudantes mostram, claramente, as suas percepções sobre a compreensão do estágio como oportunidade de experienciar e imergir no contexto profissional e, além disso, uma identificação com a profissão. Quando perguntados sobre quais experiências foram mais marcantes no decorrer do estágio, as respostas constam no quadro 11:

Quadro 11 – Entendimento de estágio como imersão profissional

Dimensão: Estágio como espaço de construção da identidade profissional
Categoria: Estágio como imersão profissional
Fragmentos das falas dos participantes
“Eu tive essa experiência da gente ir lá no apiário do sargento, e a gente literalmente mexeu assim, viu aquele monte de abelhas e eu pensei que eu ia até ter medo, mas não, “de boa”. (...) e foi uma experiência bacana.” (E1)
“Só de a gente ter essa experiência de andar no campo, de conversar com os trabalhadores rurais, isso aí já marca muito, porque para quem gosta da área isso é gratificante. Poder estar auxiliando na melhoria do trabalhador rural, porque o técnico em agropecuária é isso. É tu está levando inovação, conhecimento para o trabalhador rural, para ele melhorar o trabalho dele lá. Para ter evolução. Então quando tu consegue fazer isso, trazer isso, até mesmo no estágio, tu já está se preparando com o exercício da tua função, que tu sonhou estar ali.” (E2)
“O produtor vai perguntar e ao mesmo tempo que pergunta, as vezes ele já sabe a resposta e ele mesmo responde. Como a gente não sabe, a gente acaba sabendo, acaba aprendendo com eles”.(E4)
“A instituição realizou a feira do peixe, do pescado, da semana santa, Aí a gente estava lá para ajudar (...) só que acabou que a gente ficou com o serviço mais “puxado” (...) foi uma coisa que eu achei que foi um sucesso, e por isso eu me senti satisfeita de ter ajudado a ser um sucesso.” (E5)
“Chega muitas pessoas lá, pessoas humildes que não têm informação. Eles chegam lá com dúvidas e problemas a serem resolvidos e nem sempre esses problemas são resolvidos, e nem sempre essas dúvidas são solucionadas. Então eu acho que é isso, você também ter esse olhar para o produtor rural. Saber lidar, saber dialogar e fazer com que ele tenha o melhor atendimento que ele puder (...) eu sou estagiária de um setor público, então eu conheço a vivência de um setor público e eu sei que um setor público, ele é muito burocratizado.” (E5)

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados da pesquisa, 2019

Destacamos alguns pontos que chamam atenção na fala dos estudantes e merecem ser discutidos com mais cuidado.

Primeiro, fica evidente a maneira positiva como os alunos visualizam a experiência do contato com o ambiente real de exercício da profissão (apiário comunidade rural, feira do peixe). De acordo com Zabalza (2014), cada instituição e empresa possuem a sua própria dinâmica, suas exigências, desenvolve seus processos produtivos ou de serviço e a experiência permite ao estudante fazer uma

ideia mais realista do mundo do trabalho. De acordo com o autor, a conexão com o cenário profissional real é uma oportunidade para que o estudante mobilize saberes profissionais genéricos que fazem parte do catálogo de aprendizagem de sua formação, tais como, a observação, a análise das situações, a narração, descrição e interpretação das experiências, entre outros.

O segundo ponto observado é a satisfação dos alunos em interagir com os clientes, nesse caso, os produtores rurais, acessando o saber empírico expresso por eles, ou mesmo, contribuindo, para a resolução de seus problemas. Esse é um aspecto importante do estágio que requer do estudante, tanto o atendimento, quanto o entendimento das necessidades do cliente, além disso, exige certa dose de sensibilidade e empatia para que o estudante assuma uma postura de aprendiz diante do conhecimento empírico manifestado pelos clientes, ao mesmo tempo, em que pode demonstrar os seus próprios conhecimentos advindos da teoria.

Nesse sentido, o estágio tem a capacidade de propiciar ao estudante o desenvolvimento de habilidades, responsabilidades e compromisso, permitindo a construção da identidade profissional, pois, este, pode se identificar com suas especificidades e a totalidade que a envolve no âmbito das relações sociais (AMICUCCI, 2012).

A terceira observação que fazemos remete ao entendimento do estágio como encontro com a profissão, inclusive, experienciando as suas dificuldades típicas (problemas do contexto rural como estrada e transporte, marcas físicas do trabalho). Nesse ponto, é possível perceber que, ao mesmo tempo, em que os alunos descrevem as dificuldades que vivenciaram no campo de estágio, também, relatam o quanto se aproximaram e se identificaram com a profissão.

Pode-se perceber o estágio como ponte para o mundo do trabalho, para além da simples execução da tarefa, embora ela faça parte desse momento, assumindo-o como espaço em que o estagiário ao ter contato com a realidade, com suas atividades e inter-relações pode ir compreendendo, entendendo o mundo do trabalho e, até mesmo, apreendendo as especificidades construídas no exercício da profissão (SANTOS, 2009).

E, por último, destacamos a possibilidade de apreensão e interpretação da realidade social que o estágio pode proporcionar, este conceito fica evidente na fala da aluna E5 ao relatar a sua percepção sobre o trabalho burocrático no setor público onde desenvolve suas atividades de estágio.

Guiddens (2004) considera que os indivíduos não se limitam a desempenhar papéis, como se fossem, simplesmente, sujeitos passivos, segundo o autor os indivíduos vão, além disso, com capacidade de conceber e assumir esses papéis por meio de um processo de interação social.

O estagiário, sob essa perspectiva, é compreendido como corresponsável pela sua formação profissional; ele representa a esperança juvenil de uma profissão e, enquanto tal apresenta-se criativo, cheio de vontade, de curiosidade e iniciativas, e o mais importante, impregnado do espírito crítico que põe a realidade em constante movimento renovador (GOUVÊA, 2008).

Essa concepção aponta o estagiário como sujeito que se movimenta e confere movimento ao campo de estágio, desse modo, a autora denomina esse processo de papel social do estudante, conferindo-lhe autonomia para aprender na prática e alimentar o processo de renovação profissional.

Consideramos importante destacar que não encontramos nas respostas dos estudantes nenhum relato que revelasse descontentamento com o curso escolhido e profissão almejada, pelo contrário, todos os relatos apontam para um reconhecimento identitário profissional no sentido de estar, efetivamente, se projetando para ingressar nessa profissão.

O entrelace dessas concepções revelam a contribuição do estágio para a construção identitária profissional do estagiário. No encontro com o mundo do trabalho, com a profissão, com o ambiente e com os clientes, ou mesmo, no encontro com outros aspectos que não foram evidenciados como a interação com os profissionais, com as instituições e consigo mesmo, os estudantes tem a oportunidade de construir e reconstruir a sua identidade, conforme reflexão de Buriolla (1999) o estágio é o ambiente apropriado, para que a identidade profissional do estudante possa ser gerada, construída e referida, voltando-se para o desenvolvimento de uma ação vivenciada, reflexiva e crítica. Estas reflexões terão maior aprofundamento no tópico seguinte.

5.2.2 Estágio como construção identitária biográfica e relacional

A identidade é formada pela dualidade entre a identidade para si e a identidade para o outro. Partimos da ideia de que a articulação do componente biográfico, ou seja, a identidade que o sujeito atribui a si próprio, com o componente

relacional - a identidade atribuída pelo outro, ocorre através da interação que estabelece com o meio no qual está inserido.

Em Dubar (2005, p. 136) a identidade é o resultado, “a um só tempo estável e provisório, individual e coletivo, subjetivo e objetivo, biográfico e estrutural, dos diversos processos de socialização que, conjuntamente, constroem os indivíduos e definem as instituições”. No caso da identidade profissional, a sua construção precisa de espaços de formação ou emprego para se estruturar, sendo o encontro de trajetórias condicionadas por campos socialmente estruturados (DUBAR, 2005).

O estágio se constitui de um espaço privilegiado de contribuição para essa construção identitária, pois nesse processo dinâmico, que se estabelece nas relações do eu com os outros e do eu com o mundo do trabalho, ele promove a presença do aluno no cotidiano de trabalho, abre espaço para a realidade e para a vida e o trabalho do profissional. Também, abre possibilidades para que o estagiário se reconheça nesse espaço na medida em que interage com todas as demandas pertencentes ao mundo profissional.

Dividimos essa categoria em três subcategorias para melhor entendimento e interpretação dos resultados, sendo elas a maneira como os estagiários percebem a si mesmos e a maneira como eles vislumbram ser visto pelos outros e a negociação identitária como projeção da identidade profissional.

5.2.2.1 Maneira como os estagiários percebem a si mesmos

O processo identitário biográfico (identidade para si) é assim compreendido porque a sua formação compreende as trajetórias dos indivíduos e suas experiências de vida. Na articulação desses processos os indivíduos expressam as atribuições e as reivindicações para si, num sentimento de pertença a um determinado grupo ou contexto social, sendo que as atribuições poderão ser aceitas ou não.

Dubar (2005) explica que para realizar a construção biográfica de uma identidade profissional, os indivíduos devem imergir no trabalho, participar das relações nele estabelecidas, por meio das atividades coletivas das organizações e intervir no que ele chama de jogo dos atores.

Nas atividades de estágio eles têm essa oportunidade de interação com diversos aspectos que envolvem a profissão e o mundo do trabalho, muito embora

na condição de aprendizes e, portanto, para referenciar sua identidade biográfica os estudantes relatam fatos de sua vida escolar, pessoal e familiar.

Nesse sentido, observamos nos discursos dos estudantes uma diversidade de respostas sobre a percepção que tem de si, manifestadas em relatos que tratam dos condicionantes, que interferiram em sua trajetória de vida, nos espaços familiar e escolar, revelando, inclusive, a percepção de uma mudança pessoal durante esse percurso ou, ainda, há relatos de sugerem uma indefinição identitária. Apresentamos essa diversidade no quadro 12.

Quadro 12 – Percepção da identidade para si

Categoria: O estágio como espaço de construção identitária profissional
Subcategoria: Maneira como os estagiários percebem a si mesmos
Fragmentos das falas dos participantes
“Assim que eu comecei esse curso eu não tinha ideia de como era (...) É totalmente diferente do que a gente pensa no começo. E assim, eu pego as palavras da E6, que eu estou apaixonada pelo curso, eu estou gostando muito.” (E1)
“Eu sou um aluno de técnico em agropecuária, em busca do conhecimento, porque eu sou apaixonado pelas áreas rurais,” (E2)
“Já tive a oportunidade de fazer um curso de auxiliar, fiz, com muita “peleja”, mas eu fiz Auxiliar de Veterinária. Aí como já era para iniciar a faculdade e não tem aqui no município, eu tinha que ir para outro município e meu pai e minha mãe estavam sem condições devido saúde. Aí o professor S2 deu essa proposta de fazer o curso de técnico em agropecuária. Então eu vi isso, como uma oportunidade de obter conhecimento na área que eu gosto, na área que eu amo fazer.” (E4)
“Sou estudante e acho que vou passar o resto da minha vida fazendo isso. Eu não sei quem eu sou e como a E5 falou, a gente vai buscando saber quem a gente é ao longo da nossa vida, porque às vezes ocorre mudanças que a gente se surpreende com a gente mesmo.” (E3)
“[...] eu sou mais do que as pessoas me veem, eu sou mais do que eu mostro as pessoas. Existe uma E5 que nem todos conhecem, nem todos tem a oportunidade de conhecer, mas ela existe e ela é capaz de muitas coisas que talvez ela mesmo não acredite.” (E5)
“Hoje eu me considero assim, vitoriosa porque eu enfrentei muitas barreiras para que eu pudesse fazer o curso de técnico em segurança e esse de agropecuária. Vamos dizer... uma pessoa que é bem melhor do que era antes, mais interativa, eu até me soltei mais, porque eu era mais tímida.” (E6)

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados da pesquisa, 2019

Percebemos na resposta do estudante E1 um processo progressivo de pertencimento ao curso e a profissão ao longo da formação. No aluno E2 a identificação biográfica com a profissão parece ser uma opção consolidada e contínua, assim como, para o aluno E4 que relata uma identificação primária com a profissão em um curso anterior, sendo, apenas, reforçada nos estudos atuais. Esse aluno, também, destaca o modo de atribuição a partir da influência de um professor

em seu processo decisório, diante dos condicionantes sociais e econômicos vividos pela família.

Entendemos com Vieira (2009) que as experiências que o indivíduo vive podem interagir com sua história de vida pessoal, contribuindo para a sua configuração identitária (VIEIRA, 2009). Neste sentido, a identidade pode ser compreendida como algo em construção, com base nos sentidos que os sujeitos vão produzindo na condição singular em que se encontram inseridos em suas trajetórias de vida e, ao mesmo tempo, em suas diferentes atividades e formas de relação. Assim, é o resultado das complexas sínteses das experiências individuais dos sujeitos em diferentes contextos de expressão (SCOZ, 2004).

Percebemos nas falas dos estudantes E3 e E5 certa indefinição identitária, parecem, ainda, estar em busca dessa singularidade por meio do autoconhecimento, embora E3 sugira um sentido de pertença a vida estudantil. Os dois alunos não fazem referência ao percurso biográfico e, também, não revelam nenhum tipo de pertença ao curso e a profissão.

Podemos concluir com Dubar (2006) que os estudantes estão vivenciando um momento de crise de identidade. O autor esclarece que o processo identitário se alimenta da vontade do indivíduo não ser a pessoa que todos julgam que é que encontra no ato de formação sua última confirmação. Dessa forma, a pergunta: “quem é você?” só pode ser respondida pelo indivíduo da seguinte forma: “eu estou em formação”.

Segundo Vieira (2009) o movimento de identificação, com seu paradoxo, com suas crises, é saudável para o processo de narração da pessoa, pois gera um autoexame constante na busca de enxergar o que se está construindo e o que permanece desde o passado e se projeta para o futuro, independente, das circunstâncias no entorno. Nesse sentido, compreendemos que essa fase é importante para o amadurecimento pessoal e profissional dos estudantes.

O aluno E6 enfatiza aspectos do seu crescimento pessoal quando faz referência à diferença de postura de um curso feito, anteriormente, e o atual. Neste último, o estudante admite ter desenvolvido habilidades de interação e comunicação. O relato da aluna, também, parece revelar uma trajetória de vida difícil e com percalços que a mesma aparenta estar superando ao se considerar uma pessoa “vitoriosa”.

Nesse ponto Dubar (2006) nos ajuda a entender a identidade pessoal e profissional como conquista permanente de uma identidade narrativa que ocorre na ação coletiva e por meio dela. A identidade pessoal implica a interiorização de uma atitude reflexiva do indivíduo através de relações significantes que permitam a construção de sua própria história, ao mesmo tempo, em que faz a imersão no processo histórico.

Também, Vieira (2009) esclarece que a identidade biográfica profissional (para mim) acontece quando o sujeito é capaz de perceber seus movimentos, as mudanças e as pertencas e não se abala, mas dimensiona e organiza esses processos. A identidade pessoal e profissional, assim, concebida, não é determinada pelas suas condições sociais, mas é construída a partir de recursos da trajetória social que é, também, uma história subjetiva (DUBAR, 2006).

O estágio curricular supervisionado, ao ser considerado como uma ação educativa, que possibilita a aquisição de saberes, habilidades, posturas e compromisso profissional, é um espaço propício para se trabalhar a identidade profissional em formação. Desse modo, compreendemos que a percepção biográfica profissional pelos estagiários é um processo dinâmico e constante que precisa ser estimulado em busca de autoconhecimento e amadurecimento pessoal e profissional.

5.2.2.2 Maneira como os estagiários percebem ser vistos pelos outros

Na seção anterior, apresentamos os resultados das percepções que os estagiários fazem de si mesmo, nesse abordaremos o contraponto dessa dualidade, ou seja, a identidade relacional (identidade para os outros) que se constitui como a forma que percebemos ser vistos pelas outras pessoas ao nosso redor em contextos sociais e profissionais. Aqui, verificaremos os atos de atribuição expressos pelos alunos em suas falas.

O *ato de atribuição* é associado às ações, realizadas por outros (instituições e agentes, diretamente, envolvidos com o sujeito) que ajudam o sujeito a entender a visão que os outros têm dele, por exemplo, que tipo de homem ou mulher o sujeito é. Essa visão está relacionada ao processo relacional (maneira como o sujeito considera ser visto pelos outros) (DUBAR, 2006).

O autor declara que a identidade relacional é constituída pelas relações sociais do indivíduo com o seu meio, e marcado pelas características de seu grupo de pertença: tribo, grupo étnico, nação, classe social, entre outros (DUBAR, 2006).

Desse modo, no que se refere à construção da identidade profissional de acordo com o processo relacional, o reconhecimento identitário de um indivíduo não depende, apenas, do ambiente em que ele atua, mas da natureza das relações de poder neste espaço, do lugar que o indivíduo ocupa e do seu grupo de pertença. Sendo assim, o ambiente de reconhecimento das identidades é concebido como inseparável dos espaços de legitimação das competências e saberes e associados à identidade (DUBAR, 2005).

Nas manifestações dos estagiários sobre como imaginam ser vistos pelos diferentes atores envolvidos no estágio, notamos que todos os relatos enfatizam a maneira como eles percebem ser vistos pelas empresas, onde estagiaram. Não encontramos ocorrências de falas que tratem da percepção de outros atores como os professores do curso, os outros profissionais da escola, a coordenação de integração ou os próprios colegas, conforme quadro 13.

Quadro 13 – Percepção da identidade pelos outros

<p>Categoria: Estágio como construção identitária biográfica e relacional</p>
<p>Subcategoria: Maneira como os estagiários percebem ser vistos pelos outros</p>
<p>Fragmentos das falas dos participantes</p>
<p>“Acredito que pra muitos o estagiário é apenas um peso morto dentro da empresa (...). Em geral os estagiários são apenas ninguém dentro da empresa, salvo as empresas que abraçam a ideia de ajudar.” (E1)</p>
<p>“Acredito que fomos vistos como aprendizes e umas pessoas nos trataram como novos profissionais.” (E2)</p>
<p>“Eu fui bem vista no estágio, os funcionários da empresa sempre tinham uma forma de nos encaixar nas atividades eles não me viam como uma estagiária e sim como uma funcionária.” (E3)</p>
<p>“Eu acho que tem duas formas que os outros veem o estagiário, tem o lado ruim e o bom. Por exemplo, o estagiário é visto como principiante, aquele que não tem experiência, às vezes sinto que certas tarefas não nos são delegadas porque julgam que a gente não é capaz de fazer de maneira correta. Mas pelo lado positivo, eu acho que as pessoas veem o estagiário como uma renovação, mais força de trabalho pro mercado de trabalho, devido principalmente a maioria dos estagiários ser jovem, acho que eles conseguem sentir o nosso entusiasmo, apesar dele não ser correspondido como gostaríamos.” (E5)</p>

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados da pesquisa, 2019.

O estudante E1 apresenta uma acepção negativa sobre a forma como os estagiários são vistos pelas empresas destacando a impressão de que o aprendiz

praticamente inexistente ou que a sua presença não faz diferença no contexto na organização. Também pode ser considerado um fardo, uma preocupação que a empresa não precisaria administrar.

Por outro lado, o aluno E2 avalia ser visto pela empresa como aprendiz, mas destaca que algumas pessoas já o consideravam como novo profissional. Essa impressão revela um entendimento oposto à imagem expressa pelo aluno anterior. Ser considerado um profissional em formação garante ao estudante uma maior aproximação com a profissão e com o mundo do trabalho, lhe confere um *status* de “quase profissional” e, portanto, pode ampliar as oportunidades de pertencimento e socialização profissional.

Essa ideia da necessidade que o sujeito tem de pertencer, de saber que ideias e grupos fazem parte, surge no relato de Bauman (2005) a partir do momento em que se percebe que a pertença não é eterna. A questão da identidade só é colocada em causa quando esta é ameaçada ou abalada de alguma maneira.

O estudante E3 percebe ser visto como um funcionário, na medida em que usufrui da oportunidade de participar do máximo de atividades, propiciadas pela organização. Sem dúvida, ser funcionário envolve uma série de tarefas, compromissos e responsabilidades que o estagiário, efetivamente, não pode desempenhar por ainda estar em fase de aprendizagem, no entanto, ser visto na posição de funcionário revela um nível de socialização profissional, que permite ao estagiário um sentido de pertença à profissão e à própria instituição num movimento de continuidade.

Segundo Dubar (2005), a socialização profissional pode ser concebida, simultaneamente, como uma iniciação à cultura profissional e como uma conversão do indivíduo a uma nova concepção do eu no mundo, ou seja, uma nova identidade. Esta nova identidade profissional é o resultado de processos de socialização cada vez mais diversos que se encontram em constante movimento de ruptura e continuidade. A ruptura se constitui como negação da atribuição e a continuidade corresponde ao reconhecimento identitário num movimento de pertença.

E por fim, o estudante E5 considera ser percebido, enquanto estagiário sob um aspecto dual comum a muitos jovens quando em busca do primeiro emprego: candidato sem experiência x candidato com potencial inovador. Essa posição contraditória conferida ao estagiário pode ser desfavorável na medida em que gera incerteza e insegurança ao aluno, fazendo-o, sempre, questionar seus saberes e

seu potencial, no entanto, também, pode ser favorável no sentido de que o estudante se perceba, ainda, como um profissional em construção, inacabado e, portanto, aberto a novas aprendizagens e novos desafios.

Nesse sentido, o estágio enquanto espaço de formação identitária possibilita ao estudante ter contato com os profissionais, seus estilos de trabalho, suas funções e visões do mundo e da profissão e nessa interação o estudante poderá avaliar a maneira como é visto pelos atores envolvidos nessa atividade e a partir dessa avaliação, os alunos poderão reconhecer e legitimar essa identidade profissional ou entrar em processo de ruptura em busca de uma nova identidade.

5.2.2.3 Estágio como projeção identitária profissional

As duas configurações identitárias analisadas nos tópicos anteriores (identidade biográfica e identidade relacional) ocorrem, simultaneamente, e de maneira autônoma, mas também, articuladas. Nesse confronto podem surgir desacordos, de maneira que a forma do sujeito ver a si mesmo (processo biográfico) não estabelece uma conformidade com a forma que ele percebe ser visto pelo outro (processo relacional).

Para resolver esse conflito é necessário ocorrer a negociação identitária para que o indivíduo defina se prevalece a maneira como ele vê a si mesmo ou a maneira como ele percebe ser visto pelos outros. Esse processo interno de negociação ocorre a partir das estratégias identitárias de *transação objetiva* e *transação subjetiva*. A primeira consiste em moldar a identidade para si a partir da identidade para o outro, onde prevalece a maneira como o sujeito entende ser visto pelos outros. A segunda (transação subjetiva) consiste em assimilar a identidade atribuída pelo outro para a identidade para si, havendo um predomínio da maneira com o sujeito vê a si mesmo.

Nesse contexto, vamos verificar nos relatos seguintes como os estagiários projetam a sua identidade profissional, considerando que, ainda, estão em processo de formação, na busca por identificar se a negociação identitária resulta numa estratégia identitária de transação objetiva ou subjetiva. Vejamos as falas no quadro 14.

Quadro 14 – Percepção da projeção identitária profissional pela negociação

Categoria: Estágio como construção identitária biográfica e relacional
Subcategoria: Estágio como projeção identitária profissional
Fragmentos das falas dos participantes
“[...] no decorrer do tempo eu vou estudar e não ser só profissional, mas sim uma excelente profissional.” (E1)
“Eu gostaria de ser um profissional, não aquele de “enrolation”. Eu gostaria de realmente auxiliar as pessoas. Porque a gente está em uma função dessas, não apenas por dinheiro. Certo que a gente precisa do dinheiro. Mas a gente, pelo menos eu, pessoalmente, pretendo sempre estar inovando naquela área, sempre procurando melhorar, sempre procurando ter mais conhecimento e auxiliando as pessoas ao qual eu vou trabalhar.” (E2)
“Como o professor X sempre diz “ele não é bom, ele é muito bom” e eu levo isso para mim. Eu não quero ser boa, eu quero ser muito boa.” (E3)
“[...] muitos não imaginavam estar aqui terminando esse curso, muitos ficaram para trás e a gente está aqui. Então a gente tem a oportunidade de ser excelentes profissionais.” (E4)
“Eu quero que as pessoas tenham confiança no serviço que eu vou prestar, eu quero que elas se sintam satisfeitas, eu quero que elas confiem novamente para exercer esse trabalho e eu quero que elas recomendem, que realmente confiem que eu vou chegar lá e que eu vou resolver o problema do produtor.” (E5)

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados da pesquisa, 2019

O estudante E1 projeta para si uma identidade profissional que considera de excelência, ele não relata as características iminentes a esse perfil almejado, mas sugere o entendimento de um profissional em constante processo formativo. Percebemos a estratégia identitária de transação subjetiva ao manifestar o desejo pessoal para chegar ao perfil profissional em questão.

Já o aluno E2 faz questão de destacar os motivos pelos quais almeja se tornar um profissional e as suas características adjacentes. O primeiro motivo explicitado manifesta o desejo de auxiliar as pessoas que, a nosso ver, são os trabalhadores rurais, por se constituírem público alvo da profissão de técnico em agropecuária; e o segundo motivo está ligado à questão financeira, expectativa que consideramos comum dentro do atual sistema capitalista, que força o empregado a vender sua força de trabalho como garantia de sobrevivência. Quanto às características, o estudante faz referência à formação continuada e a busca por inovação profissional e rejeita a possibilidade de ser um profissional sem responsabilidade e compromisso com a profissão. Entendemos que seja a transação subjetiva a estratégia de constituição identitária predominante nesse aluno por apresentar convicção em suas respostas pessoais.

Depreendemos do relato do aluno E3 que a estratégia identitária preeminente é a transação objetiva, pois, notamos que o perfil profissional almejado resulta da identidade relacional, uma vez que a percepção do outro é mais importante, no caso do aluno, “esse outro” é um professor do curso por quem ele possui admiração e projeta para si esse perfil.

De acordo com Dubar (2005), a identidade é algo que exige constante vigilância para que se possa manter um equilíbrio entre o que se deseja manter e o que se deseja lançar fora. Bauman (2005), também, afirma que as identidades flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta, e é preciso estar alerta para defender as primeiras em relação às últimas.

O estudante E4 comemora a possibilidade de estar prestes a terminar o curso em comparação aos colegas que não tiveram a mesma chance. O aluno atribui a esse fato o indicativo de que, a partir dessa oportunidade, poderá ser um bom profissional. Isso nos mostra que a estratégia identitária prevalente é a transação subjetiva.

Pelo perfil profissional apontado pelo aluno E5, entende-se que a estratégia identitária seja subjetiva. O referido perfil inclui como características principais confiança, satisfação, recomendação e segurança.

Nesse processo de análise da construção identitária aprendemos com Dubar (2006) que a identidade pessoal dos sujeitos em aprendizagem não é adquirida tal qual à nascença, ela constrói-se durante toda a vida, mas não se reduz a uma interiorização passiva e mecânica das identidades herdadas, do conjunto de características ligadas à nascença nem a papéis predefinidos. Ao contrário, ela conquista-se, frequentemente, contra estas últimas, por distanciamento e rupturas que não excluem nem as continuidades nem as rupturas.

E por isso, intentamos que a identidade dos estagiários, aqui, analisada é mutável de acordo com os contextos e processos de atribuição e pertença dos sujeitos. Assim, a negociação identitária profissional é necessária pra que o sujeito possa experienciar um movimento de autoconhecimento e ressignificação, e o estágio como um espaço propício para esse processo.

6 CONHECENDO O APLICATIVO EDUCACIONAL *MEU ESTÁGIO*

Neste capítulo apresentamos o aplicativo *Meu Estágio* enquanto produto educacional desenvolvido no decorrer da investigação sobre o estágio curricular supervisionado na Educação Profissional Técnica de Nível Médio.

O referido produto tem como objetivo auxiliar nos processos formativos do estágio, contribuindo na construção da identidade profissional dos estudantes. Para atingir esse objetivo, o aplicativo é constituído de ferramentas que buscam fornecer orientações sobre o desenvolvimento do estágio, propiciar reflexões sobre o mundo do trabalho na interface com a identidade profissional e viabilizar a comunicação entre os atores do estágio.

O capítulo está dividido em cinco partes que buscam explicitar o máximo de informações para que o leitor compreenda o processo criativo desse produto educacional desde a sua concepção até a validação. Na primeira parte, explicamos os motivos para utilização do aplicativo, embasados nos estudos sobre aprendizagem móvel, na segunda, exibimos o logotipo e buscamos explicar as razões e significados expressos na sua composição; na terceira, apresentamos as explicações técnicas sobre a produção do aplicativo a respeito da plataforma de desenvolvimento, linguagem de programação e sistema operacionais de execução. Consideramos importante incluir esse tópico para que o leitor tenha acesso a essas informações básicas mesmo não tendo conhecimento específico na área, pois caso sinta necessidade poderá aprofundá-las, posteriormente; na quarta parte, expomos as telas do aplicativo e fazemos a descrição de todas as ferramentas que o compõe; e na última, apresentamos o processo de validação do produto pelos usuários.

6.1 Por que utilizar o *App Meu Estágio*?

A aplicação do produto educacional (*App Meu Estágio*) é destinada aos jovens estudantes em período de estágio. Para esse público a possibilidade de interagir com o real e o virtual acontece em todo momento, por meio de aplicativos em seu celular, tablet ou computador. Desse modo, é importante reconhecer que a juventude apropriou-se das tecnologias e as transformou, completamente, saindo da posição de um meio meramente receptor de informações para um meio de

expressão de ideias e de manifestação da pluralidade e de cidadania (PRETTO, 2010).

O conjunto de práticas e atividades educacionais viabilizadas por meio de dispositivos móveis é representado pelos termos *m-learning* ou *mobile learning* e vem sendo traduzido no Brasil como “aprendizagem móvel” ou como “aprendizagem com mobilidade”, (MEIRELLES; TAROUÇO, 2005). A mobilidade se caracteriza pelo uso de dispositivos móveis que viabilizam comunicação e informação instantânea via texto, imagem, vídeo, além de recursos de gerenciamento, via internet.

Dias (2010) aponta como principal benefício da utilização da telefonia móvel, a possibilidade de manter o estudante conectado e em permanente contato com a instituição a que ele está vinculado, podendo acessar os serviços de suportes, receber/ enviar materiais e interagir com os colegas e professores. Segundo a autora essa capacidade pode provocar mudanças na forma de ver e conceber o mundo e também na forma de ver e conceber a educação.

Essa característica da aprendizagem móvel é essencial para os processos formativos do estágio curricular supervisionado, pois permite ao estudante estar sintonizado com todos os procedimentos que compõe o estágio.

Assim, dentre as principais vantagens do *App Meu Estágio* estão: a facilitação da interatividade entre os alunos e a instituição; o fornecimento de orientações sobre o desenvolvimento do estágio e a proposição de reflexões sobre o mundo do trabalho na interface com a identidade profissional.

Nesse sentido, esperamos que a utilização do aplicativo pelo estudante se torne uma experiência significativa que possa auxiliar no seu processo formativo por meio de uma aprendizagem mais interativa, flexível e condizente com o seu perfil e, ainda, contribuir para a sua emancipação e vivência da cidadania.

6.2 O logotipo

Figura 8 – Logotipo do aplicativo



Fonte: Aplicativo Meu Estágio, 2019

O *App Meu Estágio* foi criado dentro de uma concepção de educação que busca a formação humana integral dos educandos a partir da compreensão do trabalho como princípio educativo e, desse modo, entende o estágio como um espaço que favorece a construção e fortalecimento da identidade profissional dos estudantes.

Na tentativa de expressar essa concepção, criamos um logotipo com as seguintes especificações e significados:

No centro aparece a figura de um ser humano cuja cabeça tem o formato de lâmpada. Essa imagem representa os estudantes estagiários (tanto homens, como mulheres) imersos no mundo do trabalho. O estágio é, portanto, compreendido como uma ação criativa e emancipadora.

Ao redor do estudante está a imagem de uma engrenagem constituída por sete desenhos. A engrenagem retrata o processo de formação da identidade profissional do educando, que está em constante movimento. Os desenhos no entorno traduzem os princípios da educação, que busca a formação humana integral do ser humano: trabalho, ciência, cultura, tecnologia, arte, relações humanas e profissionalização.

As cores das imagens, também, são representativas. O colorido dos desenhos retrata a diversidade humana presente nas instituições escolares. Assim, como a beleza das cores é reconhecida, individualmente, e, em conjunto, também, a convivência humana deve respeitar as individualidades e a coletividade. E por fim, o verde no centro do logotipo traduz a esperança de que o ideal de educação emancipadora seja realidade em todo o Brasil.

6.3 Informações técnicas

Para o desenvolvimento do aplicativo, foi utilizado o Ionic framework²¹. Utilizando-o, é possível desenvolver aplicativos para celular e gerar os executáveis, tanto o sistema operacional Android, quanto para iOS (iPhone). Para tanto, utiliza-se como linguagens para construção do App, as mesmas ferramentas padrão utilizada para construção de sites web.

As tecnologias Web suportam várias linguagens de programação e marcação. Neste trabalho foram utilizadas as linguagens HTML²², CSS²³ e JavaScript²⁴. O HTML (*HyperText Markup Language*), é uma linguagem de marcação de texto, onde é possível apresentar textos formatados e incluir elementos interativos na página por meio de um navegador Web. Através dele pode-se, também, incluir elementos de navegação entre páginas.

O CSS (*Cascading Style Sheets*) é utilizado, dentro do HTML, para fazer a estilização. É através dele que, nas páginas, são inseridas as seções e, em cada uma delas, a formatação para cada tipo de elemento, podendo ocorrer formatação do mesmo tipo de elemento, em seções diferentes, de modo distinto. Na sua versão atual, aconteceu uma série de evoluções que, em conjunto com a evolução dos navegadores, permitiu maior poder na criação de conteúdo digital.

Em conjunto com o HTML e o CSS, o *JavaScript* é uma linguagem de Script executada no navegador Web para implementação de interatividade e funções executadas dentro de uma página. Através do *JavaScript* é possível criar desde animações como incremento e melhorias na parte visual, até programas completos que executam funções complexas e dão resultados na própria página sem necessitar de conectividade.

O framework escolhido utiliza essas tecnologias web para seu desenvolvimento, o que facilita o entendimento, além de permitir que o aplicativo gerado, a partir do que for desenvolvido, possa ser executado nos principais

²¹ Informações disponíveis em <https://ionicframework.com/>. Acesso em 30 de abril de 2019.

²² Informações disponíveis em <https://www.w3.org/html/>. Acesso em 30 de abril de 2019.

²³ Informações disponíveis em <https://www.w3.org/Style/CSS/>. Acesso em 30 de abril de 2019.

²⁴ Informações disponíveis em <https://www.w3schools.com/js/>. Acesso em 30 de abril de 2019.

sistemas operacionais (Android e iOS). Estes sistemas contemplam cerca de 99% dos smartphones disponíveis no mercado²⁵.

6.4 Entendendo as ferramentas

a) Cadastro do perfil individual: Por meio dessa ferramenta o usuário iniciará o uso do aplicativo. Após fazer o download do aplicativo no aparelho smartphone celular ou tablet, no momento em que abrir o programa, o usuário irá preencher um cadastro com algumas informações pessoais, tais como: nome completo, nome de usuário, sexo, data de nascimento, idade, e-mail, telefone e curso. Também, terá a opção de incluir sua foto para personalizar o perfil. Caso ocorra erro no cadastro ou algum problema dessa natureza, o usuário terá a opção e efetuar um novo cadastro. As informações preenchidas serão protegidas pela política de privacidade da empresa desenvolvedora e, apenas, a pesquisadora terá acesso aos dados para fins da pesquisa. Esse cadastro inicial é importante para identificar o perfil de usuário. Veja as telas de cadastro de perfil individual e novo cadastro na figura 9.

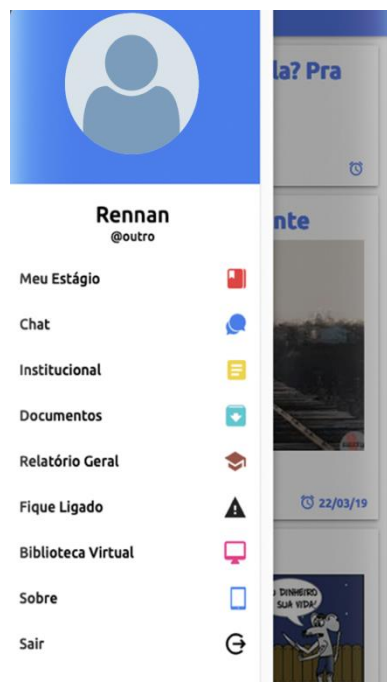


Fonte: Aplicativo Meu Estágio, 2019.

²⁵ Informações disponíveis em <https://www.tecmundo.com.br/dispositivos-moveis/119411-android-ios-windows-phone-mercado.htm>. Acesso em 30 de abril de 2019.

b) Menu inicial: Essa tela é destinada a visualização de todas as ferramentas que compõe o aplicativo e por meio dela o usuário tem a possibilidade de acessar a tela do seu interesse apenas dando um clique no ícone ou no próprio nome da ferramenta. A figura 10 mostra a tela menu inicial.

Figura 10 – Imagem da tela menu inicial



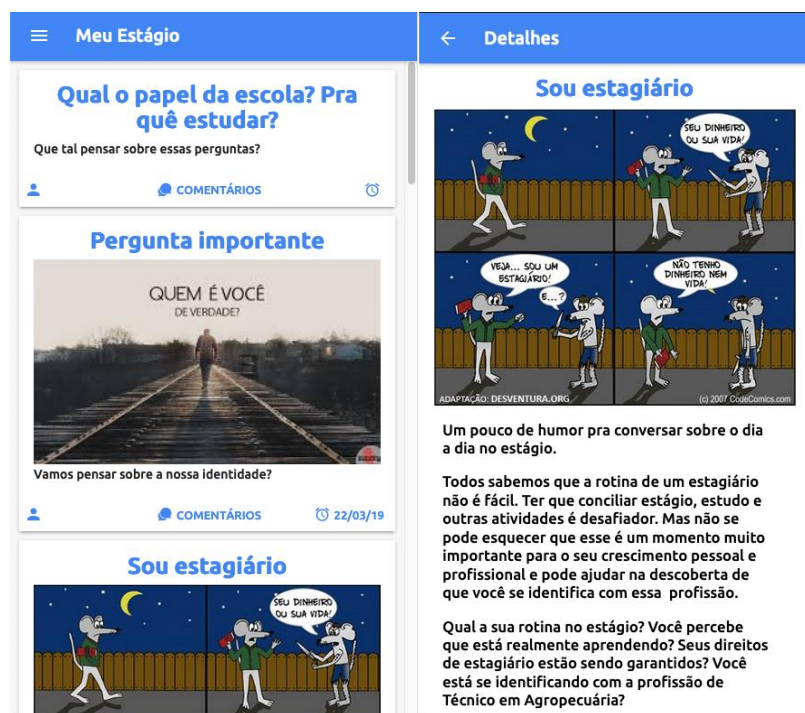
Fonte: Aplicativo Meu Estágio, 2019.

c) Tela de abertura: Dentre as várias telas do aplicativo, gostaríamos de destacar a tela de abertura como a ferramenta que pretende propiciar reflexões sobre as concepções de trabalho, estágio e identidade profissional. Nesse espaço consta uma diversidade de gêneros textuais como: músicas, poesias, narrativas, charges, imagens, frases, dentre outros. Os referidos gêneros são acompanhados de breves comentários, com apresentações sobre os mesmos ou com indagações que possam provocar reflexões sobre as temáticas abordadas. Além disso, a ferramenta é composta por um espaço interativo, onde o usuário pode fazer comentários sobre as postagens, expressando a sua opinião.

Essa ferramenta é editável e pode ser personalizada conforme as intenções educativas da instituição, essa característica é melhor explicada no tópico sobre alimentação do aplicativo. Esperamos que, por meio dessa ferramenta, situada,

intencionalmente, na primeira tela visualizada pelo usuário, possamos sensibilizar os estudantes sobre as temáticas referidas, promover momentos de reflexão e contribuir para a formação da sua identidade profissional. A figura 11 mostra algumas postagens contidas no aplicativo.

Figura 11 - Imagens da tela de abertura

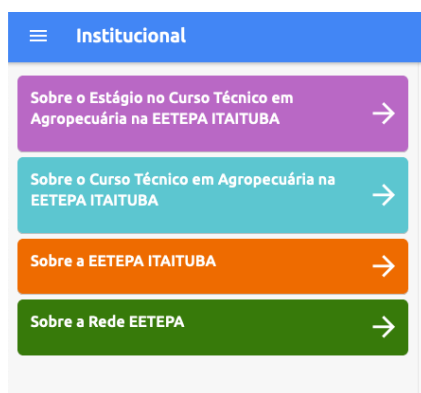


Fonte: Aplicativo Meu Estágio, 2019.

d) Institucional: Nessa tela constam as informações sobre a Rede EETEP, a escola, o curso Técnico em Agropecuária e o desenvolvimento do estágio curricular supervisionado. Os textos são apresentados por meio de perguntas e respostas para melhor compreensão das informações pelos usuários. É importante destacar que todos os dados incluídos são de domínio público, disponibilizados pela instituição. Essa ferramenta, também, é editável e pode ser adaptada pela instituição conforme seu objetivo.

Ao clicar no ícone ao lado do título de interesse, será aberta uma tela contendo um texto informativo sobre o título solicitado. Essa ferramenta é importante para que o usuário conheça as informações básicas sobre a instituição, o curso e o estágio de forma fácil, rápida e confiável. Veja a imagem da tela institucional na figura 12.

Figura 12 - Imagem da tela institucional



Fonte: Aplicativo Meu Estágio, 2019

e) Documentos: Nessa tela o usuário tem acesso aos documentos orientadores do estágio. Dentre eles estão os fornecidos pela escola EETEPA para nortear os procedimentos formais do estágio e a legislação federal que regula em todo o país. Os documentos disponibilizados são: Plano do Curso Técnico em Agropecuária, Manual de Estágio, Guia de Relatório de estágio, modelo de relatório de estágio, roteiro de avaliação de relatório e a Lei de Estágio Nº 11.788/2008.

Consideramos importante que o aluno tenha acesso a todos os documentos oficiais em um só espaço com acesso rápido e fácil para consulta e utilização. Essa tela, também, é editável conforme necessidade da instituição. Veja figura 13.

Figura 13 – Imagem da tela documentos

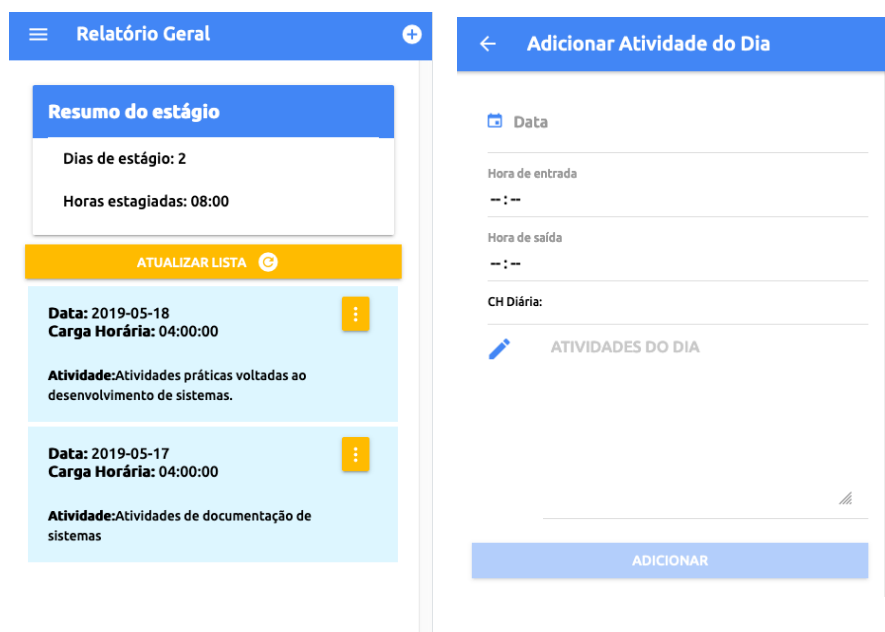


Fonte: Aplicativo Meu Estágio, 2019

f) Diário: Essa é uma importante ferramenta que auxilia o estudante no registro do seu dia a dia no estágio. Nesse espaço, o usuário irá incluir a data de estágio, o horário de entrada e saída, a carga horária diária e as atividades desenvolvidas, diariamente, durante o período estagiado. Depois de registrar as informações de seu interesse o usuário poderá atualizar a lista de atividades registradas e gerar um relatório geral, onde constará o resumo de todos os dados informados, inclusive com a somatória da carga horária estagiada.

Esse é um instrumento que ajuda o estudante na produção de seu relatório final, bem como, abre possibilidade para que ele visualize e acompanhe o próprio desenvolvimento do estágio. A tela é visualizada na figura 14.

Figura 14 - Imagem das telas: diário e relatório geral



Fonte: Aplicativo Meu Estágio, 2019

g) Fique ligado: Essa tela contém links que direcionam o estudante para páginas de internet que comumente divulgam vagas de emprego. Nela o usuário tem acesso à divulgação de vagas de emprego e estágios remunerados em âmbito nacional, regional e local, dentro e fora de sua área de formação.

Essa página pode ser alimentada à medida que se tomar conhecimento de novas empresas que trabalhem com essa finalidade. O título tem um apelo ao público jovem no sentido de chamar a atenção sobre as possíveis vagas.

É uma ferramenta necessária para o público-alvo constituído de jovens concluintes do ensino médio técnico que, diante das demandas do mercado e das condições econômicas de suas famílias, buscam acessar o primeiro emprego.

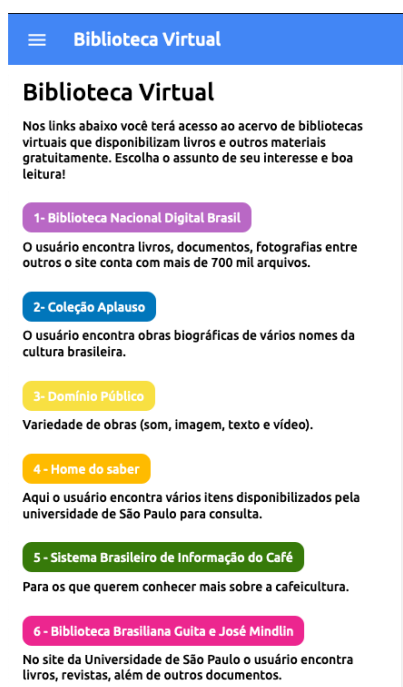
Figura 15 - Imagem da tela fique ligado



Fonte: Aplicativo Meu Estágio, 2019

h) Biblioteca Virtual: Essa tela contém links de acesso ao acervo de bibliotecas virtuais brasileiras que disponibilizam livros e outros materiais, gratuitamente. É um espaço muito rico para estudo e pesquisa dentro da área de interesse do estudante, pois, diante do reduzido acervo físico que compõe a maioria das bibliotecas escolares, essa é uma possibilidade de acessar diversas obras, de forma gratuita e confiável. É, também, um espaço de incentivo à leitura, pesquisa e ampliação de conhecimento.

Figura 16 - Imagem da tela biblioteca virtual



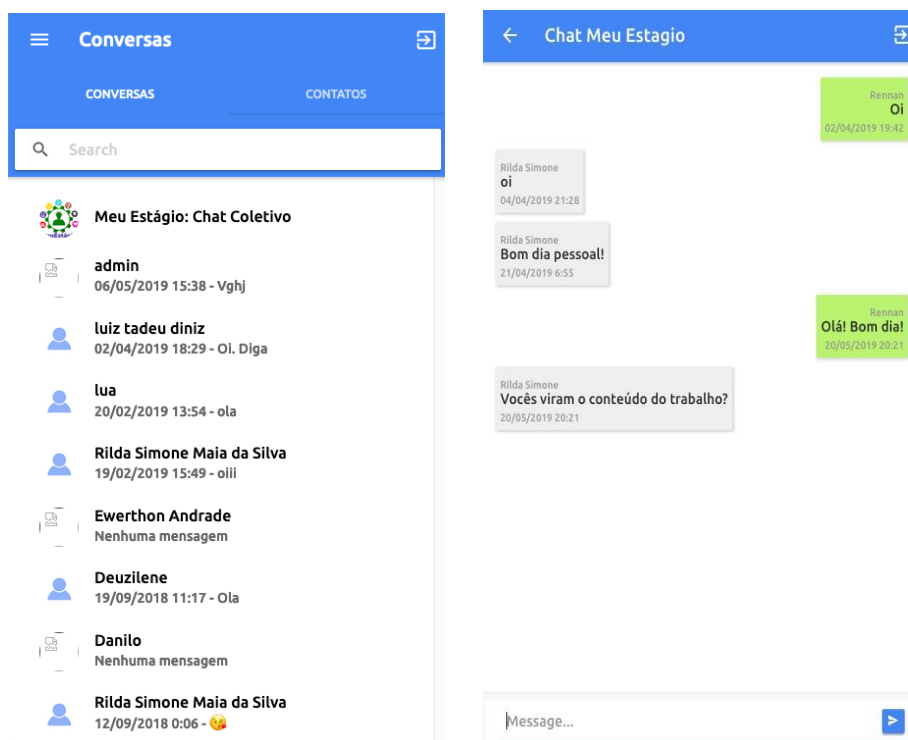
Fonte: Aplicativo Meu Estágio, 2019

i) Chat Individual e Coletivo: Essas ferramentas são úteis para viabilizar a comunicação síncrona e assíncrona entre os usuários. Estão localizadas na mesma tela, mas possuem especificidades que as diferenciam, conforme explicação a seguir.

No chat individual, o usuário pode se comunicar de forma síncrona, ou seja, em tempo real com outro usuário que esteja com o perfil cadastrado no aplicativo ou poderá se comunicar de maneira assíncrona, pois as informações da conversa ficarão gravadas na caixa de mensagens do usuário. Nessa ferramenta, o usuário terá garantida a privacidade de sua conversa.

Já o chat coletivo é constituído de comunicação assíncrona. Nesse espaço os usuários podem conversar livremente sobre as questões pertinentes ao estágio, tirando dúvidas ou comentando as suas experiências. Ele possibilita a interação entre todos os atores de estágio. É um espaço para conversa coletiva, portanto, todos os usuários cadastrados poderão visualizar e participar da conversa. A figura 17 as telas chat individual e chat coletivo.

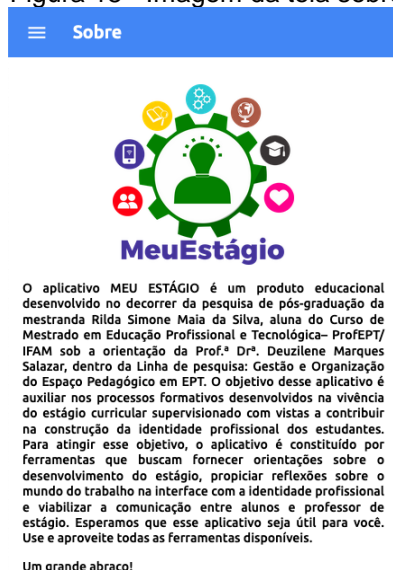
Figura 17 - Imagem das telas chat individual e coletivo



Fonte: Aplicativo Meu Estágio, 2019

j) Sobre: Esta tela tem a finalidade de explicar o contexto de criação do aplicativo Meu Estágio e seu objetivo para que os usuários conheçam os autores do produto educacional e as intenções para a sua utilização. Visualize essa tela na imagem 18.

Figura 18 - Imagem da tela sobre



Fonte: Aplicativo Meu Estágio, 2019

6.5 O processo de alimentação do produto

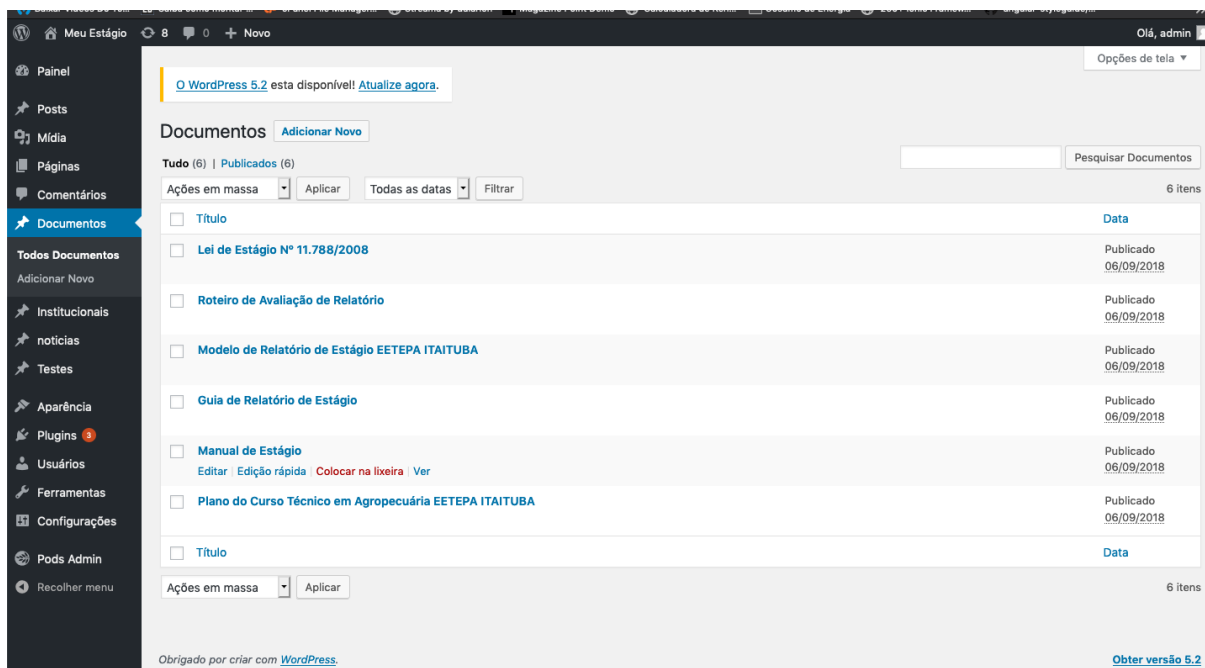
Para gerenciamento das informações do aplicativo, foi utilizada integração com um sistema de gestão de conteúdo (CMS – *Content Management System*), largamente, usado, denominado Wordpress²⁶. Este CMS tem como principais vantagens sua flexibilidade e versatilidade na aplicação em uma diversidade de sistemas web, desde blogs simples a complexos sistemas de comércio eletrônico.

Sua escolha se deu a partir de alguns fatores. Primeiro, por seus recursos disponíveis atenderem a esse projeto de maneira simples e objetiva. Segundo, pois é uma ferramenta de código fonte aberto e de livre utilização, o que dá o suporte necessário para este trabalho ser desenvolvido de forma mais aberta, sem restrições de licenças de uso. Ademais, a familiaridade dos colaboradores no desenvolvimento com as ferramentas utilizadas ajudou na escolha deste gerenciador.

As páginas que são gerenciadas por conteúdo editável no aplicativo são as de Documentos, Informações institucionais e Tela de abertura. O conteúdo dessas páginas pode ser controlado por qualquer pessoa ou profissional da área fim da instituição e/ou da gestão de estágio, não requerendo conhecimento técnico para gerenciamento de seu conteúdo, bastando, apenas, conhecimento em informática básica e acesso à Internet por meio de navegador.

²⁶ <https://wordpress.org/>

Figura 19 – Interface administrativa



Fonte: Interface administrativa – sistema de gestão de conteúdo

Para atualização das demais funções do *App*, é necessário conhecimento técnico das tecnologias utilizadas. A tela administrativa da área gerenciável do *App* pode ser observada na figura 19.

6.6 A validação do aplicativo

A validação do aplicativo foi feita pelos participantes da pesquisa por meio de dois instrumentos distintos: um encontro de grupo focal realizado com os alunos e um questionário com todos os usuários.

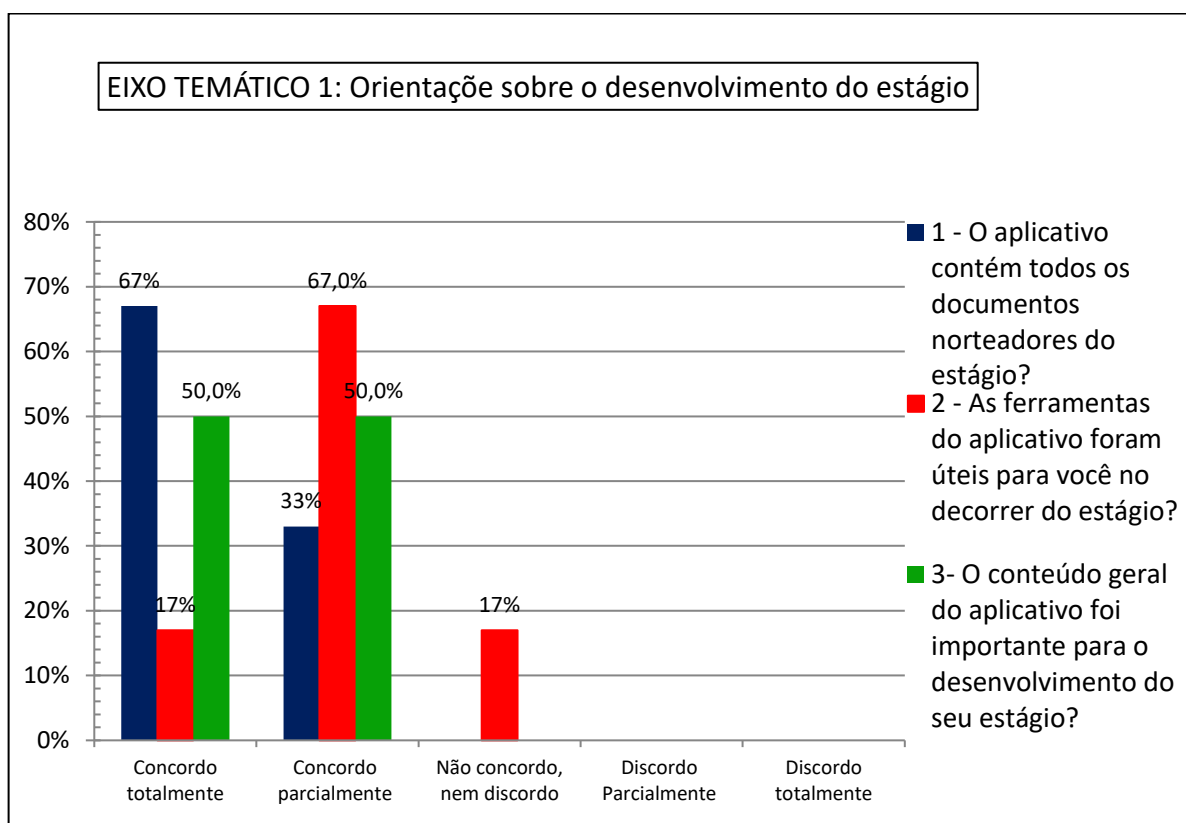
No processo elaboração do questionário utilizamos o método proposto por Leite (2018) que se constitui na proposição de eixos temáticos com descritores avaliativos e organizamos as questões em Escala *Likert* para facilitar o manuseio pelos participantes. Assim, foram considerados quatro grandes eixos, sendo eles: 1-orientações sobre o desenvolvimento do estágio; 2-contribuição para a construção da identidade profissional do estudante; 3-comunicação entre alunos e professor de estágio; e 4-experiência de usabilidade do aplicativo.

No encontro de grupo focal fizemos perguntas que tratavam das ferramentas mais utilizadas, contribuições do aplicativo para o desenvolvimento do estágio dos estudantes e sugestões para melhoria do aplicativo.

As informações obtidas no grupo focal foram agrupadas em quadros e os dados adquiridos nos questionários organizados em gráficos de acordo com os eixos temáticos. Neste tópico apresentamos os resultados da coleta de dados no intuito de validar o Aplicativo Meu Estágio.

O Gráfico 1 mostra os dados referentes ao eixo temático orientações sobre o desenvolvimento do estágio e envolveu três descritores, conforme especificado na legenda do gráfico. O objetivo desse eixo temático é avaliar se o aplicativo foi capaz de oferecer aos alunos subsídios orientadores sobre o estágio.

Gráfico 1 – Orientações sobre o desenvolvimento do estágio



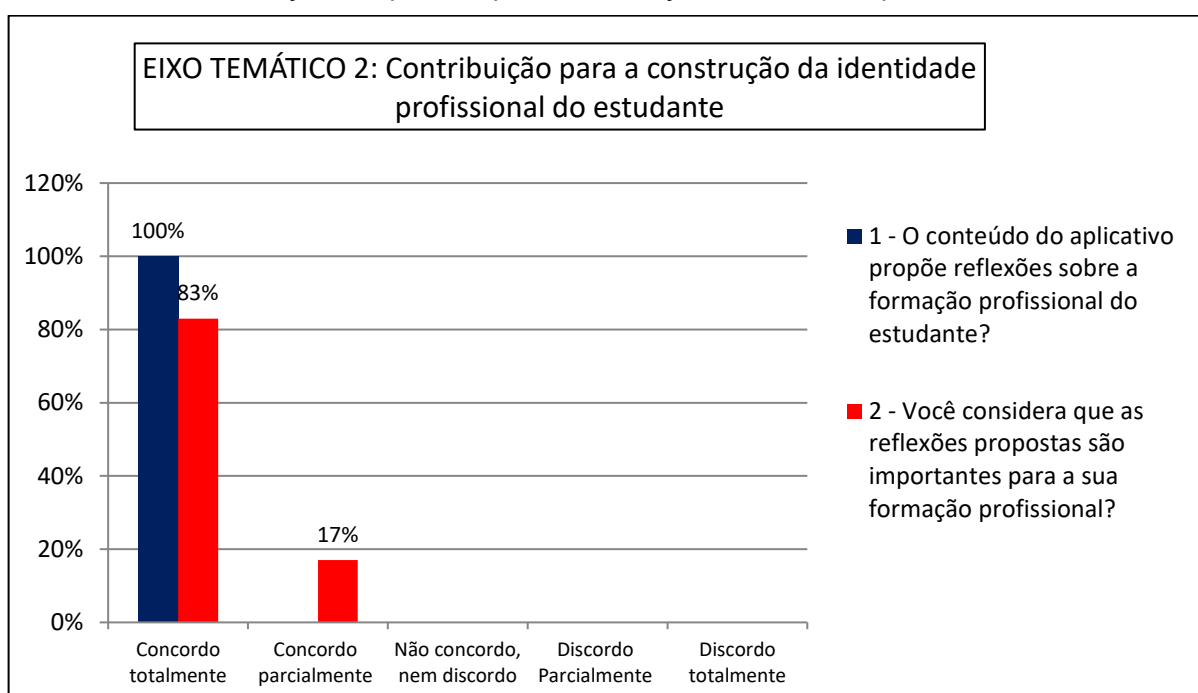
Fonte: Organizado pela autora a partir dos dados da pesquisa, 2019.

Observamos que no descritor 1, cujo descritor é se o aplicativo contém os documentos norteadores do estágio 67% dos participantes afirmaram concordar, totalmente, enquanto 33% apenas, parcialmente. No descritor 2 vemos que 67% dos usuários concordam com a utilidade das ferramentas do aplicativo no decorrer do estágio e 17% apresentam uma indefinição. Já no descritor 3, 50% dos participantes

dizem concordar com a importância do conteúdo do aplicativo no decurso do estágio, enquanto que os outros 50% concordam, parcialmente. Nesse sentido, os dados mostram que a maioria dos alunos entende que o aplicativo forneceu subsídios orientadores para o desenvolvimento do estágio.

Na análise do segundo eixo norteador cujo objetivo é avaliar a contribuição do produto educacional para a construção da identidade profissional do estudante nós trabalhamos com dois descritores, conforme gráfico a seguir.

Gráfico 2 – Contribuição do aplicativo para a construção da identidade profissional do estudante

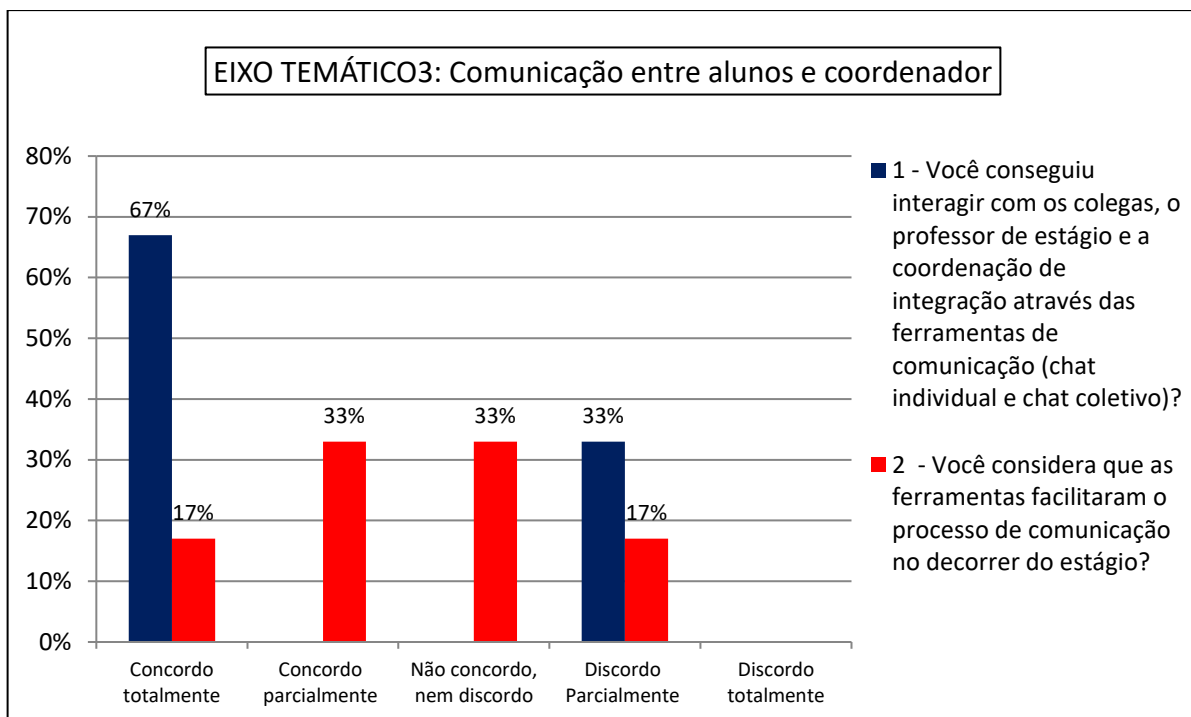


Fonte: Organizado pela autora a partir dos dados da pesquisa, 2019.

O gráfico 2 indica que 100% dos participantes concordam, totalmente, que o conteúdo do aplicativo propõe reflexões sobre a formação profissional do estudante, pergunta que equivale ao primeiro descritor. No entanto, quando questionados se consideram as reflexões propostas no aplicativo importantes para a sua formação profissional 17% afirmaram concordar, parcialmente, enquanto 83% concordam, totalmente. Ao analisar esse gráfico, percebemos que a maioria dos respondentes entende que o aplicativo contribui para a construção identitária do estudante.

O terceiro eixo norteador analisado trata da capacidade do aplicativo em promover um espaço interativo de comunicação entre os atores do estágio. Vejamos o que o gráfico 3 indica.

Gráfico 3 – Comunicação entre os atores do estágio



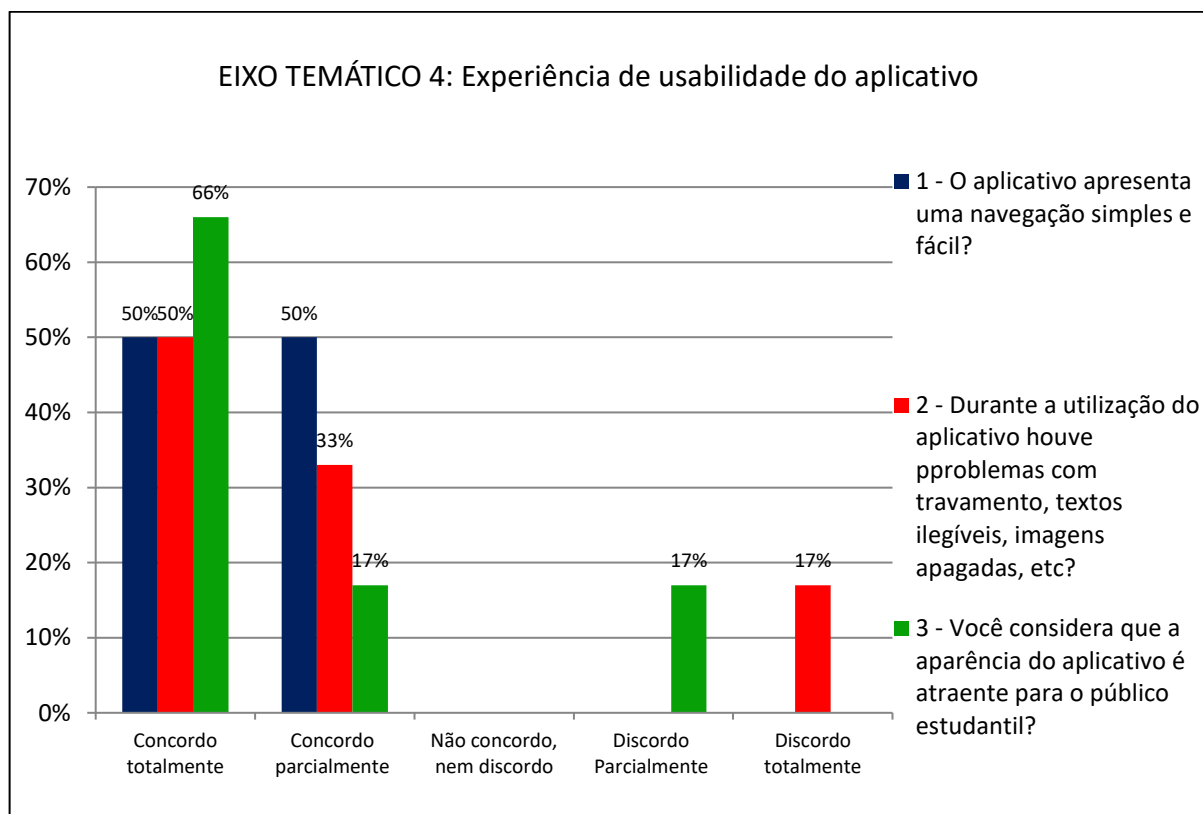
Fonte: Organizado pela autora a partir dos dados da pesquisa, 2019.

Conforme a resposta dos participantes, percebemos que 67% concordam, totalmente que conseguiram interagir com os atores do estágio por meio do chat individual e coletivo e 33% discordam, parcialmente. Quanto ao segundo descritor, as respostas são bastante variadas. A pergunta envolve a avaliação da capacidade do aplicativo em conseguir facilitar o processo de comunicação durante o estágio. A esse respeito, apenas 17% dos participantes disseram concordar, totalmente, enquanto que 33% concordam, parcialmente, 33% não concordam e nem discordam e 17% discordam, pessoalmente.

Os dados mostram que o eixo norteador que trata da efetividade do aplicativo em proporcionar espaço de comunicação entre os atores do estágio não conseguiu atingir, totalmente, os objetivos propostos. Esse resultado já era previsto pela pesquisadora, pois os alunos não conseguiram utilizar o chat coletivo, durante o período do estágio em função de problemas técnicos do aplicativo. No entanto, na atualização final esse problema já foi resolvido e poderá ser melhor usufruído pelos próximos usuários.

O último eixo norteador trata da experiência de usabilidade do aplicativo, no sentido de avaliar a navegação, funcionalidades e aparência. O Gráfico 4 mostra as respostas dos participantes.

Gráfico 4 – Experiência de usabilidade do aplicativo



Fonte: Organizado pela autora a partir dos dados da pesquisa, 2019.

O primeiro descritor busca avaliar a experiência de navegação no aplicativo, nesse item 50% dos participantes concordam, totalmente que o aplicativo apresenta navegação simples e fácil, enquanto que os outros 50% concordam, parcialmente. Já no segundo descritor houve maior variação de respostas, sendo que 66% dos usuários concordam, totalmente que o aplicativo apresentou problemas em suas funcionalidades, por outro lado 17% dizem concordar, parcialmente e 17% discordam, totalmente. No último descritor desse eixo temático, foi pedido aos usuários para avaliar a aparência do aplicativo no sentido de perceber se ela é atraente para o público estudantil. As respostas dessa pergunta mostram que 66% concordam, totalmente, 17% concordam, parcialmente, e 17% discordam, parcialmente.

Os resultados desse eixo norteador revelam que a experiência de usabilidade do aplicativo ainda precisa ser aperfeiçoada no intuito de facilitar com que o objetivo geral do aplicativo seja alcançado.

Passaremos agora para apresentação dos resultados do grupo focal, compreendendo que este instrumento foi muito importante no sentido de permitir os relatos dos participantes sobre a usabilidade e contribuições do aplicativo, inclusive, esclarecendo pontos e complementando os dados obtidos no questionário.

Assim, no quadro 15 nós visualizamos os fragmentos dos relatos dos participantes sobre quais ferramentas foram mais utilizadas por eles no decurso do estágio.

Quadro 15 – Ferramentas mais utilizadas pelos participantes

Fragmentos das falas dos participantes
“A parte da frequência, conforme a gente ia passando a gente ia anotando o que foi feito naquele dia.” (E1)
“Eu utilizei o chat para conversar com meu amigo.” (E5)
“A parte de reflexão era bem interessante. Sempre que eu abria, eu ia lá na parte da reflexão.” (E6)
“Eu particularmente usei muito o aplicativo para tirar dúvidas sobre os documentos do relatório” (E4)

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados da pesquisa, 2019.

Notamos que cada aluno respondente indicou a frequência de utilização de uma ferramenta do aplicativo. Assim, o estudante E1 fez referência ao uso do diário e do relatório geral; o aluno E5 destacou o uso do chat para conversar com um amigo. O aluno não esclareceu se o teor da conversa estaria relacionado ao campo de estágio. O estudante E6 deu ênfase à tela de abertura de aplicativo, atribuindo a ela uma proposição positiva que o incentivava a acessá-la sempre que utilizava o aplicativo. E por fim, o estudante E4 faz referência à consulta aos documentos oficiais norteadores do estágio que foram inseridos no aplicativo.

As falas dos alunos revelam que dentre as doze ferramentas que o aparelho possui eles destacaram o uso de quatro: o diário enquanto espaço de registro das atividades desenvolvidas no dia a dia do estágio, o chat individual que permite a interação síncrona e assíncrona com outros sujeitos, a tela de abertura composta por gêneros textuais diversos, que visam a sensibilização do estudante para as questões de trabalho, formação e identidade profissional; e a tela Documentos, onde

estão incluídos todas as normativas da escola sobre o estágio, além da diretriz a nível nacional. Consideramos compreensível que essas ferramentas recebam destaque em relação às demais porque entendemos que elas mais, diretamente, se relacionam ao contexto do estágio.

Em continuidade a apresentação dos resultados, vemos no quadro abaixo as principais contribuições do aplicativo apontadas pelos usuários.

Quadro 16 – Contribuições do aplicativo segundo os usuários

Fragmentos das falas dos participantes
“Lá tem conteúdo que agrega. Que te faz pensar, refletir, sobre a sua vida no momento. Então eu acho que sim, isso é uma coisa que ajuda a somar.” (E4)
“[...] conseguiu criar uma rede tanto individual como coletiva, para você interagir com as demais pessoas que também utilizam esse aplicativo. Então eu acho que isso criou uma conexão entre o seu estágio e as suas vivências.” (E5)
“Assim, eu acho que ele contribuiu no assessoramento do nosso estágio (...) foi um lugar que a gente pode se encontrar e reunir todas as informações em relação ao nosso estágio.” (E5)
“Eu achei bastante interessante a parte das músicas, porque fala realmente o que a gente passa no dia a dia. Algumas músicas lá falam muito sobre a escola (...) Eu gostei bastante” (E6)

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados da pesquisa, 2019.

As respostas dos participantes são reveladoras das contribuições do estágio para a sua formação pessoal, escolar e profissional e para a melhoria dos processos de estágio, inclusive no aspecto de interação.

Os estudantes E4 e E6 avaliam que ao aplicativo contribui para provocar reflexões sobre diversos aspectos de sua vida, e ressaltam o gosto por essa experiência. O aluno E5 enfatiza dois pontos importantes: a experiência interativa que o aplicativo proporciona, a qual o estudante atribui a ideia de rede de contatos e a reunião de informações sobre o estágio em um único espaço.

Entendemos que as contribuições elencadas pelos usuários correspondem aos objetivos previstos para esse produto educacional o que revela a possibilidade de sua replicação em outras instituições. E para concluir as análises, apresentamos no quadro 17 as sugestões dos usuários para melhoria do produto.

Quadro 17 – Sugestões dos usuários para melhoria do aplicativo

Fragmentos das falas dos participantes
“Eu acharia interessante, só uma sugestão. Não tem o modelo do Twitter? Você faz postagem e as pessoas vão lá e curtem e tal, acho que seria interessante.” (E5)

“Acho que em relação a *layout* eu acho que uma coisa, uma “pegada” mais jovem, mais moderna, que conectasse, remetesse uma coisa mais... realmente da juventude. Eu acho que também agregaria mais, porque enfim a imagem influencia.” (E5)

“[...] aí se “botasse” um histórico das EETEPAs de outras cidades também, seria bem legal.” (E4)

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados da pesquisa, 2019.

O estudante E5 propõe duas sugestões: primeiro, a possibilidade do usuário incluir comentários nas postagens da tela de abertura, semelhante ao que já é proposto por um aplicativo muito conhecido entre os jovens. Essa sugestão revela o desejo de interação entre os usuários e com as ferramentas e, segundo, inclusão no aplicativo de aspectos que remetam às características do público jovem estudantil. As duas sugestões do aluno foram acatadas e incluídas na versão final do aplicativo. Por outro lado, o aluno E4 sugere que o aplicativo possibilite a criação de uma rede de contato entre os jovens estudantes das EETEPAS, ideia que consideramos interessante para pretensões futuras.

De modo geral, avaliamos que o aplicativo atingiu o objetivo geral a que se propôs, no sentido de auxiliar no processo formativo do estágio e contribuir para a construção da identidade profissional dos estudantes, no entanto, temos clareza e humildade em reconhecer que é um produto que pode ser aperfeiçoado para melhor atender os processos educacionais.

Aproveitamos para reforçar que o o *App Meu Estágio* foi criado dentro de uma concepção de educação que busca a formação humana integral dos educandos a partir da compreensão do trabalho como princípio educativo e, desse modo, entende o estágio como um espaço que favorece a construção e fortalecimento da identidade profissional dos estudantes. Nesse sentido, esperamos que esse produto educacional possa de alguma forma contribuir para que nos aproximemos desse ideal.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa buscou analisar o estágio curricular supervisionado e sua contribuição para a construção da identidade profissional dos estudantes no contexto da Educação Profissional Técnica de Nível Médio – EPTNM.

Nesse itinerário, discorreremos sobre o estágio curricular supervisionado na EPTNM sob a ótica da interface entre trabalho e identidade profissional, destacando o trabalho como princípio educativo e o processo de construção da identidade profissional no estágio.

Compreendemos o estágio como uma atividade formadora capaz de propiciar a imersão no mundo do trabalho e promover a emancipação do estudante, desde que concebido numa lógica que situe o trabalho como centralidade da existência humana, com influência em todos os aspectos da vida, inclusive, no processo de formação identitária dos indivíduos.

Nessa imersão, o estudante passa a construir a sua identidade profissional, num processo que envolve a visualização de suas capacidades e a realização de seus desejos, bem como a percepção da forma como suas competências e sua possível carreira profissional são identificadas ou avaliadas pelos outros.

Nessa trajetória identificamos os objetivos e as concepções teóricas e metodológicas do estágio desenvolvido na Escola Estadual de Educação Tecnológica de Itaituba e, percebemos que os documentos norteadores, revelam a predominância da concepção tecnicista de educação, enfatizada na definição e objetivos do estágio, mas, principalmente, nas orientações metodológicas normatizadas que atribuem responsabilidades, em sua maioria, puramente, operacionais aos diferentes atores e não abre espaço para reflexão e envolvimento nos processos decisórios.

Constatamos, portanto, que as concepções do estágio normatizadas nos documentos não coincidem com os ideais de educação propagados pelas diretrizes da própria rede de escolas e com os princípios norteadores da educação profissional e tecnológica no Brasil, cujas bases são imbuídas pela concepção de formação humana integral do estudante numa perspectiva que entende o trabalho como construção humana emancipadora.

As categorias emergentes no percurso de análise, a partir dos dados obtidos nos encontros de grupo focal e entrevistas, nos permitiu fazer algumas considerações.

Depreendemos que o estágio curricular supervisionado é uma atividade educativa que se dá na concretização das relações sociais e sendo o processo de aprendizagem dinâmico e aberto, esse campo oferece vasta possibilidade de práxis criadora. Neste sentido, as atividades de estágio oferecem condições para que o estagiário desenvolva e exponha a sua criatividade, mas também, favorecem que ele, simplesmente, assuma uma postura reprodutora e imitativa.

Os dados apontaram que o projeto de estágio precisa estar ligado a um projeto maior de currículo e educação que concebam a formação do ser humano em sua integralidade, tendo como eixo norteador o trabalho como princípio educativo e, desse modo, a experiência de estágio só poderá ocorrer de maneira satisfatória se existir um compromisso real por parte das pessoas e instituições que se encarregam de seu desenvolvimento.

Por outro lado, os resultados da pesquisa, também, revelaram a contribuição do estágio para a construção identitária profissional do estagiário. Nesse sentido, a construção biográfica foi entendida como um processo dinâmico e constante que precisa ser estimulado em busca de autoconhecimento e amadurecimento pessoal e profissional.

Assim como, a construção relacional que possibilita ao estudante avaliar a maneira como é visto pelos atores envolvidos nessa atividade e a partir dessa avaliação reconhece e legitima essa identidade profissional ou entra em processo de ruptura em busca de uma nova identidade. Percebemos, portanto, que a identidade dos estagiários é mutável de acordo com os contextos e processos de atribuição e pertença dos sujeitos.

De modo geral, os resultados da pesquisa apontaram que o estágio enquanto ato educativo e institucional favorece a imersão profissional e contribui para o processo de construção identitária dos estudantes, num movimento de autoconhecimento e ressignificação que lhes permite reconhecer ou projetar a sua identidade profissional.

Como resultado desse processo de discussão, criamos no decorrer da pesquisa o aplicativo educacional Meu Estágio com o objetivo de auxiliar no

processo formativo do estágio curricular supervisionado com vistas a contribuir na construção da identidade profissional dos estudantes.

Na validação do aplicativo, feita por meio de um encontro de grupo focal com os alunos e a aplicação de um questionário para todos os usuários, os eixos temáticos e descritores abrangeram as perspectivas avaliativas de acordo com os objetivos postos ao produto educacional.

A análise desse processo de validação revelou que os alunos avaliaram o produto educacional de forma positiva e constatou que as ferramentas mais utilizadas pelos estagiários foram as que se relacionavam, diretamente, ao contexto do estágio, também, evidenciou que a experiência de usabilidade do aplicativo, ainda, precisa ser aperfeiçoada.

Outro aspecto evidente nas respostas é que as contribuições proporcionadas pelo aplicativo, elencadas pelos usuários, correspondem aos objetivos previstos para esse produto educacional o que demonstra a possibilidade de sua replicação em outras instituições.

De um modo geral, os resultados apontados, mostram que o aplicativo atingiu o objetivo geral a que se propôs no sentido de auxiliar nos processos formativos do estágio e contribuir para a construção da identidade profissional dos estudantes, no entanto, temos clareza e humildade em reconhecer que é um produto que pode ser aperfeiçoado para melhor atender ao preceito educacional que busca a formação humana integral dos educandos a partir da compreensão do trabalho como princípio educativo e, desse modo, entende o estágio como um espaço que favorece a construção e fortalecimento da identidade profissional dos estudantes.

E, por fim, entendemos que a discussão sobre o estágio curricular supervisionado e a construção da identidade profissional dos estudantes da EPTNM é muito abrangente e, certamente, não se esgota nessa investigação.

Outras pesquisas precisam ser feitas para ampliar esse debate, uma possibilidade seria investigar como os supervisores das empresas influenciam a identidade dos jovens estagiários uma vez que eles são os principais responsáveis em promover momentos educativos no campo de estágio.

Outra possibilidade e, talvez, mais desafiadora, seria analisar a percepção dos egressos dos cursos de educação profissional e tecnológica sobre a sua formação identitária na época do curso em comparação aos dias atuais,

provavelmente, esse tipo de pesquisa revelaria mais, claramente, as transformações identitárias que acontecem no decorrer da trajetória pessoal e profissional.

De todo modo, esperamos ter contribuído para diminuir as lacunas em pesquisas direcionadas para o estágio nos cursos de educação profissional técnica de nível médio, especialmente sob o enfoque da construção identitária.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Ada Maria de. **O estudante do ensino médio e técnico e a precarização do trabalho**: perspectivas e adaptação: um estudo de caso de jovens estagiários. Tese. (Doutorado em Educação). UNICAMP, Campinas, 2008.
- ALVES-MAZZOTTI, A. J.; GEWANDSZNAJDER, F. **O método nas ciências naturais e sociais**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.
- AMICUCCI, Eliane Marques de Menezes. Estágio e supervisão em serviço social: desafios e possibilidades nos caminhos da formação profissional. **Serviço Social & Realidade**, Franca, v. 21, n. 1, 2012.
- ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho?**: ensaios sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 11. ed. Campinas, SP: Cortez, 2010.
- AZNAR-FARIAS, Maria; SCHOEN-FERREIRA, Tereza H. Estados de identidade: análise de nomenclatura. **Aletheia**, v. 26, p. 62-65, jul./dez. 2007.
- BARBOSA, A. M. G. O importante papel do estágio no desenvolvimento de competências. **Revista Agora: Políticas públicas e Serviço Social**, ano 01, n. 01, out. 2004. Disponível em: <http://www.assistentesocial.com.br>. Acesso em: 03 maio 2008.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Tradução Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 2011.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 2005.
- BAZZO, Walter; PEREIRA, Luiz; BAZZO, Jilvania. **Conversando sobre educação tecnológica**. Florianópolis: UFSC, 2014.
- BRASIL. **Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de nível Superior**. Documento de área. 2013. Disponível em: https://capes.gov.br/images/stories/download/avaliacaotrienal/Docs_de_area/Ensino_doc_area_e_comiss%C3%A3o_block.pdf. Acesso em: 13 ago. 2018.
- BRASIL. **Decreto nº 5840 de 13 de julho de 2006**. Institui, no âmbito federal, o Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos - PROEJA, e dá outras providências. Brasília, DF, 2006. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/decreto/d5840.htm. Acesso em: 06 ago. 2018.
- BRASIL. **Decreto nº 6.302 de 12 de dezembro de 2007**. Institui o Programa Brasil Profissionalizado. Brasília, DR, 2007. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2007/Decreto/D6302.htm. Acesso em: 13 ago. 2018.
- BRASIL. **Lei nº 6.494, de 07 de dezembro de 1977**. Dispõe sobre os estágios de estudantes de estabelecimentos de ensino superior e ensino profissionalizante do 2º Grau e Supletivo e dá outras providências. Diário Oficial da República Federativa do

BRASIL. Brasília, DF, 09 de dezembro de 1977. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l6494.htm. Acesso em: 02 abr. 2018.

BRASIL. **Lei nº 11.788 de 25 de setembro de 2008**. Dispõe sobre o estágio de estudantes. Brasília, DF, 2008. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11788.htm. Acesso em: 05 nov. 2017.

BRASIL, **Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971**. Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus e dá outras providências. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Brasília, DF, 12 de agosto de 1971. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1970-1979/lei-5692-11-agosto-1971-357752-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em: 02 abr. 2018.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília, 1996.

BRASIL. **Resolução CNE/CEB N. 01/2004**. Estabelece Diretrizes Nacionais para a organização e a realização de Estágio de alunos da Educação Profissional e do Ensino Médio, inclusive nas modalidades de Educação Especial e de Educação de Jovens e Adultos. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 04 de fevereiro de 2004. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/res1.pdf>. Acesso em: 02 abr. 2018.

BRASIL. **Resolução CNE/CEB N. 06/2012**. Define Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional Técnica de Nível Médio. Diário Oficial da União, Brasília, 04 de setembro de 2012. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=11663-rceb006-12-pdf&category_slug=setembro-2012-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 12 set. 2017.

BTD. **Banco de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)**. Disponível em: <http://bancodeteses.capes.gov.br/banco-teses/#/>. Acesso em: 25 abr. 2017.

BURIOLOLA, M.A.F. **Supervisão em Serviço Social**: o supervisor, sua relação e seus papéis. São Paulo: Cortez, 1996.

BURIOLOLA, Marta Alice Feiten. **Estágio supervisionado**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1999.

CASTELLS, M. **O poder da identidade**. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2017.

DIAS, R. A. Tecnologias digitais e currículo: possibilidades na era da ubiquidade. **Revista de Educação do Cogeime**, Belo Horizonte, ano 19, n. 36, jan./jun. 2010.

DIAS PEDRO, Adriano de Jesus Miguel. **Percursos e identidades**. A (re)construção da identidade profissional do docente de enfermagem: o olhar dos docentes. 2011.

420 f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, 2011.

DUBAR, Claude. **A crise das identidades**: a interpretação de uma mutação. Porto: Edições Afrontamento, 2006.

DUBAR, Claude. **A socialização**: construção das identidades sociais e profissionais. Trad. Andrea Stanel M. da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

DUTRA, Israel Pinto Dornelles. **Entre a escola e a fábrica**: o papel do estágio na formação de técnicos em transformação de termoplásticos no IFSUL - Campus Sapucaia do Sul. Dissertação (Mestrado em Educação). UFRS, 2009.

FERREIRA, Eliane Galvão. **As prescrições curriculares oficiais para a Rede de Escolas de Educação Tecnológica do Estado do Pará no contexto de implantação do ensino médio integrado no período de 2004 a 2009**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Pará: Belém, 2011.

FERREIRA, Moises Carlos. **Estágios para alunos de ensino médio**: análise da relação entre uma escola pública e uma ONG na cidade de São Paulo. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

FINO, Helena Fátima Pimentel. **Estágio supervisionado do técnico em nutrição e dietética em instituições hospitalares**: a ótica dos estagiários. Dissertação (Mestrado em Educação). UNIFESPA, São Paulo, 2007.

FREITAS, Luiz Carlos. **Crítica da Organização do Trabalho Pedagógico e da Didática**. Campinas: Papirus, 1995.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **A produtividade da escola improdutiva**: um (re)exame das relações entre educação e estrutura econômico-social e capitalista. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

GATTI, Bernadete Angelina. **Grupo focal na pesquisa de ciências sociais e humanas**. Brasília: Liber Livro, 2005.

GIL, A. C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GOMES, Marineide de Oliveira (Org.). **O estágio na formação de professores**: possibilidades formativas entre ensino, pesquisa e extensão. São Paulo: Loyola, 2011.

GOUVÊA, Maria das Graças. Estágio, supervisão e trabalho profissional. **Serviço Social & Realidade**. Franca, v. 17, n. 1, p. 62-73. 2008. Disponível em: <http://periodicos.franca.unesp.br/index.php/SSR/article/view/4>. Acesso em: 15 out. 2018.

HALL, Stuart. **A questão da identidade cultural**. Tradução Andréia Borghi Moreira Jacinto; Simone Miziara Frangella. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

KAPLÚN, G. Material educativo: a experiência do aprendizado. **Comunicação & Educação**, São Paulo, p. 46-60, maio/ago. 2003.

KAUFMANN, Jean-Claude. **A invenção de si**: uma teoria da identidade. Tradução Joana Chaves. Lisboa: Instituto Piaget, 2004.

LIBÂNEO, José Carlos; OLIVEIRA, João Ferreira de; TOSCHI, Mirza Seabra. **Educação escolar**: políticas, estrutura e organização. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

LEITE, Priscila de Souza Chisté. **Produtos Educacionais em Mestrados Profissionais na Área de Ensino**: uma proposta de avaliação coletiva de materiais educativos. 2018. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/16jG08kHXR8vXtcxW8CJZ44ZN9wOXF4PM/view>. Acesso em: 06 dez. 2018.

LIMA, Maria do Socorro Lucena; AROEIRA, Kalline Pereira. O estágio curricular em colaboração, a reflexão e o registro dos estagiários: um diálogo entre a universidade e a escola. In: GOMES, Marineide de Oliveira (Org.). **O estágio na formação de professores**: possibilidades formativas entre ensino, pesquisa e extensão. São Paulo: Loyola, 2011.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, E. D.A. Marli. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MARX, Karl. **O capital**: crítica da economia política. Livro 1, v.1, ed. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

MARX, Karl. **O leitor de marx**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

MANACORDA, M. A. **Marx e a pedagogia moderna**. Tradução de Newton Ramos-de-Oliveira. São Paulo: Cortez: Autores Associado, 1991.

MEIRELLES, L. F. T.; TAROUCO, L. M. R. Framework para aprendizagem com mobilidade. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE INFORMÁTICA NA EDUCAÇÃO, 17., 2005. **Anais...** p. 623-633, 2005. Disponível em: <http://www.brie.org/pub/index.php/sbie/article/viewFile/446/432>. Acesso em: 09 dez. 2018.

MENDONÇA, Jose Nelson. **A avaliação de estágio no ensino de 2. Grau**. Dissertação (Mestrado em Educação). Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 1981.

MENGA, L.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: E.P.U., 2012.

MÉSZÁROS, István. **A Educação para além do Capital**. São Paulo: Boitempo, 2005.

MINAYO, M. C. de S. (Org.). **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. 30. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

MOROZ, M.; GIANFALDONI, M. H. T. A. **O processo de pesquisa**: iniciação. 2. ed. Brasília: Líber Livro Editora, 2006. Série Pesquisa. vol. 2.

NETTO, José Paulo; BRAZ, Marcelo. **Economia política**: uma introdução crítica. São Paulo: Cortez, 2004.

OLIVEIRA, C. A. H. S. **A centralidade do Estágio Supervisionado na formação profissional em Serviço Social**, 2003, Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Franca/SP, 2003.

PACHECO, Eliezer. **Perspectivas da educação profissional técnica de nível médio**. São Paulo: Fundação Santillana Moderna, 2012.

PARÁ. SEDUC. **Manual de estágio**. Belém, 2015.

PARÁ. SEDUC. EETEP/ ITAITUBA. **Plano de Curso**: Curso Técnico de Nível Médio em Agropecuária. Itaituba-PA, 2016.

PARÁ. SEDUC. SAEN. DEMP. **O ensino médio integrado no Pará como política pública**. DEMP/SAEN/SEDUC. Belém-PA, 2008.

PARÁ. Portaria Nº. 042 /2008 – SAEN/SEDUC. **Diário Oficial do Estado do Pará**: Seção Executivo 3, p. 7, 11 jul. 2008.

PEREIRA, Moacir. **O estágio supervisionado na formação dos alunos do Colégio Agrícola Senador Carlos Gomes de Oliveira/SC**: a relação entre o discurso e a prática. Dissertação (Mestrado em Educação), 2008.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência**. São Paulo: Cortez, 2017.

PRETTO, N. Redes colaborativas, ética hacker e educação. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 26, n. 3, p. 305-316, 2010.

RAMOS, Marise Nogueira. O projeto unitário de ensino médio sob os princípios do trabalho, ciência e da cultura. *In*: FRIGOTTO, Gaudêncio e CIAVATTA, Maria (Org.). **Ensino médio**: ciência, cultura e trabalho. Brasília: MEC; SEMTEC, 2004.

RAMOS, M. N. Concepção do Ensino Médio Integrado à Educação Profissional. *In*: Secretaria de Estado da Educação do Paraná (Org.). **O Ensino Médio Integrado a educação Profissional**: concepções e construções a partir da implantação na Rede Pública do Paraná. Curitiba: SEED-PR, v. 1, p. 23-37, 2009. Disponível em: http://forumeja.org.br/go/sites/forumeja.org.br/go/files/concepcao_do_ensino_médio_integrado5.pdf. Acesso em: 31 ago. 2017.

RIBEIRO, Silvia Fernanda Martins Dias. **Ensino Médio Integrado**: o estágio como um dos elementos articuladores da educação geral e profissional. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2011.

SANTOS, Eliane Regina Acácio dos. **A realidade do estágio supervisionado no ensino profissionalizante de nível médio**: um estudo sobre o curso de técnico agrícola da Escola Agrotécnica Federal de Colorado do Oeste-RO. 2009. 172 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2009.

SAVIANI, Demerval. O choque teórico da politecnicidade. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 1, p. 131-152, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v12n34/a11v1234.pdf>. Acesso em: 31 ago. 2017.

SAVIANI, Demerval. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. **Revista Brasileira de Educação**, v. 12, p. 152-165, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v12n34/a12v1234.pdf>. Acesso em: 31 ago. 2007.

SCOZ, Beatriz Judith Lima. **Identidade e subjetividade de professoras/es**: sentidos do aprender e do ensinar. 161 f. Tese (Doutorado em Educação) PUC, São Paulo, 2004.

VÁSQUEZ, A. S. **Filosofia da práxis**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

VIEIRA, Marili Moreira da Silva. **Tornar-se professor em uma escola confessional**: um estudo sobre a constituição identitária na perspectiva da dimensão da espiritualidade. Tese (Doutorado em Educação). PUC, São Paulo, 2019.

ZABALZA, Miguel A. **O estágio e as práticas em contextos profissionais de formação universitária**. São Paulo: Cortez, 2014.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO DE AVALIAÇÃO DO APLICATIVO

INDICADOR 1: ORIENTAÇÕES SOBRE O DESENVOLVIMENTO DO ESTÁGIO;

1 - O aplicativo contém todos os documentos norteadores do estágio na EETEPA?

- () Concordo totalmente
- () Concordo parcialmente
- () Não concordo, nem discordo
- () Discordo parcialmente
- () Discordo totalmente

2-As ferramentas do aplicativo foram úteis para você no decorrer do estágio?

- () Concordo totalmente
- () Concordo parcialmente
- () Não concordo, nem discordo
- () Discordo parcialmente
- () Discordo totalmente

3-O conteúdo geral do aplicativo foi importante para o desenvolvimento do seu estágio?

- () Concordo totalmente
- () Concordo parcialmente
- () Não concordo, nem discordo
- () Discordo parcialmente
- () Discordo totalmente

INDICADOR 2: CONTRIBUIÇÃO PARA A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE PROFISSIONAL DO ESTUDANTE;

1-O conteúdo do aplicativo propõe reflexões sobre a formação profissional do estudante?

- () Concordo totalmente
- () Concordo parcialmente
- () Não concordo, nem discordo
- () Discordo parcialmente
- () Discordo totalmente

2-Você considera que as reflexões propostas são importantes para a sua formação profissional?

- Concordo totalmente
- Concordo parcialmente
- Não concordo, nem discordo
- Discordo parcialmente
- Discordo totalmente

INDICADOR 3: COMUNICAÇÃO ENTRE ALUNOS, PROFESSOR E COORDENAÇÃO.

1-Você conseguiu interagir com os colegas, o professor de estágio e a coordenação de integração através das ferramentas de comunicação (chat individual e chat coletivo)?

- Concordo totalmente
- Concordo parcialmente
- Não concordo, nem discordo
- Discordo parcialmente
- Discordo totalmente

2-Você considera que as ferramentas facilitam o processo de comunicação no decorrer do estágio?

- Concordo totalmente
- Concordo parcialmente
- Não concordo, nem discordo
- Discordo parcialmente
- Discordo totalmente

INDICADOR 4: EXPERIÊNCIA DE USABILIDADE DO APLICATIVO.

1-O aplicativo apresenta uma navegação simples e fácil?

- Concordo totalmente
- Concordo parcialmente
- Não concordo, nem discordo
- Discordo parcialmente
- Discordo totalmente

2-Durante a utilização do aplicativo houve problemas com travamento, textos ilegíveis, imagens apagadas, etc?

- Concordo totalmente

- Concordo parcialmente
- Não concordo, nem discordo
- Discordo parcialmente
- Discordo totalmente

3-Você considera que a aparência do aplicativo é atraente para o público estudantil?

- Concordo totalmente
- Concordo parcialmente
- Não concordo, nem discordo
- Discordo parcialmente
- Discordo totalmente

APÊNDICE B – MEU ESTÁGIO – APLICATIVO EDUCACIONAL





RILDA SIMONE MAIA DA SILVA
DEUZILENE MARQUES SALAZAR

Autoras:

RILDA SIMONE MAIA DA SILVA
DEUZILENE MARQUES SALAZAR

Colaboradores:

RENNAN JOSÉ MAIA DA SILVA
LUAN DOS SANTOS BRANDÃO

Desenvolvedores

LUIZ TADEU CARNEIRO DINIZ
Projeto Gráfico e Editoração





Ficha Catalográfica



SUMÁRIO

1 Apresentação	04
2 O estágio na interface entre trabalho e identidade profissional	05
3 Por que utilizar o App Meu Estágio.	07
4 Conhecendo o Aplicativo Educacional Meu Estágio	09
4.1 O logotipo	09
4.1 Informações técnicas	10
4.2 Entendendo as ferramentas	11
5 O processo de alimentação do produto	22
6 Das autoras	24
7 Dos colaboradores	25
8 Referências	26



1 APRESENTAÇÃO

O presente tutorial é destinado às instituições e atores responsáveis pela efetivação do Componente Estágio Curricular Supervisionado, no intuito de subsidiar a utilização do Aplicativo Educacional Meu Estágio.

Este produto foi concebido durante a investigação realizada no âmbito do Curso de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (PROFEPT) no Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Amazonas (IFAM).

Entendemos que o estágio supervisionado deve estar no centro das discussões de pessoas e instituições diretamente envolvidas na formação profissional e tecnológica dos estudantes, pois pode articular a teoria e a prática profissional, configurando-se como lócus onde a identidade profissional do aluno é concebida, construída e anunciada. Dessa forma, o processo

de construção do produto contou com a colaboração de estudantes e professores da EPTNM por meio de sua participação em encontros de grupo focal e entrevistas, bem como de sua validação final.

Esperamos que o App Meu Estágio possa auxiliar nos processos formativos do estágio e contribuir para a formação da identidade profissional dos estudantes da EPTNM e dos demais alunos estagiários em todo o país.

Desejamos uma experiência incrível de interação, conhecimento e reflexão!

Abraços das autoras.



O ESTÁGIO NA INTERFACE ENTRE TRABALHO E IDENTIDADE PROFISSIONAL

O estágio supervisionado é um importante componente curricular na formação dos estudantes da Educação Profissional Técnica de Nível Médio, pois busca proporcionar um processo de formação capaz de integrar os diferentes aspectos que envolvem o mundo do trabalho, de maneira que este educando possa entrelaçar os conhecimentos do trabalho, da ciência e da cultura e também consiga compreender os conhecimentos técnicos de sua profissão instrumentalizados pelos conhecimentos científicos e, desse modo, contribuir, essencialmente, para a construção da sua identidade profissional.

Esta concepção entende o trabalho como princípio educativo e fundamenta-se na assertiva marxista de que o trabalho humaniza o homem, mas também pode se tornar fonte de alienação. Isso porque vivemos dentro de um sistema capitalista caracterizado pelas relações hegemônicas da burguesia. Nesse sentido, a defesa por uma formação escolar que entende o trabalho como centralidade da existência humana, implica pensar em práticas formativas que sejam direcionadas pelo preceito dos sentidos ontológico e histórico¹ do trabalho e, portanto, se encaminhem para a efetivação de vivências emancipadoras nas atividades escolares.

Ao imergir no mundo do trabalho o estudante interage com diversas situações reais que envolvem o exercício da profissão e, portanto, vivencia o movimento de construção e fortalecimento da sua identidade profissional. Esta experiência se torna significativa, pois possibilita a vivência de múltiplos encontros, dentre os quais se destaca: o contato com outros estudantes, com a instituição, com os profissionais, com a profissão, com clientes, com

1. Para aprofundamento da temática, ver Ramos (2004) e Saviani (2007).

ideias prévias, preconceitos e expectativas, com a teoria e consigo mesmo (ZABALZA, 2014). Enfim, o aluno se encontra mais profundamente com a cultura daquela profissão e com toda a complexidade que envolve as relações ali estabelecidas.

Segundo o sociólogo Claude Dubar² (2005) a socialização profissional pode ser concebida simultaneamente como uma iniciação à cultura profissional e como uma conversão do indivíduo a uma nova concepção do eu no mundo, ou seja, uma nova identidade. Trata-se da construção pessoal de uma estratégia identitária que põe em jogo, a apreciação de suas capacidades e a realização dos desejos do sujeito.

Assim, entendemos que quanto maior for a possibilidade de socialização do estagiário nas relações estabelecidas com o ambiente real de trabalho maior será a chance de que o estudante se reconheça enquanto profissional e faça conexões com outras experiências que também são importantes para a sua formação identitária como as vivências do curso de formação, dos demais componentes curriculares e de outras experiências vividas dentro e fora do ambiente escolar.

Nesse sentido, compreendemos que as instituições de educação profissional e tecnológica e os atores responsáveis pelo estágio precisam buscar maneiras de tornar a experiência de imersão no mundo do trabalho o mais enriquecedora possível, de maneira que prevaleçam os preceitos da formação humana integral ou omnilateral³ do estudante numa busca incessante pelo desenvolvimento de todas as potencialidades do ser humano. Desse modo, o estágio torna-se um espaço de formação escolar emancipatória e nesse movimento, favorece a construção identitária profissional. Eis o desafio!

2. Esse autor é referência em estudos sobre a Sociologia das Profissões, enfatizando os processos de socialização e construção identitária. O leitor pode obter aprofundamento da temática por meio da leitura de suas obras. Ver Dubar (2005, 2006).

3. A formação omnilateral compreende as dimensões fundamentais da vida que estruturam a prática social. Essas dimensões são o trabalho, a ciência e a cultura. O trabalho compreendido como realização humana inerente ao ser (sentido ontológico) e como prática econômica (sentido histórico associado ao respectivo modo de produção); a ciência compreendida como os conhecimentos produzidos pela humanidade que possibilita o contraditório avanço produtivo; e a cultura, que corresponde aos valores éticos e estéticos que orientam as normas de conduta de uma sociedade. (RAMOS, 2009, p.3).

POR QUE UTILIZAR O APP MEU ESTÁGIO?

A aplicação do produto educacional (App Meu Estágio) é destinada aos jovens estudantes em período de estágio. Para esse público a possibilidade de interagir com o real e o virtual acontece em todo momento por meio de aplicativos em seu celular, tablet ou computador. Desse modo, é importante reconhecer que a juventude apropriou-se das tecnologias e as transformou completamente, saindo da posição de um meio meramente receptor de informações para um meio de expressão de ideias e de manifestação da pluralidade e de cidadania (PRETTO, 2010).

O conjunto de práticas e atividades educacionais viabilizadas por meio de dispositivos móveis é representado pelos termos m-learning ou mobile learning e vem sendo traduzido no Brasil como “aprendizagem móvel” ou como “aprendizagem com mobilidade”, (MEIRELLES e TAROUÇO, 2005). A mobilidade se caracteriza pelo uso de dispositivos móveis que viabilizam comunicação e informação instantânea via texto, imagem, vídeo, além de recursos de gerenciamento, via internet.

Dias (2010) aponta como principal benefício da utilização da telefonia móvel, a possibilidade de manter o estudante conectado e em permanente contato com a instituição a que ele está vinculado, podendo acessar os serviços de suportes, receber/ enviar materiais e interagir com os colegas e professores. Segundo a autora essa capacidade pode provocar mudanças na forma de ver e conceber o mundo e também na forma de ver e conceber a educação.

Essa característica da aprendizagem móvel é essencial para os processos formativos do estágio curricular supervisionado, pois permite ao

estudante estar sintonizado com todos os procedimentos que compõe o estágio.

Assim, dentre as principais vantagens do App Meu Estágio estão: a facilitação da interatividade entre os alunos e a instituição; o fornecimento de orientações sobre o desenvolvimento do estágio e a proposição de reflexões sobre o mundo do trabalho na interface com a identidade profissional.

Nesse sentido, esperamos que a utilização do aplicativo pelo estudante se torne uma experiência significativa que possa auxiliar no seu processo formativo por meio de uma aprendizagem mais interativa, flexível e condizente com o seu perfil e ainda contribuir para a sua emancipação e vivência da cidadania.



CONHECENDO O APLICATIVO EDUCACIONAL MEU ESTÁGIO

O aplicativo é constituído por treze ferramentas que buscam fornecer orientações sobre o desenvolvimento do estágio, propiciar reflexões sobre o mundo do trabalho na interface com a identidade profissional e viabilizar a comunicação entre os atores do estágio. Nos tópicos seguintes, apresentaremos as características gerais do aplicativo e faremos a descrição de cada ferramenta para que o usuário entenda as funções básicas e usufrua de todos os recursos disponíveis.

4.1 O LOGOTIPO

Conforme já explicitamos nos tópicos anteriores, o App Meu Estágio foi criado dentro de uma concepção de educação que busca a formação humana integral dos educandos a partir da compreensão do trabalho como princípio educativo, e desse modo, entende o estágio como um espaço que favorece a construção e fortalecimento da identidade profissional dos estudantes.

Na tentativa de expressar essa concepção, criamos um logotipo (Fi-



Figura 01 – Logotipo do aplicativo
Fonte: Aplicativo Meu Estágio, 2019

gura 1) com as seguintes especificações e significados:

No centro aparece a figura de um ser humano cuja cabeça tem o formato de lâmpada. Essa imagem representa os estudantes estagiários (tanto homens como mulheres) imersos no mundo do trabalho. O estágio é, portanto, uma atividade criativa e emancipadora.

Ao redor do estudante está a imagem de uma engrenagem constituída por sete desenhos. A engrenagem retrata o processo de formação da identidade profissional do educando que está em constante movimento. Os desenhos no entorno traduzem os princípios da educação que busca a formação humana integral do ser humano: trabalho, ciência, cultura, tecnologia, arte, relações humanas e profissionalização.

As cores das imagens também são representativas. O colorido dos desenhos retrata a diversidade humana presente nas instituições escolares. Assim como a beleza das cores é reconhecida individualmente e em conjunto, também a convivência humana deve respeitar as individualidades e a coletividade. E por fim, o verde no centro do logotipo traduz a esperança de que o ideal de educação emancipadora seja realidade em todo o Brasil.

4.2 INFORMAÇÕES TÉCNICAS

Para o desenvolvimento do aplicativo, foi utilizado o Ionic framework⁴. Utilizando-o, é possível desenvolver aplicativos para celular e gerar os executáveis tanto o sistema operacional Android quando para iOS (iPhone). Para tanto, utiliza-se como linguagens para construção do App, as mesmas ferramentas padrão utilizada para construção de sites web.

As tecnologias Web suportam várias linguagens de programação e marcação. Neste trabalho foram utilizadas as linguagens HTML⁵, CSS⁶ e JavaScript⁷. O HTML (HyperText Markup Language), é uma linguagem de marcação de texto onde é possível apresentar textos formatados e incluir ele-

4. Disponível em <https://ionicframework.com/>. Acesso em 30 de abril de 2019.

5. Disponível em <https://www.w3.org/html/>. Acesso em 30 de abril de 2019.

6. Disponível em <https://www.w3.org/Style/CSS/>. Acesso em 30 de abril de 2019.

7. Disponível em <https://www.w3schools.com/js/>. Acesso em 30 de abril de 2019.

mentos interativos na página por meio de um navegador Web. Através dele pode-se, também, incluir elementos de navegação entre páginas.

O CSS (Cascading Style Sheets) é utilizado, dentro do HTML, para fazer a estilização. É através dele que, nas páginas, são inseridas as seções e, em cada uma delas, a formatação para cada tipo de elemento, podendo ocorrer formatação do mesmo tipo de elemento, em seções diferentes, de modo distinto. Na sua versão atual, aconteceu uma série de evoluções que, em conjunto com a evolução dos navegadores, permitiu maior poder na criação de conteúdo digital.

Em conjunto com o HTML e o CSS, o JavaScript é uma linguagem de Script executada no navegador Web para implementação de interatividade e funções executadas dentro de uma página. Através do JavaScript é possível criar desde animações como incremento e melhorias na parte visual, até programas completos que executam funções complexas e dão resultados na própria página sem necessitar de conectividade.

O framework escolhido utiliza essas tecnologias web para seu desenvolvimento, o que facilita o entendimento, além de permitir que o aplicativo gerado, a partir do que for desenvolvido, possa ser executado nos principais sistemas operacionais (Android e iOS). Estes sistemas contemplam cerca de 99% dos smartphones disponíveis no mercado⁸.

4.3 ENTENDENDO AS FERRAMENTAS

- A. Cadastro do perfil individual:** Por meio dessa ferramenta o usuário iniciará o uso do aplicativo. Após fazer o download do aplicativo no aparelho smartphone celular ou tablet, no momento em que abrir o programa, o usuário irá preencher um cadastro com algumas informações pessoais, tais como: nome completo, nome de usuário, sexo, data de nascimento, idade, e-

8. Disponível em <https://www.tecmundo.com.br/dispositivos-moveis/119411-android-ios-windows-phone-mercado.htm>. Acesso em 30 de abril de 2019.

mail, telefone e curso. Também terá a opção de incluir sua foto para personalizar o perfil. Caso ocorra erro no cadastro ou algum problema dessa natureza, o usuário terá a opção e efetuar um novo cadastro. As informações preenchidas serão protegidas pela política de privacidade da empresa desenvolvedora e, apenas a pesquisadora terá acesso aos dados para fins da pesquisa. Esse cadastro inicial é importante para identificar o perfil de usuário.



Figura 02 - Imagem das telas cadastro de perfil individual e novo cadastro
Fonte: Aplicativo Meu Estágio, 2019

B. Menu inicial: Essa tela é destinada a visualização de todas as ferramentas que compõe o aplicativo e por meio dela o usuário tem a possibilidade de acessar a tela do seu interesse apenas dando um clique no ícone ou no próprio nome da ferramenta. A imagem 3 mostra a tela menu inicial.

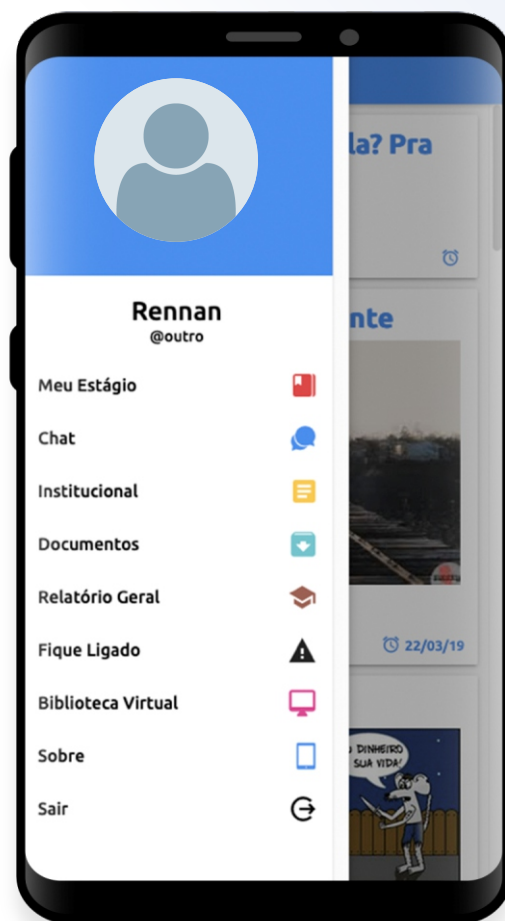


Figura 03 – Imagem da tela menu inicial
Fonte: Aplicativo Meu Estágio, 2019

C. Tela de abertura: Dentre as várias telas do aplicativo, gostaríamos de destacar a tela de abertura como a ferramenta que pretende propiciar reflexões sobre as concepções de trabalho, estágio e identidade profissional. Nesse espaço consta uma diversidade de gêneros textuais como: músicas, poesias, narrativas, charges, imagens, frases, dentre outros. Os referidos gêneros são acompanhados de breves comentários, com apresentações sobre os mesmos ou com indagações que possam provocar reflexões sobre as temáticas abordadas. Além disso, a ferramenta é composta por um espaço interativo onde o usuário pode fazer comentários sobre as postagens, expressando a sua opinião.

Essa ferramenta é editável e pode ser personalizada conforme as intenções educativas da instituição, essa característica é melhor explicada no tópico sobre alimentação do aplicativo. Esperamos que por meio dessa ferramenta,

situada intencionalmente na primeira tela visualizada pelo usuário, possamos sensibilizar os estudantes sobre as temáticas referidas, promover momentos de reflexão e contribuir para a formação da sua identidade profissional. A figura 4 mostra algumas postagens contidas no aplicativo.



Figura 04 - Imagens da tela de abertura
Fonte: Aplicativo Meu Estágio, 2019

D. Institucional: Nessa tela constam as informações sobre a Rede EETEPA, a escola, o curso Técnico em Agropecuária e o desenvolvimento do estágio curricular supervisionado. Os textos são apresentados por meio de perguntas e respostas para melhor compreensão das informações pelos usuários. É importante destacar que todos os dados incluídos são de domínio público, disponibilizados pela instituição. Essa ferramenta também é editável e pode ser adaptada pela instituição conforme seu objetivo.

Ao clicar no ícone ao lado do título de interesse, será aberta uma tela contendo um texto informativo sobre o título solicitado. Essa ferramenta é importante para que o usuário conheça as informações básicas sobre a instituição, o curso e o estágio de forma fácil, rápida e confiável. Veja a imagem da tela institucional na figura 5.



Figura 05 - Imagem da tela institucional
Fonte: Aplicativo Meu Estágio, 2019

E. Documentos: Nessa tela o usuário tem acesso aos documentos orientadores do estágio. Dentre eles estão os fornecidos pela escola ETEPA para normatizar os procedimentos formais do estágio e a legislação federal que regula em todo o país. Os documentos disponibilizados são: Plano do Curso Técnico em Agropecuária, Manual de Estágio, Guia de Relatório de estágio, modelo de relatório de estágio, roteiro de avaliação de relatório e a Lei de Estágio Nº 11.788/2008.

Consideramos importante que o aluno tenha acesso a todos os documentos oficiais em um só espaço com acesso rápido e fácil para consulta e utilização. Essa tela também é editável conforme necessidade da instituição. Veja figura 6.

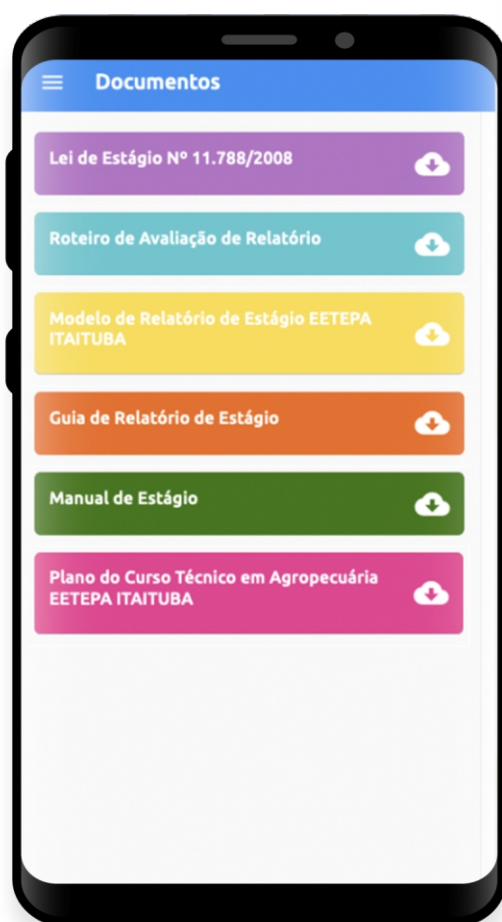


Figura 06 - Imagem da tela documentos
Fonte: Aplicativo Meu Estágio, 2019

F. Diário: Essa é uma importante ferramenta que auxilia o estudante no registro do seu dia a dia no estágio. Nesse espaço o usuário irá incluir a data de estágio, o horário de entrada e saída, a carga horária diária e as atividades desenvolvidas diariamente durante o período estagiado. Depois de registrar as informações de seu interesse o usuário poderá atualizar a lista de atividades registradas e gerar um relatório geral onde constará o resumo de todos os dados informados, inclusive com a somatória da carga horária estagiada. Esse é um instrumento que ajuda o estudante na produção de seu relatório final, bem como abre possibilidade para que ele visualize e acompanhe o próprio desenvolvimento do estágio. A tela é visualizada na figura 7.

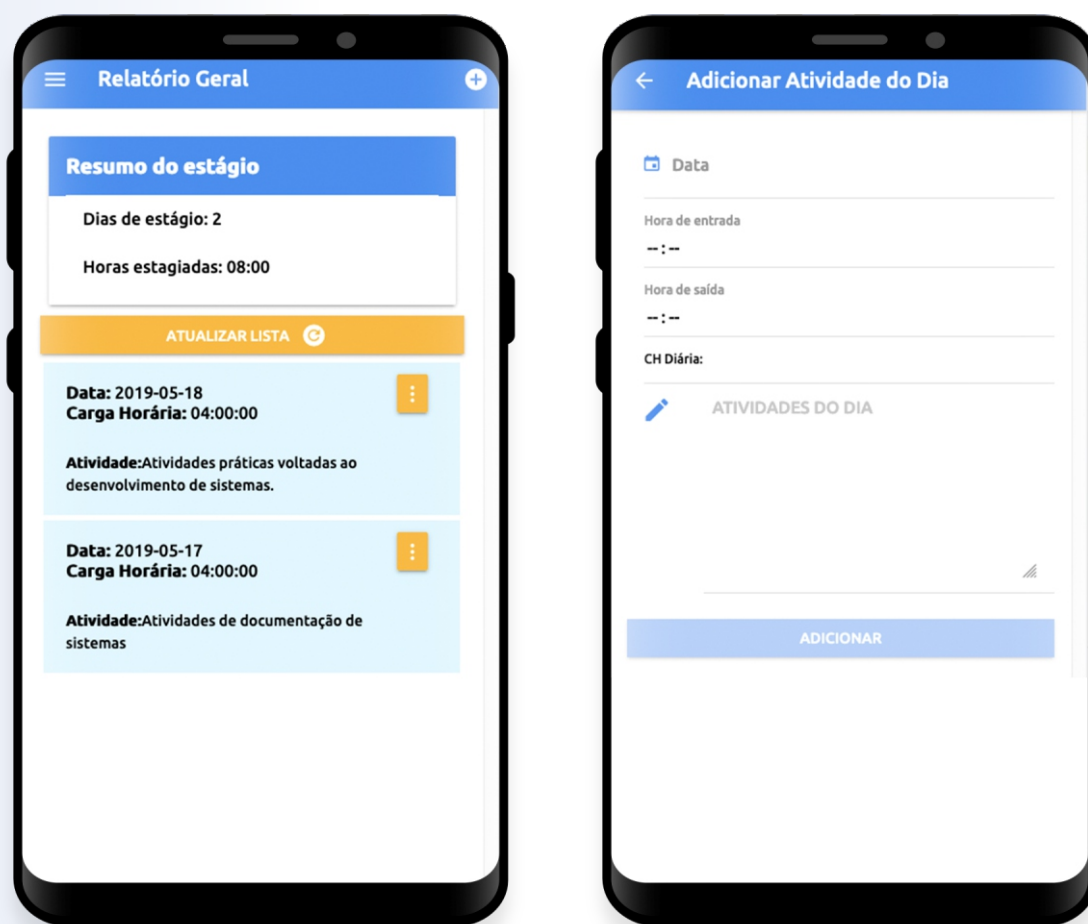


Figura 07 - Imagem das telas: diário e relatório geral
Fonte: Aplicativo Meu Estágio, 2019

G. Fique ligado: Essa tela contém links que direcionam o estudante para páginas de internet que comumente divulgam vagas de emprego. Nela o usuário tem acesso a divulgação de vagas de emprego e estágios remunerados em âmbito nacional, regional e local, dentro e fora de sua área de formação. Essa página pode ser alimentada à medida que se tomar conhecimento de novas empresas que trabalhem com essa finalidade. O título tem um apelo ao público jovem no sentido de chamar a atenção sobre as possíveis vagas. É uma ferramenta necessária para o público-alvo constituído de jovens concluintes do ensino médio técnico que, diante das demandas do mercado e das condições econômicas de suas famílias, buscam acessar o primeiro emprego.



Figura 08 - Imagem da tela fique ligado
Fonte: Aplicativo Meu Estágio, 2019

H. Biblioteca Virtual: Essa tela contém links de acesso ao acervo de bibliotecas virtuais brasileiras que disponibilizam livros e outros materiais gratuitamente. É um espaço muito rico para estudo e pesquisa dentro da área de interesse do estudante, pois, diante do reduzido acervo físico que compõe a maioria das bibliotecas escolares, essa é uma possibilidade de acessar diversas obras, de forma gratuita e confiável. É também um espaço de incentivo à leitura, pesquisa e ampliação de conhecimento

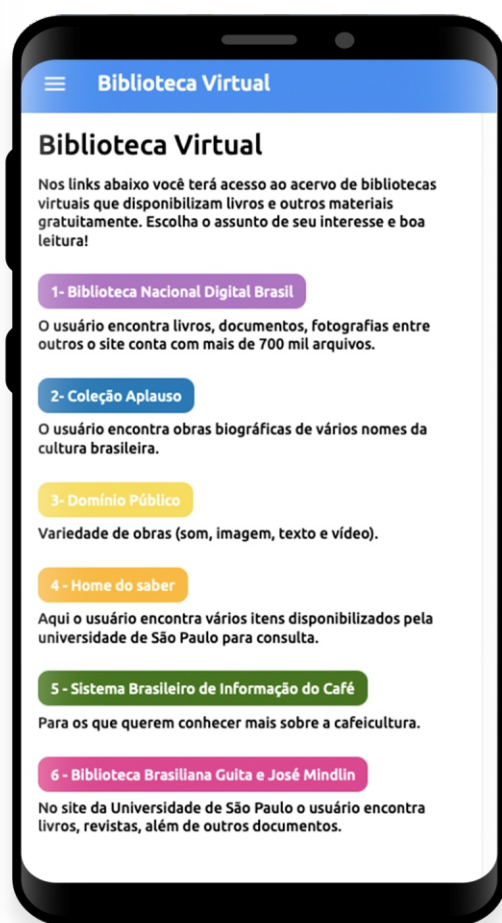


Figura 09 - Imagem da tela biblioteca virtual
Fonte: Aplicativo Meu Estágio, 2019

I. Chat individual e coletivo: Essas ferramentas são úteis para viabilizar a comunicação síncrona e assíncrona entre os usuários. Estão localizadas na mesma tela, mas possuem especificidades que as diferenciam, conforme explicação a seguir.

No chat individual, o usuário pode se comunicar de forma síncrona, ou seja, em tempo real com outro usuário que esteja com o perfil cadastrado no aplicativo ou poderá se comunicar de maneira assíncrona, pois as informações da conversa ficarão gravadas na caixa de mensagens do usuário. Nessa ferramenta o usuário terá garantida a privacidade de sua conversa.

Já o chat coletivo é constituído de comunicação assíncrona. Nesse espaço os usuários podem conversar livremente sobre as questões pertinentes ao estágio, tirando dúvidas ou comentando as suas experiências. Ele possibilita a interação entre todos os atores de estágio. É um espaço para conversa coletiva, portanto todos os usuários cadastrados poderão visualizar e participar da conversa. A figura 10 as telas chat individual e chat coletivo.

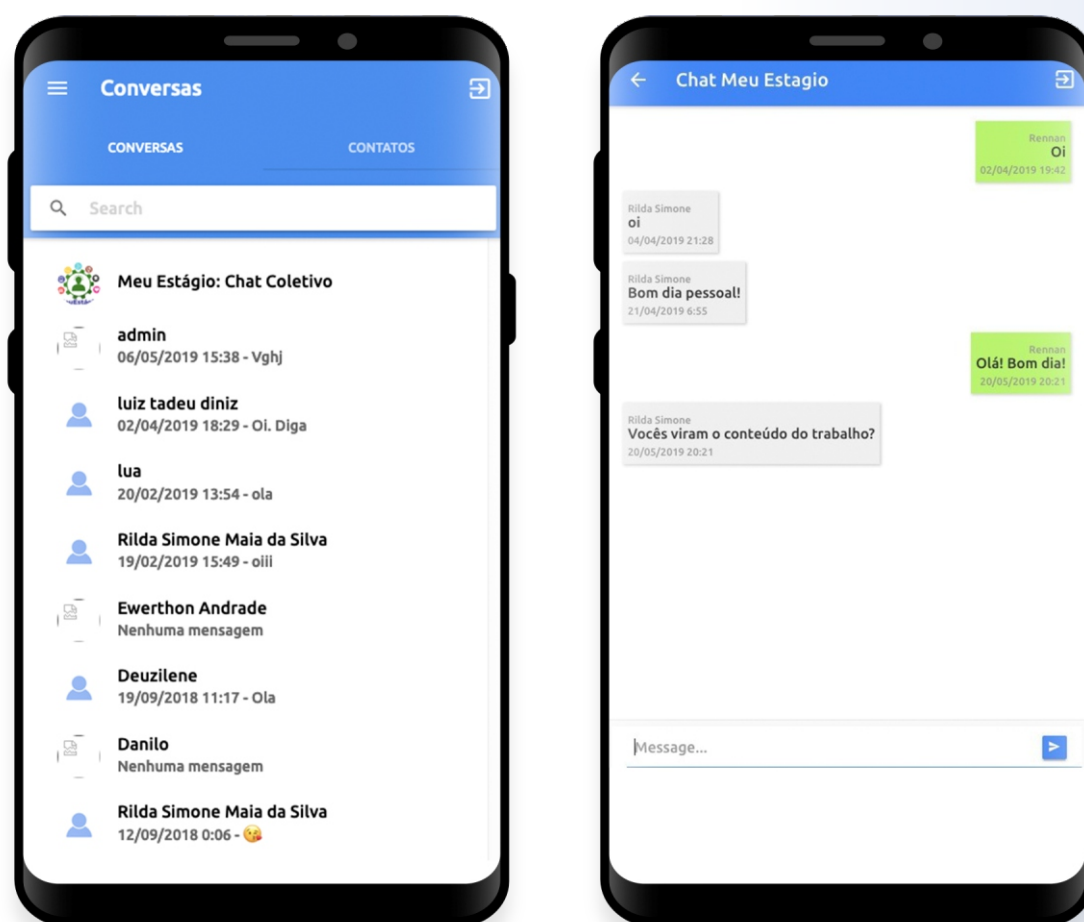


Figura 10 - Imagem das telas chat individual e coletivo
Fonte: Aplicativo Meu Estágio, 2019

5

O PROCESSO DE ALIMENTAÇÃO DO PRODUTO

Para gerenciamento das informações do aplicativo, foi utilizada integração com um sistema de gestão de conteúdo (CMS – Content Management System) largamente usado, denominado Wordpress. Este CMS tem como principais vantagens sua flexibilidade e versatilidade na aplicação em uma diversidade de sistemas web, desde blogs simples a complexos sistemas de comércio eletrônico.

Sua escolha se deu a partir de alguns fatores. Primeiro, por seus recursos disponíveis atenderem a esse projeto de maneira simples e objetiva. Segundo, pois é uma ferramenta de código fonte aberto e de livre utilização, o que dá o suporte necessário para este trabalho ser desenvolvido de forma mais aberta, sem restrições de licenças de uso. Ademais, a familiaridade dos colaboradores no desenvolvimento com as ferramentas utilizadas, ajudaram na escolha deste gerenciador.

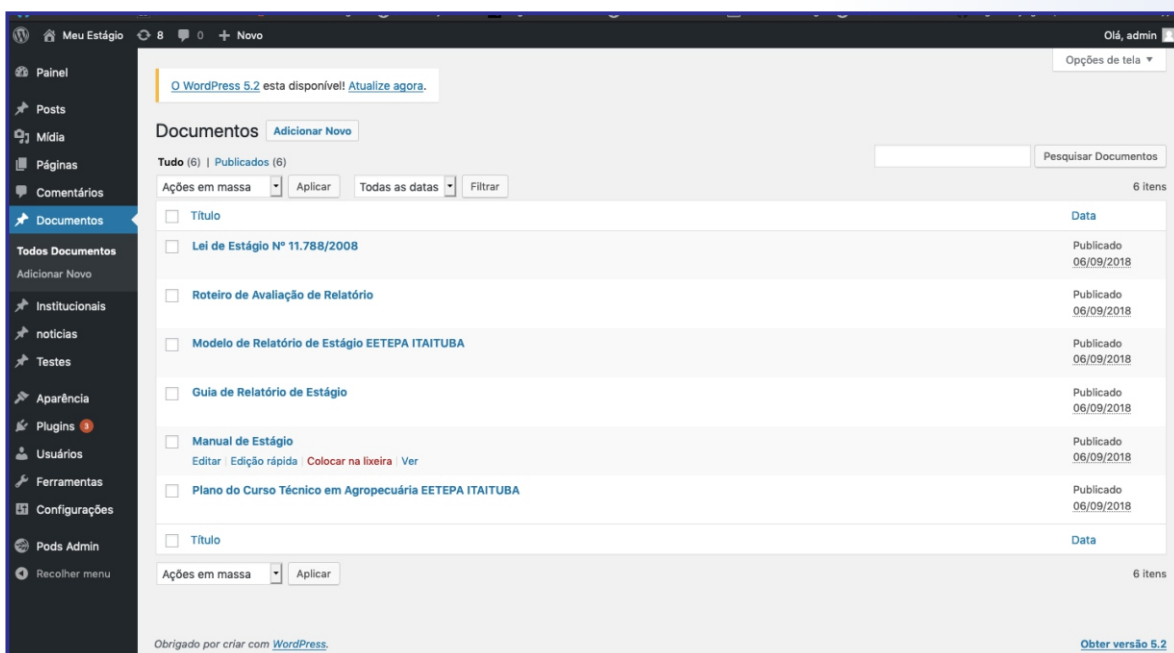


Figura 11 – Interface administrativa
Fonte: Interface administrativa – sistema de gestão de conteúdo

As páginas que são gerenciadas por conteúdo editável no aplicativo são as de Documentos, Informações institucionais e Tela de abertura. O conteúdo dessas páginas pode ser controlado por qualquer pessoa ou profissional da área fim da instituição e/ou da gestão de estágio, não requerendo conhecimento técnico para gerenciamento de seu conteúdo, bastando, apenas, conhecimento em informática básica e acesso à Internet por meio de navegador.

Para atualização das demais funções do App, é necessário conhecimento técnico das tecnologias utilizadas. A tela administrativa da área gerenciável do App pode ser observada na Figura 11.

6

DAS AUTORAS



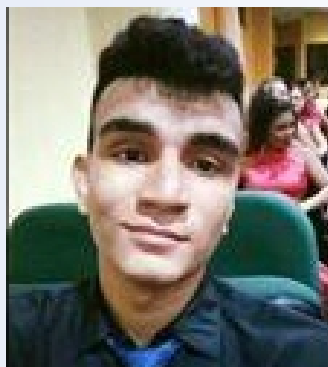
Rilda Simone Maia da Silva é Licenciada Plena em Pedagogia (2005) e especialista em Gestão Escolar e Coordenação Pedagógica pela Universidade Federal do Oeste do Pará (2013). Mestranda em Educação Profissional e Tecnológica na linha de pesquisa Gestão e Organização do Espaço Pedagógica em EPT pelo Programa de Pós-graduação em Educação em Educação Profissional e Tecnológica - PROFEPT/IFAM. (2019). Atua desde 2008 como Especialista em Educação na Secretaria de Educação do Estado do Pará.

A Profa Dra. Deuzilene Marques Salazar é Licenciada em Pedagogia - Orientação e Supervisão Educacional (1998) e especialização em Supervisão Educacional pela Universidade Federal do Amazonas (1999). Mestre em Educação na linha de pesquisa História da Educação, Processos de Trabalho e Novas Tecnologias pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da UFAM (2007). Doutora em Educação pelo PPGE/UFAM (2017). Atua desde 2010 como professora do ensino básico, técnico e tecnológico do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas - IFAM. Desenvolve estudos e pesquisas sobre a política de formação de professores no âmbito da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica.



DOS COLABORADORES

7



Luan dos Santos Brandão é discente do Curso de Ciência da Computação (2015) na Universidade Federal do Oeste do Pará - UFOPA. Possui curso Técnico em Informática pelo Centro de Educação Profissional Esperança - CEPES (2015). Desde 2016 atuando como programador mobile, tendo interesse na área de desenvolvimento móvel e WEB.

Rennan José Maia da Silva é professor da Universidade Federal do Oeste do Pará – UFOPA, na área de redes de computadores, sistemas distribuídos e computação móvel. Possui graduação em processamento de dados (2006) e mestrado em Ciência da Computação, ambos pela UFPA (2012). Já desempenhou o papel de analista de sistemas, assessor de TI e analista de infraestrutura. Desde de 2014 é professor assistente na UFOPA, trabalhando no ensino, pesquisa e extensão, tendo interesse na área de computação móvel, desenvolvimento de aplicativos móveis e sistemas baseados em geolocalização.



Luiz Tadeu Carneiro Diniz é designer gráfico há mais de 20 anos, onde atuou em diversos setores dessa área como gráficas, bureaus de impressão, arte finalização e agências de publicidade, até estabelecer seu próprio escritório em 2011, que leva seu nome. Desde 2012 também executa trabalhos na web como construção de sites e projetos gráficos. Ingressou no curso de Bacharelado em Sistemas de Informação, turma de 2017, na Universidade Federal do Oeste do Pará, onde tem colocado em prática os conhecimentos adquiridos e sua experiência no desenvolvimento de aplicativos para dispositivos móveis.

8

REFERÊNCIAS

DIAS, R. A. Tecnologias digitais e currículo: possibilidades na era da ubiquidade. *Revista de Educação do Cogeime*, Belo Horizonte, ano 19, n. 36, jan./jun. 2010.

DUBAR, Claude. *A crise das identidades: a interpretação de uma mutação*. Porto: Edições Afrontamento, 2006.

DUBAR, Claude. *A socialização: construção das identidades sociais e profissionais*. Trad. Andrea Stanel M. da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

MEIRELLES, L. F. T.; TAROUÇO, L. M. R. Framework para aprendizagem com mobilidade. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE INFORMÁTICA NA EDUCAÇÃO, 17., 2005. Anais... p. 623-633, 2005. Disponível em: <http://www.brie.org/pub/index.php/sbie/article/viewFile/446/432>. Acesso em: 09 dez. 2018.

PRETTO, N. Redes colaborativas, ética hacker e educação. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, v. 26, n. 3, p. 305-316, 2010.

RAMOS, Marise Nogueira. O projeto unitário de ensino médio sob os princípios do trabalho, ciência e da cultura. In: FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria (Org.). *Ensino médio: ciência, cultura e trabalho*. Brasília: MEC; SEMTEC, 2009.

SAVIANI, Demerval. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. *Revista Brasileira de Educação*, v. 12, p. 152-165, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v12n34/a12v1234>. Acesso em: 31 ago. 2007.

ZABALZA, Miguel A. *O estágio e as práticas em contextos profissionais de formação universitária*. São Paulo: Cortez, 2014.